

NOVOS RUMOS

SEP 6 - 1960

ANO II
LR FILE COPY
PLEASE RETURN

Rio de Janeiro, semana de 26 de agosto a 1º de setembro de 1960

Nº 78

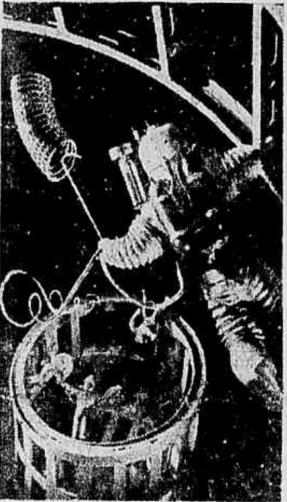
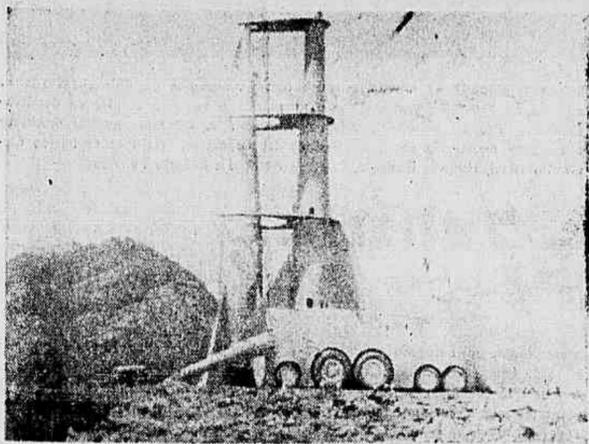
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Diretor — Mário Alves

Gerente — Guttemberg Cavalcanti



A Próxima Etapa: Homem no Cosmo!



A FAÇANHA da URSS, lançando e trazendo de volta à Terra uma enorme «nave-sputnik» de 4.600 quilos, mostrou que está bem próximo o dia em que o homem penetrará nos espaços siderais. Segundo o eminente cientista inglês Lovell, de «Jadrell Bank», a primeira viagem do homem poderá dar-se dentro de poucos meses. As dimensões da astronave que a URSS lançou e recuperou evidenciam que será também o País do Socialismo o primeiro a enviar um homem ao cosmo. Como isto ocorrerá? Aproximadamente como se vê na seqüência: 1) o lançamento da astronave; 2) a montagem da estação cósmica; 3) a plataforma cósmica em órbita em torno da Terra, com a nave lunar ancorada à sua direita; 4) a nave sobrevoando a Lua e, finalmente, 5) os primeiros seres humanos sobre a superfície do satélite natural da Terra. (Do filme soviético «A caminho das estrelas»). Leia na 7ª pág. — Fotos TASS.

LOTT PÕE O DEDO NA FERIDA DINHEIRO DOS TRUSTES ESTÁ CORRENDO NA CAMPANHA DE JÂNIO

Estudantes
vão moralizar
universidades

HA MUITOS anos que se vem desenvolvendo a luta estudantil pela moralização das universidades brasileiras, os jovens cansados de não poderem estudar em virtude do descalabro que impera em nosso ensino superior. As verbas não são aplicadas para melhorar o padrão das escolas, os cateóricos não comparecem às aulas, os estudantes são perseguidos quando reclamam. O Conselho da UNE em Brasília traçará a coordenação da luta. (5a. pág. do 2o. cad.).

Desde 1831
ianques agrirem
América Latina

DURANTE os últimos 130 anos, os Estados Unidos cometeram um sem número de agressões e intervenções contra a América Latina, até que a revolução cubana veio marcar o começo do fim de seu império. Apesar dos esforços de Herter, e da ajuda de Lafer, os norte-americanos sentiram o gosto da derrota dentro da própria OEA, em Costa Rica. Leia matérias, inclusive a lista das agressões ianques, na 7ª página do 1º caderno.

Cariocas levarão
apoio a Lott-Jango
no Largo do Machado

OS NACIONALISTAS da Guanabara promoverão na noite do próximo dia 28 (no Largo do Machado) um grande comício pró-Lott-Jango, com a presença dos candidatos e de numerosos outros oradores — deputados da Frente Parlamentar Nacionalista, dirigentes dos partidos que apoiam a chapa nacionalista e líderes sindicais. Lamentando a atitude de alguns ativistas da candidatura do deputado Sérgio Magalhães, que advogam uma atitude de omissão para com o ato, os comunistas e os nacionalistas mais consequentes da Guanabara estão trabalhando nos bairros e nas fábricas da cidade no sentido de transformar o comício em uma grande manifestação dos trabalhadores e do povo carioca de apoio a Lott-Jango. Pensam eles que a existência da divisão, no plano regional, das forças lottistas da Guanabara — em torno das candidaturas Sérgio Magalhães e Mendes de Moraes — de forma alguma deve prejudicar a atuação incondicional e entusiástica de todos os nacionalistas cariocas em favor de Lott e Jango. Nem mesmo a anunciada presença de Mendes de Moraes no comício deve constituir motivo para essas manifestações de divisionismo.

**URSS
Condenou
Powers
(e os EUA)**
Na 6ª pág. do 2º cad.

LACERDA:

**"DAREI O RESTO DA MINHA VIDA
PARA QUE O ESPÍRITO DE VARGAS,
A INFÂMIA DE VARGAS,
O CRIME QUE SE CHAMA VARGAS
DESAPAREÇAM
DA FACE DESTA NAÇÃO"**

Na 1ª página do 2º caderno, ampla reportagem
sobre o 24 DE AGOSTO

A FIRMANDO que os poderosos grupos econômicos e financeiros estão custeando a fabulosa propaganda da candidatura de Jânio Quadros e visam inclusive a monopolizar todos os meios de transporte no dia das eleições, o marechal Teixeira Lott, em entrevista coletiva à imprensa e em novos pronunciamentos, no Norte, denunciou nos últimos dias a intervenção dos trustes no processo eleitoral brasileiro, acentuando, ao mesmo tempo, fortemente, as cores entreguistas de seu principal opositor. A entrevista do marechal Teixeira Lott, que estourou com o efeito de uma verdadeira «bomba», provocou enorme abalo nos arraiais políticos mais ligados ao candidato de «Esso», e foi ampliada, nos dias seguintes, com vários pronunciamentos de dirigentes das forças nacionalistas, todos eles trazendo a lume inúmeros fatos que confirmam a gravidade das denúncias feitas e positivando a insolente participação dos trustes ao lado do sr. Jânio Quadros. A denúncia do marechal Teixeira Lott, por outro lado, colocou em situação difícil a candidatura entreguista, que não se sentiu em condição para enfrentar pessoalmente a acusação, enquanto seus companheiros de empreitada, cavando explicações de última hora, apenas conseguiram deixar clara a posição indefensável do amigo de Rockefeller. (Leia na 3a. página do 1º caderno).

Reformulação

ORLANDO BOMFIM JR.

A CONDUTA do sr. Lafer na OEA vem mostrar mais uma vez que a política do Itamarati constitui motivo de vergonha para o governo brasileiro e de indignação para o povo. Lá não tem sido dita a palavra do Brasil. Quando o sr. Lafer abre a boca e move os lábios, é a voz do ventríloquo Tio Sam que se ouve.

DE TODOS os setores do governo, o das relações exteriores se revela, sem dúvida, o mais retrógrado e obscurantista. É o que mais se divorcia da vida do país. Enquanto o sentimento nacional se fortalece, com base num progresso econômico que leva de maneira objetiva à luta pela conquista da completa emancipação, os carcomidos do casarão da rua Larga continuam de espinha dobrada, servilmente obedientes às ordens do Departamento de Estado norte-americano. Afastam-se, dessa forma, da defesa dos interesses de nossa pátria e se cobrem, ainda por cima, de ridículo, pois agem como atores miopes que não percebem que o cenário mudou e praticassem no palco uma série de disparates.

INSISTE, por exemplo, nosso Ministério do Exterior, em desconhecer a realidade dos países socialistas. São 989 milhões e 600 mil seres, ocupando 35 milhões e 200 mil quilômetros quadrados da superfície da Terra. Dentro de poucos anos, de suas fábricas sairá mais da metade da produção industrial do mundo. Sua ciência e sua técnica já invadiram o Cosmos, aliás numa viagem de ida e volta... Mas o Itamarati não toma conhecimento de nada disso. Ele reproduz, assim, grotescamente e às avessas, a anedota do espanhol que, embora não acreditando em fantasmas, assegurava que existiam. Os países socialistas existem, mas o Itamarati não acredita.

E A MIOPIA é tão grande que não permite enxergar nem na ponta do nariz. A realidade da América Latina está aí, nítida e palpante, com os povos irmãos no mesmo esforço combativo pelo progresso e a independência, com os imperialistas norte-americanos sendo apunhados, apedrejados e cuspidos na cara. A

própria OEA, derrotando as manobras de Mr. Herter que, através da «democratização» da República Dominicana, tentava ao mesmo tempo salvar Trujillo e abrir o caminho da intervenção em Cuba, nos oferece um sinal dos novos tempos. Mas o Itamarati nada vê, ou nada quer ver. Lafer agiu não como representante do Brasil, de um país soberano, mas como simples «boy» de recados do delegado norte-americano. Teve por isso mesmo que engulir em seco, por duas vezes, a acusação de subserviência, feita pelo ministro Raúl Roa. E a verdade é a seguinte: naquele momento, o representante cubano era quem realmente estava defendendo os interesses do povo brasileiro, que não quer ser capacho de ninguém e também está decidido a se libertar da espoliação dos monopólios ianques.

OS FATOS mostram, assim, o que vem a ser a tão decantada OPA. Surgiu como uma espécie de grilo de guerra, exigindo a reformulação do pan-americanismo em nome do combate ao subdesenvolvimento. Exatamente naquela época, Mr. Nixon acabava de fazer sua agitada «tournee», entre pedras e xingamentos, por alguns países da América Latina. A carta de Kubitschek a Eisenhower era, segundo alguns diziam, a faca afiada pelo rombudo Schmidt) no peito do governo dos EUA. Para arrancar dinheiro — completavam outros. Não passa, porém, de um manto que procura encobrir a continuação da velha política de um pan-americanismo de subserviência ao Departamento de Estado, vale dizer, de submissão aos Interesses dos monopólios norte-americanos, exatamente os principais aproveitadores do nosso atraso econômico. Onde a reformulação e o combate ao subdesenvolvimento?

NO ENTANTO, a necessidade de reformular existe, como igualmente existe e se desenvolve a luta nacionalista em defesa da soberania nacional e do desenvolvimento independente da economia brasileira. E o que se precisa reformular, mudar inteiramente, é a política seguida pelo Itamarati, que não pode permanecer como uma seção do State Department.

NO PALÁCIO DA ALVORADA:

Trabalhadores Exigem Previdência Sem Vetos

O líder sindical Clodsmith Riani, vice-presidente da CNTI, foi indicado pela Comissão Executiva Pró IV Congresso Sindical Nacional para falar em nome dos trabalhadores brasileiros, no próximo dia 26, às 10 horas, no Palácio da Alvorada, em Brasília, quando o Presidente da República sancionará a Lei Orgânica da Previdência Social.

Essa decisão foi adotada na primeira reunião da Comissão Executiva eleita no III Congresso Sindical Nacional, realizada na última sexta-feira, na sede da Federação Nacional dos Ferrovários, onde os líderes sindicais promoveram o seu primeiro encontro para discutir a adoção de medidas destinadas a coordenar a execução das resoluções aprovadas no III Congresso. Nesse sentido foi deliberado o envio de um telegrama ao presidente da República dando-lhe conhecimento da posição dos trabalhadores brasileiros, que decidiram, em seu último conclave, lutar contra a oposição de qualquer veto à Lei Orgânica da Previdência Social. Independente do telegrama, uma comissão de dirigentes sindicais foi incumbida de dirigir-se à Brasília, para conversar pessoalmente com o sr. Juscelino Kubitschek sobre o assunto.

atitude antilutatória, contrapondo-se às decisões de todos os Congressos, Conferências e Convenções nacionais, regionais e estaduais, e negando tudo que antes havia sido dito na Carta Econômica da CNTI e no Decálogo dos Trabalhadores. Essa atitude, vivamente condenada pelo plenário, serviu para comprovar de forma magnífica o profundo sentimento unitário que domina os trabalhadores.

Não obstante essas atitudes que se chocam com o espírito que anima os trabalhadores e dirigentes das organizações filiadas àquelas Confederações, queremos declarar que a CNTI, CNTT e CNTC não podem ser confundidas ou identificadas com essas manifestações de alguns de seus atuais dirigentes. Pertencem, aqueles Confederações, inteiramente, à classe trabalhadora, que se esforçará para torná-las sempre mais fortes, a fim de serem efetivos baluartes na defesa dos interesses e da unidade de todos os trabalhadores brasileiros.

Se é que os companheiros Deocléciano de Holanda Cavalcanti, Sindulto de Azevedo Pequeno, Angelo Parmigiani e Ary Campista querem merecer o honroso título de Dirigentes Sindicais, que reconsiderem seu ato e modifiquem sua posição, retornando aos postos que abandonaram.

Quem participou

A primeira reunião da Comissão Executiva Pró IV Congresso que decidiu iniciar imediatamente a sua tarefa na luta pela conquista das reivindicações dos trabalhadores brasileiros, contou com a participação dos líderes sindicais: Clodsmith Riani, vice-presidente da CNTI; Huberto Pinheiro Meneses, presidente da CONTEC; Geraldo Costa Mattos, diretor procurador da CNTT; Othon Canêdo Lopes, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronáuticos; Ernesto Fonseca, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronáuticos; Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores; Felipe Rodrigues, secretário da Federação Nacional dos Portuários; Nelson Mendonça, secretário da Federação Nacional dos Marítimos; Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferrovários; Nelson Mendes, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores em Indústrias Urbanas; Newton de Oliveira, da Federação Nacional dos Gráficos; Osmlido Stafford, da CONTEC; e outros dirigentes sindicais.



Os líderes reuniram-se depois do Congresso

Sob a presidência do líder Clodsmith Riani, realizou-se na última sexta-feira, na sede da Federação Nacional dos Ferrovários, a primeira reunião da Comissão Executiva Pró IV Congresso Sindical Nacional. A Comissão decidiu promover a imediata divulgação das resoluções do III Congresso. Na foto os líderes Clodsmith Riani, Huberto Meneses, Oswaldo Pacheco e Ernesto Fonseca

Documento à Nação

A Comissão Executiva decidiu promover a imediata divulgação das resoluções adotadas no III Congresso Sindical Nacional, entre as quais o manifesto aprovado em sua última sessão plenária, cujos trechos fundamentais NOVOS RUMOS publicou em primeira mão, em sua última edição. É o seguinte o texto integral do manifesto.

«O III Congresso Sindical Nacional, que reuniu trabalhadores de todo o Brasil e que ora se encerra, representou, sem dúvida, uma esplêndida demonstração de vitalidade, de inquebrantável ânimo unitário, de elevado espírito nacionalista.

Suas resoluções, que significam a coroamento das deliberações de incontáveis reuniões sindicais, trazidas ao debate por mais de 2.500 delegados de todos os rincões de nossa Pátria, serão nossa bandeira de luta, nossa orientação, nosso chamamento à maior e mais profunda organização da classe trabalhadora.

A unidade de nossa classe com todo o povo tem sido e será sempre o grande fator para que o Brasil avance, sem cessar, no caminho de sua independência econômica, vencendo as forças dos trusts e monopólios imperialistas, que por tantos anos têm esmagado nossa Terra e nosso povo, e que hoje querem estrangular os povos oprimidos do mundo.

Nosso Congresso decorreu em ambiente de incontestável unidade. Infelizmente, por mais uma vez os companheiros Deocléciano de Holanda Cavalcanti, Sindulto de Azevedo Pequeno, Angelo Parmigiani e Ary Campista, que participavam da direção de nosso III Congresso, conseguiram fazer-se acompanhar por alguns outros componentes da CNTI, CNTT e CNTC e retiraram-se de nosso meio, numa

Com entusiasmo e união, cumprimos as decisões do III Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores e nos aprestamos para que, quando da 3ª Conferência Sindical Nacional a se realizar em novembro de 1961, e por ocasião do IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, que convocamos para agosto de 1962, possamos dar novos e importantes passos no caminho da unidade e organização de nossas forças, cónscios de que, desse modo, estamos contribuindo para que o proletariado possa cumprir sua missão histórica, para desenvolvimento progressista e democrático da nação brasileira.»

O Plenário Deliberativo

Dando prosseguimento ao trabalho de coordenação e execução das decisões do III Congresso, a Comissão decidiu recomendar às entidades sindicais de todos os Estados e Territórios que promovam a eleição imediata dos seus delegados ao plenário Deliberativo da Comissão Executiva Pró IV Congresso Sindical Nacional. Cada Estado ou Território, conforme a resolução do III Congresso, elegerá três delegados ao Plenário Deliberativo, que se reunirá ordinariamente de seis em seis meses, para discutir e adotar as medidas que ache conveniente para tornar vitoriosas as resoluções do último conclave sindical nacional. A eleição dos delegados poderá ser feita através dos Conselhos Sindicais Estaduais.

Todas as medidas nesse sentido deverão ser comunicadas à secretaria da Comissão Executiva Pró IV Congresso, que já se encontra funcionando provisoriamente na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Crédito, na Av. Presidente Vargas, 502, 21º andar.

Aeronautas e Aeroviários Vão Pousar em Pôrto Alegre

Será realizado de 31 do corrente a 3 de setembro próximo, na cidade de Pôrto Alegre, o II Congresso Nacional dos Trabalhadores na Aviação Comercial. O conclave, que reunirá os representantes dos aeronáuticos e dos aeroviários de todo o País, marcará uma nova etapa na luta que os trabalhadores desse importante setor de atividade vêm mantendo em defesa das suas reivindicações, da nacionalização das empresas de aviação comercial, e pela segurança de vôo.

As sessões do Congresso dos Trabalhadores na Aviação Comercial obedecerão ao seguinte tema: 1) Legislação da Previdência Social; 2) Estudos da Consolidação das Leis do Trabalho em relação aos trabalhadores em transporte aéreo e afins; 3) Sindicalismo, Liberdade e Autonomia Sin-

dical; 4) Industrialização, Aeronáutica e Problemas inerentes à Aviação Comercial; 5) Problemas econômicos específicos da Aviação Comercial; 6) Segurança de vôo; 7) Reformas de Estatutos.

Apoio ao III Congresso

O conclave nacional dos trabalhadores na aviação comercial será, talvez, o primeiro a referendar as resoluções do III Congresso Sindical Nacional recentemente realizado no Estado da Guanabara.

A propósito do assunto, nossa reportagem ouviu o líder aeroviário Moacir Palmeira, que nos declarou: — As resoluções do III Congresso Sindical dos Trabalhadores refletiram as mais sentidas aspirações do movimento sindical brasileiro e não re-

presentaram, para nós da aviação comercial, nenhuma novidade. Até mesmo o item que constitui o ponto da discordância entre a maioria esmagadora dos congressistas e a minoria de desertores, que foi a questão das nossas relações com o movimento sindical internacional, já havia sido resolvido no I Congresso Nacional dos Trabalhadores na Aviação Comercial, realizado no Rio de Janeiro, em agosto de 1958.

Com efeito — acentua Moacir Palmeira — há dois anos já os aeronautas e aeroviários de todo o País haviam decidido lutar para que as nossas entidades não se filiassem a nenhuma organização sindical internacional, mas que mantivessem com todas elas, sem distinção, relações amistosas e de colaboração. Decidimos, ainda, que o movimento sindical brasileiro só deveria se filiar a entidade internacional que surgisse como resultado da reunificação de todas as entidades sindicais internacionais existentes. Essa, em linhas gerais, foi também a decisão do III Congresso Sindical Nacional que não constitui, para nós, portanto, nenhuma novidade.

aeronautas, a conquista do aumento salarial para os aeroviários, depois de uma greve nacional, a contratação do Hospital da Ordem de São Francisco dos Mínimos para atender os segurados da CAPFESP no Estado da Guanabara, o aumento da Cota de Previdência para a CAPFESP, e outras reivindicações que haviam sido formuladas no I Congresso.

Mas a reivindicação fundamental dos aeronautas, que é a regulamentação da profissão, ainda não foi resolvida até hoje. A regulamentação da profissão do aeronauta está relacionada com o problema da segurança de vôo, assunto que empolga não só os trabalhadores do ar, mas toda a imensa massa de passageiros que se servem do transporte aéreo em nosso País. Essa questão, segundo nos informou o comandante Ernesto Fonseca, voltará a ser debatida no próximo conclave, que deverá decidir o revigoreamento da campanha nacional visando a manutenção da Portaria Interministerial que regulamenta a profissão de aeronauta.

O Congresso será realizado na sede do Sindicato dos metalúrgicos de Pôrto Alegre, e a sua Comissão Organizadora é composta dos líderes Ernesto Fonseca, Murilo Pinheiro, Odilon Silva de Miranda, João Silva de Mattos, Waldir Crasso, Gilberto Alves Ramalho, Jayme Baptista Guimarães, Cristóvão Colombo e Othon Canêdo Lopes.

EM VOLTA REDONDA

1.ª Conferência Dos Metalúrgicos Latino-Americanos

ROBERTO MORENA

Criada a Comissão Consultiva

Em meio da mais franca cordialidade e confraternização, encerrou-se na noite de 17 último, em Volta Redonda, a 1ª Conferência Latino-Americana dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânica e de Material Elétrico e Similares. Durante três dias foram passadas em revista, pela primeira vez, questões relativas à vida e às reivindicações dos metalúrgicos de nosso continente. Elaborou-se um programa comum para os metalúrgicos da América Latina e criou-se uma Comissão Consultiva entre as organizações sindicais dos metalúrgicos e similares, que continuará os trabalhos da Conferência.

Programa de ação

A Conferência aprovou unanimemente o seguinte programa de ação para os trabalhadores metalúrgicos da América Latina: a) melhoria dos salários da categoria profissional; b) defesa do poder aquisitivo dos salários, contra o aumento dos preços e a inflação; c) redução da jornada de trabalho sem diminuição dos salários; d) pagamento de adicionais no trabalho extraordinário ou noturno; e) aplicação do princípio: para igual trabalho, igual salário, às mulheres e aos homens; f) garantia de trabalho à mulher casada; g) contra o método de intensificação do ritmo de trabalho; h) pela melhoria da Previdência Social; i) amplo direito de greve; j) reconhecimento oficial do direito das entidades sindicais de defenderem e representarem os trabalhadores, coletiva e individualmente; k) contrato coletivo de trabalho; l) livre funcionamento das organizações e sua completa autonomia; m) defesa e desenvolvimento da indústria metalúrgica e de material elétrico em bases nacionais; n) emancipação das indústrias siderúrgicas e de material elétrico, fundamentais para a economia do país e que se encontram sob o domínio dos trusts estrangeiros; o) ajuda do Estado à indústria siderúrgica e metalúrgica; p) comércio com todos os países do mundo; q) regulamentação e disciplina de capitais estrangeiros; r) reforma agrária e s) salvação da paz e desarmamento geral e completo.

Delegações participantes

Tomaram parte na Conferência: Virgílio Benavides Mieres, Miguel Angel Borges, Júlio César Cacique, Henny Croes, Renê Margarida de Croes, Gregório Tirado Bravo, Washington Miguel Caraballo, Rosário Pietraroia e Armando Romero, representando várias entidades sindicais da Venezuela; Mauro Baulista Bravo, da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos do Peru; Elias Mallea Bravo, da Federação Nacional dos Metalúrgicos do Chile; Juan José Fernandez do Movimento Unificador dos Metalúrgicos da Argentina; Ricardo Esperanza Leivas, da Confederação dos Trabalhadores do Paraguai (no exílio); Giacomo Aducci, da União Internacional dos Metalúrgicos e Mecânicos (Departamento Profissional da FSM) e Marcel Bras, metalúrgico e Secretário da FSM.

A Delegação do Brasil se compunha de cerca de 90 metalúrgicos, representantes de organizações sindicais de 15 Estados.

À sessão de encerramento, realizada na Escola Técnica Pandia Calogeras, onde se efetuou a Conferência, compareceram autoridades, delegações operárias de Barra Mansa e Volta Redonda, diretores e trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional. Foi presidida pelo sr. Wandy de Carvalho, Secretário do Trabalho e representante do governador Roberto Silveira.

Segurança de vôo

O Congresso dos Trabalhadores da Aviação Comercial realiza-se para dar um balanço nesses dois últimos anos de luta, nos quais grandes vitórias foram alcançadas pela categoria, entre elas a aposentadoria especial para os

Nota Sindical

O Bambolê Caiu Mesmo

O êxito do III Congresso Sindical Nacional continua exigindo a utilização em larga escala das caríssimas colunas dos jornais mais reacionários do País. Órgãos como «O Estado de São Paulo», «O Globo», e «Correio da Manhã», que nunca moveram uma palha em defesa das reivindicações das massas trabalhadoras, surgiram agora como paladinos da unidade sindical. E tome reportagens, enquetes e entrevistas de condenação aos «vermelhos» que provocaram o fracasso do Congresso, promovendo, com seus ferríveis métodos, coação psicológica e agressão física, a irremediável cisão no conclave...

Fala-se que o pior cego é aquele que não quer ver. E é exatamente essa a espécie de cegueira dos porta-vozes categorizados da embaixada norte-americana. Eles viram, melhor do que ninguém, que o III Congresso Sindical Nacional foi um dos mais belos espetáculos de unidade das massas trabalhadoras que já se presenciou no País. Eles viram, ainda melhor do que ninguém, que os trabalhadores marcharam pelo seu próprio rumo, repudiando, de modo sereno, mas enérgico, a ação de pequenos grupos de provocadores que, desde a sessão de instalação do conclave, tentaram criar condições para a sua dissolução.

O primeiro barulhento a surgir no Congresso, provocando tumulto na sua primeira reunião, foi justamente um falso delegado dos metalúrgicos cariocas, que acabou sendo desmascarado e expulso do recinto pelo próprio Presidente do Sindicato. Esse pseudo delegado tinha uma credencial assinada pelo sr. José Veloso, o mesmo indignado e probo Veloso que provocou a saída trôpega e cambaleante do sr. Holanda Cavalcanti da mesa do Congresso, com a denúncia das «credenciais falsas».

Os atos de provocação iniciados desde a primeira sessão do conclave eram o resultado do desespero dos inimigos do movimento operário, que sabiam ser impossível impedir os seus pontos-de-vista ao plenário. E porque sabiam disso procuraram impedir a realização do conclave, ou, pelos menos, «rachá-lo» desde o princípio. Mas não houve plano de desse certo. E é por causa disso que os porta-vozes da ORIT, CIOSL e da embaixada americana continuam alimentando nos jornais reacionários a «divisão» que não conseguiram promover no Congresso. Eles perderam o rebolado, ou, se não perderam, estão com o bambolê caído.

Mas a «divisão» não foi completa. E é o próprio «Correio da Manhã» que afirma, em sua edição de 8 do corrente, ao registrar o telegrama que o sr. Charles Edgar Moritz, presidente da Confederação Nacional do Comércio, enviou ao sr. Angelo Parmigiani, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, congratulando-se com a sua deserção do Congresso dos Trabalhadores. Como se vê, os tubarões do comércio, exploradores dos comerciários e do povo, continuam solidamente unidos ao sr. Angelo Parmigiani e aos seus companheiros fujões. Foi essa «unidade» que os Trabalhadores repudiaram.

A verdade é que o movimento sindical brasileiro segue o seu próprio ritmo. Os trabalhadores, que vêm alcançando maiores vitórias à medida que reforçam a sua unidade, começam a se movimentar em seus Estados, nos municípios, e nas fábricas, divulgando as resoluções do Congresso e lutando pela sua aplicação. As organizações inter-sindicais nos Estados já estão promovendo a eleição dos seus três delegados ao Plenário da Comissão Executiva Pró-IV Congresso Sindical. Essa Comissão reunir-se-á nos próximos meses com o seu Plenário Deliberativo, para dar o primeiro grande balanço dos resultados do III Congresso. Assim é e assim será. A unidade se faz em torno de um justo programa de reivindicações e de luta pela sua execução. O III Congresso aprovou um justo programa de reivindicações. O caminho está aberto a todos aqueles que quiseram lutar pela sua execução. A «divisão» nas colunas dos jornais reacionários talvez perdure por algum tempo. Isso é problema deles. O que eles não conseguiram e nem conseguirão, é promover a divisão no movimento

Defende Teu Direito

A.G. (Estado da Guanabara).

O consulente é motorista, encarregado de dirigir caminhão pertencente a Fábrica de Tecidos. Seus salários são majorados, sistematicamente, de acordo com os dissídios ajustados pelo Sindicato dos Empregados nas Indústrias de Fiação e Tecelagem. Quer saber o consulente se está correto o critério adotado.

— Não está certo. Efectivamente, segundo o art. 511 e parágrafos da Consolidação das Leis do Trabalho, vigora, em regra, o princípio do enquadramento sindical, pela atividade econômica da empresa. Dêlo Maranhão, em «Instituições do Direito do Trabalho», págs. 189/200, afirma que um dolo gráfico pode ser comercial, industrial ou bancária, conforme a natureza do estabelecimento empregador.

Os motoristas, entretanto, integram categoria profissional diferenciada, a qual, segundo o referido art. 511 § 3º da Consolidação das Leis do Trabalho... é a que se forma dos empregados que exercem profissões ou funções diferenciadas por força de estatuto profissional especial ou em consequência de condições de vida singulares.

Com relação às categorias profissionais diferenciadas, não vigora a regra geral do enquadramento sindical pela atividade econômica da empresa, mas o critério excepcional, pela atividade específica do empregado.

No caso do consulente, motorista que é, seus salários serão sempre majorados, segundo os acordos salariais e os dissídios coletivos celebrados e ajustados pelo Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos do Rio de Janeiro. Por sinal, o T.S.T. — D. C. 49/59, fixou para os motoristas o salário profissional de Cr\$ 8.000,00 e para os ajudantes de caminhão, o salário de Cr\$ 6.500,00. As horas extraordinárias serão pagas com um acréscimo de 50%. O Sindicato a que o consulente deve se filiar, não é o Sindicato dos Empregados nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, mas o Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos.

O entendimento dos Tribunais Trabalhistas, a respeito, tem sido inconstante. Em acordo da lavra do Desembargador José Saig Salgado Bastos (Proc. 1.188/60) ficou fixado que: — «Tratando-se de categoria profissional diferenciada, o enquadramento sindical pela atividade da empresa desse ao enquadramento pela atividade específica do empregado.

Por igual, o Ministro Bezerra de Menezes, no tratar do assunto (Proc. T.S.T. 5.393/51), in D.J. 26.6.1953, pág. 1.771/2, deixou claro que: — «O critério adotado pela nossa sistemática sindical é o da prevalência da atividade econômica (C.L.T. art. 511 § 2º), excetuadas as categorias profissionais diferenciadas, COMO CONDUTORES DE VEÍCULOS, vendedores praeistas (art. 511 § 3º). Assim, para cumprimento de sentença normativa que determina aumento de salários para os empregados das empresas que exploram serviços diretamente relacionados com a atividade preponderante da empresa e os que trabalham em serviços acessórios, quando não integram categoria profissional diferenciada.»

Em síntese: — Se o consulente é motorista, deve ser filiado ao Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos. Deve ter seus salários majorados por acordos normativos celebrados e por dissídios coletivos ajustados por este Sindicato. Deve receber as suas contribuições para o I.A.P.T.E.C. E já tem fixado o salário mínimo profissional em Cr\$8.000,00 (EST) D.C. 49/59), mais 50% sobre as horas extraordinárias trabalhadas, não importando a natureza do estabelecimento empregador.

Everaldo Martins

Nelson Azevedo

LOTT PÓS O DEDO NA FERIDA:

Dinheiro Dos Trustes Está Correndo na Campanha de Jânio

A denúncia feita pelo marechal Teixeira Lott durante a entrevista coletiva que concedeu à imprensa quarta-feira passada, apontando a intervenção de poderosos grupos econômicos e financeiros, numa ofensiva de corrupção sem precedentes em nossa história, visando a eleger o candidato entreguista Jânio Quadros, produziu desde os primeiros instantes um verdadeiro impacto em todos os círculos políticos, sacudindo a opinião pública nacional para a extrema importância da batalha que vai culminar nas urnas, a 3 de outubro próximo.

«Esses grupos — disse o marechal Lott — empenham-se em impedir a vitória da causa nacionalista que representamos. E não há notícia em nossa história de tão larga e custosa publicidade a favor de uma candidatura à Presidência da República, por todos os meios de divulgação, como vem ocorrendo com relação ao senhor Jânio Quadros. Os programas de rádio e televisão, por força de vultosos contratos, estão sendo monopolizados nos seus melhores horários... Centenas de veículos, de outro lado, surgem misteriosamente nos mais diversos recantos do território nacional para sua propaganda, em evidente contraste com o justo comedimento de nossos gastos, e em muitos pontos do interior já se verifica o acampamento dos meios de transportes coletivos locais para a condução dos eleitores a 3 de outubro, por preços que se vão tornando inacessíveis aos meios de que poderão dispor nossos correligionários... É fora de dúvida, assim, que a vontade do povo poderá resultar viciada, pela influência do poder econômico».

Amaral Peixoto e os nacionalistas endossam a denúncia

A denúncia do marechal Lott foi secundada imediatamente por vários dirigentes das forças nacionalistas, e o primeiro que a subcreveu foi o presidente do PSD, sr.

Amaral Peixoto, em entrevista ao «Jornal do Brasil», destacando o «caráter anormal» da campanha do sr. Jânio Quadros e afirmando que «nunca houve, realmente, no Brasil uma propaganda em tais proporções». «O fenômeno denunciado pelo marechal Lott existe — acrescentou, frisando que «é preferível que o povo saiba, precisamente, de onde vem o dinheiro gasto pelos partidos na preparação do pleito e na propaganda de seus candidatos».

O deputado Hélio Ramos, republicano da Bahia, falando à imprensa, no dia seguinte, assinalava: «Milhões de cruzeiros estão correndo na campanha janista, vertidos pelos grupos econômicos interessados em esmagar a Petrobrás e outras conquistas nacionalistas de nosso povo. Por seu lado, o Banco do Estado de São Paulo, manipulado pelo sr. Carvalho Pinto, derrama verbas a torto e a direito por todo o interior bandeirante, cumprindo um plano caracteristicamente eleitoreiro». O sr. Hélio Ramos, que acabava de regressar de uma excursão pelo Nordeste, adiantou mais: «Vimos em cada uma das cidades que visitamos a presença de dinheiro em largas proporções, na campanha janista».

Quase no mesmo momento, falando aos jornalistas cariocas, o deputado Celso Brandt, também do Partido Republicano, respondendo a uma pergunta sobre quais seriam os grupos econômicos e financeiros mencionados pelo marechal Teixeira Lott, afirmou: «São os mesmos que atuam em outros países subdesenvolvidos, caracterizando-os, assim, de forma inequívoca, como forças alienígenas que querem manter, a todo transe, o seu domínio sobre nossa Pátria».

Na Câmara da Guanabara, o deputado do Guilherme Malaquias juntou novos elementos, corroborando as palavras do candidato nacionalista. Disse, em discurso, na sexta-feira última: «Há um grupo econômico inicialmente nacional, mas, posteriormente, integrante de um consórcio internacional, que, conforme declarações do sr. Jânio Quadros, financiou sua viagem em torno do mundo, aos países da Europa, Ásia, África e América, e custeou em grande parte a sua candidatura. Refiro-me ao grupo «Fontoura-Wyett», formado com o nome do antigo Laboratório Fontoura, ficando o sr. Fontoura com um pequeno número de ações e entrando esse grupo no consórcio internacional da «Squibb», que possui 65% dos laboratórios químicos e farmacêuticos do Brasil. Comprou a «Bayer» da Alemanha e a «Bayer» do Brasil, que era subsidiária da alemã, a «Pontosan» e quase todos os antigos laboratórios nacionais, hoje subsidiários da «Squibb». Esse é um dos grupos que subvencionam Jânio — disse o deputado Malaquias — acrescentando que «os demais serão apontados pelo marechal Lott no momento oportuno».

Carvalho Pinto compra votos por atacado e a varejo

O marechal Lott, ainda em sua entrevista coletiva, apontou a ação corruptora do governador de São Paulo, sr. Carvalho Pinto, cujo «Trem de Ouro» em plenas vésperas de eleições percorre o Estado distribuindo favores e dinheiro em troca de compromissos de apoio a Jânio.

«Esse chamado «Trem Municipalista» — disse o marechal — por onde passa vai conseguindo misteriosamente adesões de prefeitos e vereadores até então contrários ao candidato da UDN». Mas a verdade é que a compra de apoio com os dinheiros públicos e com os recursos do «Banco do Estado de São Paulo» não se restringe ao Estado bandeirante. A poderosa máquina do Banco do Estado de São Paulo estende a quase todas as unidades da Federação as suas operações de fundo eleitoral, numa ofensiva desabalada à busca de caudilhos que possam engressar as fileiras do candidato entreguista.

O caso do prefeito Loureiro da Silva, de Porto Alegre, é dos mais flagrantes. Quando da primeira visita de Jânio ao Rio Grande, Loureiro, que ainda não havia negociado sua adesão, fugiu de Porto Alegre para não se comprometer politicamente com o candidato dos trustes. Mas, os entendimentos que visavam a sua incorporação ao bando do amigo de Rockefeller foram tocados para a frente. Pouco depois, foram abertos os cofres do Banco do Estado de São Paulo, ao prefeito de Porto Alegre que recebeu um empréstimo de 250 milhões de cruzeiros, e imediatamente se jogou de corpo e alma à campanha janista.

Outro caso semelhante é o que se refere à guinada de 180 graus do governador Cid Sampaio, de Pernambuco, que, não conseguindo os empréstimos que pleiteava junto ao Governo Federal, abandonou a coalizão nacionalista, que o elegera, para aceitar 300 milhões, que o Banco do Estado de São Paulo forneceu ao Tesouro pernambucano. Cid agora percorre o País nas caravanas de Jânio, e, com os recursos que obteve, realiza no seu Estado a mesma política de Carvalho Pinto em São Paulo, numa corrida desesperada à compra de adesões à candidatura entreguista.

A corrupção desencadeada pelos trustes a favor do sr. Jânio Quadros abrange inclusive os partidos situacionistas, como ocorreu com o sr. Floriano Rubim e vários deputados da bancada do PTB na Assembléia Legislativa do Espírito Santo. A única justificativa para a adesão de Rubim e seu grupo ao candidato da «Vassoura de Ouro», disse o deputado Ramon de Oliveira, também do PTB capixaba, «está em dois cheques de três milhões de cruzeiros, assinados pelo líder janista Aranha Cardoso, e depositados no Banco da Lavoura, em Vitória, para o pagamento desse apoio». Pelo mesmo processo, um setor do PTB maranhense passou-se para o campo entreguista.

Também o sr. Etelvino Lins, que hoje integra a coalizão nacionalista em Pernambuco, veio pela imprensa subscrever as declarações do marechal Teixeira Lott, assinalando ser de uma evidência solar as denúncias contidas nas declarações de Lott, tal a disparidade, pública e gritante, dos recursos entre

as duas candidaturas, enquanto o sr. Último de Carvalho revelava que pelo menos dois mil veículos rodavam nos Estados exclusivamente a serviço da campanha de Jânio Quadros.

Paes de Almeida faz a cama para Jânio deitar

Por outro lado, elementos janistas que continuam ocupando posições de enorme importância no governo de JK e que ali representam o setor entreguista, prosseguem com todo empenho as suas atividades contra a vitória da candidatura Lott. Exemplo disso são as manobras de asfixiamento de que vem sendo alvo o Rio Grande, duramente castigado pela política econômico-financeira do ministro da Fazenda, sr. Paes de Almeida. As reivindicações do Rio Grande não encontram guarida no seio do Governo Federal. A indústria, o comércio e a agropecuária daquele Estado sofrem uma crise alarmante. Muitas empresas estão à beira da falência. E, enquanto o sr. Paes de Almeida mantém o boicote do Rio Grande, emissários do Banco do Estado de São Paulo percorrem as principais cidades do Estado sulino oferecendo crédito, cargo, apenas condicionado pelo compromisso de apoio a Jânio.

Segundo tudo indica o marechal Lott ainda não disse tudo o que sabe, e se dispôs a completar a sua denúncia. Nas declarações que fez à imprensa em Fortaleza, dois dias depois da entrevista concedida no Rio, disse ele: «Estrangeiros há, em nosso país, influentes e poderosos, que compram a consciência de certos brasileiros, os quais podemos tratar de concidadãos, mas nunca de compatriotas». E acrescentou em tom de quem anuncia outra «bomba», que «ainda não disse exatamente que cor tem esse dinheiro».

As graves denúncias do marechal Lott, feitas ao mesmo tempo em que as forças nacionalistas em todo o País dão as provas mais cabais de sua pujança, do extremo norte ao extremo sul, inclusive em São Paulo, onde é simplesmente notável a penetração da candidatura do ex-ministro da Guerra, abalaram profundamente os arraiais entreguistas em todos os Estados. E em toda a parte, desde aquele momento, a vigilância patriótica se acentua de forma impressionante, de tal forma que o derroche de propaganda a péso de ouro a favor de Jânio Quadros transforma-se rapidamente em contra-propaganda do próprio candidato dos trustes norte-americanos.

Por outro lado nem o amigo de Rockefeller se atreveu a contestar as denúncias formuladas pelo marechal Lott, nem seu porta-voz Pedroso D'Horta logrou o menor efeito com as esfarrapadas «explicações» sobre as origens do dinheiro da campanha milionária. Ao contrário, enquanto exibia numa cadeia de televisão um punhado de magros cheques, arranjados à última hora, o que se verificava é que nem dezenas de punhados daqueles cheques seriam suficientes para o pagamento (dez milhões de cruzeiros) do tempo alugado na mesma cadeia de televisão pelo próprio sr. Pedroso D'Horta.



Denúncia patriótica

LOTT NO CEARÁ:

Conspiração Contra o Povo Para Eleger Jânio Quadros

FORTALEZA (Do Correspondente, Aníbal Bonavides) — O comício Lott-Jango realizado no dia 18 do corrente, na Praça José de Alencar, foi uma das maiores e mais entusiasmadas manifestações populares já vistas na capital cearense, em todos os tempos, só comparável ao gigantesco comício de Prestes em novembro de 1945 na Praça Fernandes Vieira.

Dezenas de milhares de pessoas, procedentes de todos os bairros e subúrbios de Fortaleza, empunhando cartazes e bandeirinhas, prestaram a mais vibrante solidariedade aos candidatos do movimento nacionalista brasileiro.

Falando ao povo cearense, o marechal Teixeira Lott e o vice-presidente João Goulart, manifestaram-se em defesa de nossas riquezas minerais, contra a intromissão indevida de grupos econômicos e financeiros internacionais na vida política brasileira e contra a remessa descontrolada de lucros por parte de empresas estrangeiras que exploram a economia nacional.

Em seu discurso, o marechal Teixeira Lott denunciou o derrame de dinheiro que se estava fazendo na campanha eleitoral, numa verdadeira conspiração financeira contra os interesses mais legítimos do povo, tudo com o objetivo de se levar ao poder o sr. Jânio Quadros. Disse o marechal que o seu programa é o da solução dos problemas de nossa Pátria através da via nacionalista. Frisou que, entre o seu programa progressista e o daqueles que querem fazer o Brasil voltar para trás, até a condição humilhante de país essencialmente agrícola, fornecedor de matérias-primas, o povo brasileiro saberia escolher, a 3 de outubro. O marechal Lott atacou de frente, em seu discurso, duas questões a que o sr. Jânio Quadros fugira, pela porta dos fundos, quando, na sua passagem por Fortaleza, recentemente, teve de enfrentar os estudantes na Faculdade de Direito. Essas questões foram: a remessa de lucros dos capi-

tais estrangeiros e a aprovação e aplicação do projeto de Lei de Irrigação do Nordeste. Em ambos os casos o marechal Lott assumiu posição nacionalista e democrática.

No dia seguinte ao comício, no encontro que manteve com os líderes do comércio e da indústria do Ceará, no Palácio do Comércio, o candidato nacionalista demorou-se na análise dos problemas regionais do Nordeste e das reivindicações específicas do Ceará, manifestando-se, então, entusiasmado da grande acudagem, da imediata construção dos sistemas de irrigação, do aproveitamento hidrelétrico nas grandes barragens. Afirmou que a grande acudagem e a irrigação colocam na ordem do dia uma outra questão concreta, que é a da posse da terra. A propósito, disse o marechal que a Constituição Federal permite a desapropriação de terras, para utilidade pública ou fim social. Por isso, era pela desapropriação, divisão e distribuição das terras irrigáveis dos grandes açudes.

Em sua palestra no Palácio do Comércio, o candidato nacionalista abordou os diversos problemas enfrentados atualmente pela economia nordestina. Preconizou a necessidade de ser travada uma grande luta nacionalista pela conquista da unidade nacional e da emancipação econômica do País. Suas respostas ao questionário apresentado pela Associação Comercial do Ceará foram muito aplaudidas pela numerosa assistência.

Ao deixar o Palácio do Comércio para dirigir-se ao aeroporto onde tomou um avião rumo a Manaus, o candidato nacionalista recebeu estrondosa manifestação popular, por parte de milhares de pessoas que haviam se postado em frente ao edifício onde se realizara o encontro do marechal com os líderes do comércio e da indústria.

A visita de Lott e Jango a Fortaleza deixou em todos os cearenses a convicção da vitória espetacular que aguarda os candidatos nacionalistas no próximo dia 3 de outubro.

Panorama Denúncia de Lott dividiu as águas

Denunciando à Nação, de maneira desassombrada e sem precedentes na história do país, a intervenção maciça dos grandes grupos econômicos no próximo pleito, por trás de Jânio Quadros, o marechal Lott marcou o início da fase final e decisiva da campanha eleitoral. Ao mesmo tempo em que firmou a candidatura, Lott colocou em Jânio o selo de entreguista e vendido aos trustes, que ficará cada dia mais visível aos olhos de todo o povo, e que o candidato da vassoura, por mais que se esforce, não conseguirá doravante desgrudar de sua imagem.

A denúncia era esperada por todo o país. A milionária e demagógica propaganda janista, há meses, já se tornou um fato evidente, tanto nas grandes cidades, como nos menores e mais longínquos municípios do interior. A grande maioria do nosso povo, entretanto, se estranhava o derrame de cartazes coloridos, «feitos na Capital», e a opulência das festas janistas, não tinha elementos senão para, quando muito, suspeitar que o dinheiro para essa farra sai dos trustes. A denúncia do marechal Lott forneceu a explicação do fato insólito; deu à grande maioria de brasileiros simples, que apenas começa a despertar para a realidade dos problemas nacionais, o elemento de consciência que lhe faltava para a compreensão do embuste entreguista que se esconde atrás de Jânio.

E agora, nem Jânio, nem os conciliadores e reacionários que frequentam as cúpulas situacionistas conseguirão deter a crescente polarização da campanha eleitoral. O amigo de Rockefeller ainda insiste na fórmula da caranota como candidato dos trustes e da tração nacional. Procura ainda fugir ao debate, nega-se a responder ao marechal Lott, ou sequer a exigir as provas da denúncia, porque sabe que as provas existem. Mas está encurralado, e não conseguirá continuar evitando a luta e as definições. Já no dia 7 de setembro ele terá que enfrentar-se com o marechal Lott, diante da opinião pública, em um programa de televisão (transmitido em cadeia para todo o país) em São Paulo, embora ainda procure fugir e não se possa excluir uma retirada sua à última hora.

Realizando-se ou não o encontro em São Paulo, Jânio não pode mais evitar que a Nação o veja em contraste com o marechal Lott, nas mesmas posições de combate em que os dois se encontraram em 11 de novembro de 55. A figura de proa do golpe imperialista de 54, que assassinou Getúlio Vargas, que continuou na articulação golpista de 55, quando pôs o Governo de São Paulo a serviço da República de Pena Boto e de Mr. Kamper, e que hoje se fantasia em homem da vassoura, não pode mais evitar que a Nação o veja na mesma posição de 54 e 55, a serviço dos mesmos grupos econômicos e das mesmas forças reacionárias e imperialistas. E não pode mais evitar que a Nação veja no marechal Lott o representante das mesmas forças nacionalistas e progressistas que reagiram ao golpe fascista e colonialista de 54, que asseguraram a legalidade democrática em 55 e se opõem aos agentes do imperialismo norte-americano e da reação interna, na luta por um futuro de democracia e de soberania para o país.

O que era compreendido apenas pelos setores de vanguarda da população, será compreendido por todo o povo, nestes últimos 40 dias de campanha eleitoral. O elo indissolúvel entre as lutas de 54 e de 55, e a atual campanha necessária ficará visível para as grandes massas.

Os homens do golpe continuam unidos: Jânio, Lacerda, Juarez, Eduardo Gomes, Pena Boto, Gallotti; os jornais que os apoiam são os mesmos que promoveram o golpe: «Estado de São Paulo», «O Globo», «Correio da Manhã», «Tribuna da Imprensa», «Diário de Notícias»; o dinheiro com que movem a sua máquina entreguista continua vindo da Light, da Esso, da Bond and Share e do Ponto IV; e os seus objetivos continuam sendo a conquista do poder para a entrega de nossas riquezas e do trabalho de nosso povo ao imperialismo norte-americano. Apenas a forma de luta mudou: derrotada no golpe militar, a máquina imperialista agora joga todos os seus trunfos, todo o peso de seu poder econômico, para tentar uma vitória elegante, através de eleições.

A denúncia do marechal Lott acendeu uma chama que, propagada pela ciência das amplas massas de nosso povo para o verdadeiro caráter do pleito eleitoral, cria uma escolha entre o caminho da independência e da democracia, com Lott, ou o caminho dos trustes, com Jânio. Uma escolha entre o caminho dos pobres, e o candidato dos cobres.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Enquanto o marechal Teixeira Lott se limitou a denunciar, em termos gerais, que a propaganda do sr. Jânio Quadros era financiada pela chamada poder econômico, a reação nos arraiais do entreguismo não ultrapassou de muito os limites da algeidez. O sr. Jânio Quadros chegou a pretender que a questão morresse nas mãos habéis do advogado Pedroso Horta, sob pequenos golpes de dissimulação. O homem da vassoura, com autoridade de faxineiro, há de ter refletido que certos assuntos quanto mais mexidos pior.

Parece, no entanto, que o marechal ainda não chegou a contar da missa a metade. E foi bastante que no Pará, voltando ao assunto, promettesse revelar qual a cor do dinheiro que o sr. Jânio Quadros está recebendo, para que o «Correio da Manhã» se irritasse, cha-

mando o exultar da Guerra de subversivo e uso de «slogans comunistas». Qual será, na verdade, a cor desse dinheiro tão farto? Verde-garrata, em formato pequeno e elegante, em notas muito pequenas para guardar na carteira? Depositável nas contas numeradas dos bancos suíços, onde o nome do depositante é mantido em segredo tumular?

Seja como for, o desdobramento da denúncia começa a irritar. O «Correio da Manhã» já está vendo no começo das revelações a «pregação violenta da luta social». A denúncia, no entanto, vem sendo feita em termos suaves. As vezes em termos trônicos. Isto será pregação violenta?

Não seria melhor considerarmos violenta a franqueza da «Harrison's Latin American Letters», que não se cansa de apontar Jânio

Quadros como o candidato ideal para os fabricantes dos trinta dinheiros verde-garrata, como o candidato ótimo para os trustes internacionais, melhor, mais seguro e mais dócil que o próprio Frontini?

Enquanto a história do dinheiro distribuído aos entreguistas irrita o «Correio», vemos que o sr. Gustavo Corrêa desgasta os nervos com outros assuntos. Um repórter do «O Globo» foi ouvido sobre a volta à Terra das endinheiras Strelka e Belka. «Eles — disse Corrêa referindo-se aos soviéticos — descobriam que o assunto se presta muito para explicar a sensação. Seria melhor que descobrissem a cura do câncer». Ora, muita mais sensacional seria a descoberta dessa cura pelos especialistas da astronáutica ou o envio de astromarças a Lua por obra e graça dos cancerologistas! Isto é que se prestaria a exploração!

O Latifúndio Tem Medo da Construção do Orós

FORTALEZA, (Correspondência de RUI FACU) — Encontro Fortaleza agitada com uma nova e cerrada campanha contra a construção do famoso açude de Orós. Como se sabe, a construção do Orós foi proleada desde a segunda década do século. Ficou no projeto, parecia morto no projeto. Tornou-se possível agora, quando o domínio das grandes propriedades de terra atingiu sua fase final de decadência e elas perdem dia a dia parcela que ainda lhes resta no Poder do Estado.

Orós vai se tornando uma realidade. Será um reservatório enorme, capaz de não só irrigar uma vasta extensão de terras, como gerar energia elétrica, provocar o surgimento de fábricas no Vale do Jaguaribe, transformar de tal maneira aquela região que o domínio do latifúndio se limitará ainda mais.

A nova onda

A última cartada contra Orós está sendo jogada na Assembleia Estadual do Ceará. Um nome antes apagado, Wilson Roriz, pronunciou uma série de discursos inflamados contra a grande obra, levantando suspeitas quanto à sua segurança. Era fácil fazê-lo depois do que aconteceu em março deste ano, quando chuvas torrenciais levaram parte da barragem em construção. O alarme naqueles dias — constatamos agora — foi muito maior do que justificaria o episódio. E o deputado Roriz lançou mão de um argumento mais emotivo do que racional. A barragem do Orós iria novamente por águas abaixo, causando uma nova catástrofe, inundaria a cidade de Iguatu, com seus 20.000 habitantes. Roriz, que não é nenhum técnico em barragens, teve seus falsos argumentos respaldados pelos engenheiros e técnicos, que desmentem de maneira terminante suas previsões apocalípticas.

O verdadeiro objetivo

Roriz e os que o assessoram ou simplesmente o estimulam à campanha não pensam absolutamente na segurança dos habitantes do Jaguaribe. O grande ideal dos propiciadores da campanha contra Orós seria interditar a sua construção. Na impossibilidade de alcançar este propósito, semeiam o pânico, tentam criar um clima emocional, turvar as águas para os que gostam de pescar em águas turvas. O objetivo desse grupo é então conseguir do Governo federal a indenização imediata e total pelas terras dos grandes proprietários que serão inundadas pelo Orós. O total previsto não é desprezível: 240 milhões de cruzeiros! Num Estado pobre como o Ceará, é uma soma bastante considerável. A área a desapropriar será de 40 mil hectares, numa base de preço mais do que favorável: 6.000 cruzeiros, pois se trata de terras em geral áridas e improdutivas.

Os discursos do deputado estadual Roriz foram seguidos de outras manobras, como o envio de uma delegação da Assembleia Estadual ao Rio e a Brasília, a fim de conseguir, quando não a interdição das obras do Orós, a indenização imediata das terras desapropriadas. Tentam obrigar o Governo a depositar em Juízo os 240 milhões de cruzeiros para poder dar prosseguimento aos trabalhos da grande barragem.

Para conseguir seus fins, os latifundiários da região do Orós têm lançado mão de todos os recursos, desde as folas alarmistas de Roriz na Assembleia até a pressão junto ao governo federal e a instalação de escritórios de advocacia junto às obras do açude para receber as procurações dos grandes proprietários com fins de indenização.

Um fato sintomático: Roriz é líder do governo do Estado na Assembleia. Dadas as estreitas e familiares ligações do governador Parafal Barroso com os latifundiários, sobretudo a família Monte, tudo indica que Wilson Roriz é instrumento do próprio governo estadual.

Porque não se trata apenas do açude Orós. Os latifundiários reclamam que as desapropriações sumárias de suas terras em algumas zonas, as modificações trazidas pelo sistema de irrigação em proveito dos pequenos agricultores — como se projeta —, a criação de fontes energéticas que possibilitem o aparecimento de indústrias — tudo isso venha contribuir para sua liquidação final. Por instinto não apresentam isto. E gritam e não se conformam.

Não dispõem de elementos de segurança, mas não é improvável que neste jogo também estejam envolvidos os interesses dos que pretendem conservar a velha autonomia do DNOCS como órgão a serviço do latifúndio, dos remanescentes do coronelismo, do eleitoralismo de cabresto.

A situação das obras

A minha visita ao Orós me convenceu de que os advogados do Diabo não conseguirão seus objetivos no que se refere à detenção das obras. Estas marcham agora a ritmo intenso, desconhecido em qualquer outra obra do gênero em nosso País. Em companhia do engenheiro Anastácio Maia, a quem fui levado pelo médico Humberto Gouveia, de Iguatu, pude comprovar que os engenheiros e técnicos brasileiros são capazes de realizar empreendimentos formidáveis desde que disponham da maquinaria necessária. Está pronta a parede de pedras, a de areia e agora levanta-se como uma montanha o muro de argila. Mais de uma centena de truss, guindastes, caminhões basculantes, tratores, máquinas compressoras poderosíssimas se movimentavam à noite, à luz de potentes holofotes sobre o último obstáculo que barrará o rio, junto ao famoso Boqueirão do Orós. Mais de 700 homens — o rude trabalhador nordestino, subnutrido, descalço, mal vestido, inclusive meninos — revezavam-se dia e noite. Trabalhava-se 24 horas por dia em Orós. Tudo indica que a grande obra estará concluída na data prevista, 15 de novembro ou alguns dias depois.

Fala o chefe das obras

O engenheiro Anastácio Maia teve seu nome em grande evidência quando do desastre da barragem em março. Nordeste típico, estatura média, rosto anguloso, fisionomia um pouco triste, quando fala — pouco e pausadamente — deixa ainda transparecer a amargura pelo acontecido. Quiseram fazer dele o bode expiatório do desmoronamento parcial da barragem. A opinião dos especialistas em açudes está a seu lado: o desastre de março foi um imprevisto, que aconteceria com qualquer outro em idênticas circunstâncias. O único culpado foi o governo federal, que não liberou as verbas necessárias à conclusão antecipada do açude. Ainda hoje existem resistências na liberação das verbas. Quem sabe se os interesses contrariados não trabalham neste sentido?

Mas o engenheiro Anastácio Maia, que, embora muito jovem, já teve a seu cargo a construção de outra grande barragem, a de Araras, próxima à cidade de Sobral, com mais de 1 bilhão de metros cúbicos, e a do Boqueirão de Cabaceiras, na Paraíba, não demonstra desânimo. Irrita-se com as picuinhas e as mesquinhas campanhas que movem contra Orós, mantendo porém uma firmeza verdadeiramente estável. Percebe-se que é um notável organizador neste tipo de construções. Sabe tirar o máximo proveito do trabalho dos homens e das máquinas. Os operários

gostam de trabalhar sob sua direção. Ele não admite que os explorem os famigerados «fornecedores». Os operários do Orós têm a sua cooperativa de consumo, onde compram os gêneros mais baratos do que lhes venderiam os «fornecedores». (Este, aliás, deve ser outro motivo de campanhas contra o engenheiro Maia).

Perguntamos-lhe quais as obras mais urgentes, uma vez concluída a barragem.

— Naturalmente será a hidrelétrica, responde. — O início da sua construção depende da remessa das turbinas e também das verbas indispensáveis.

— Qual a potência da usina?
— 25 mil kilowatts. A eletrificação é hoje um dos grandes anseios da população desta zona. Em conexão com Paulo Afonso, o Banabuiú, o Curum e o Alto Piranha (Paraíba), a energia elétrica produzida beneficiará toda a região e chegará a Fortaleza, (que hoje vive quase às escuras. As escuros encontrei Iguatu, Juazeiro e o Crato).

— Em que prazo prevê a conclusão da central elétrica?
— Uns dois anos.

Mas, frisa sempre: depende da chegada das verbas. Esta parece ser a sua grande preocupação.

— E quanto à irrigação das terras circunvizinhas? Apesar dos projetos de beneficiamento a pequenos lavradores, haverá possibilidades dos grandes proprietários se apoderarem das terras irrigadas?

— Esta possibilidade existe em Orós, a menos que sejam tomadas rigorosas medidas preventivas. E não temos ainda dispositivos legais neste sentido. Em São Gonçalo existem latifúndios nas terras irrigadas.

— Que me diz quanto ao argumento emocional do deputado Roriz sobre a inundação de Iguatu pelo Orós?
— Argumento de laigo, sem qualquer base. Iguatu não será inundada, pois a cota de acumulação máxima de Orós será seis metros inferior ao nível em que se encontra Iguatu. Ao contrário, Iguatu será a cidade mais beneficiada pelo Orós.

Desta confiança serena do modesto engenheiro Anastácio Maia está imbuída a população de Iguatu. Todos sonham com o Orós construído e fator de progresso. Todos almejam dias melhores, que as sete léguas do Jaguaribe represadas pelo Orós podem proporcionar em parte.

Orós só ameaça ao latifúndio semifeudal que ainda subsiste aqui, como em todo o Brasil, graças ao apoio de certos grupos que dispõem do aparelho do Estado e conseguem a preservação de seus odiosos privilégios.

Frigoríficos Não Deixam Brasileiro Comer Carne

Segundo os dirigentes do sindicato dos açougueiros do Rio, o preço da carne de primeira deverá atingir cerca de 200 cruzeiros nas próximas semanas, enquanto a carne de segunda ou será aumentada para mais de 100, ou então «desaparecerá», sendo vendida no câmbio negro. Em entrevista a um vespertino cariota, um dos dirigentes do sindicato confirmou informações prestadas pela COFAP segundo as quais o consumo de carne na Guanabara já havia diminuído em 10%, em consequência dos sucessivos aumentos de seu preço.

Em matéria publicada na semana passada, NR citou trechos de um trabalho do deputado Jacob Frantz, onde ficava demonstrado que o preço da carne não tem nada a ver com o alegado aumento do preço do boi em pé. Em resumo, e que acontece é que os frigoríficos, fundamentalmente os quatro estrangeiros, cuja produção é duas vezes maior que a dos nacionais, controlam toda o mercado da carne no Brasil, desde o nascimento do bezerro até a venda da carne. Dessa forma, quando estão interessados em fazer subir o preço da carne, forçam uma elevação de preço do boi vivo, por exemplo em 20%, e exigem 40% de aumento para a carne. Aos frigoríficos, não interessa muito que aumente o consumo interno de carne, pois eles teriam assim maiores facilidades para exportar, que sempre foi o seu principal objetivo. Em outras palavras, pouco se importam os trustes da carne em saber se os brasileiros comem pouca ou muita carne, contanto que seus lucros se elevem continuamente.

Quem come carne?

Em seu trabalho, o deputado Jacob Frantz critica aqueles que, conscientes ou inconscientemente, se esforçam em demonstrar que existe «superprodução» de carne no Brasil e, que, portanto, é preciso aumentar as exportações. É muito comum encontrar publicações de órgãos oficiais ou de meios interessados, em que se sucedem cálculos e mais cálculos com um único objetivo: «provar» que o Brasil pode exportar, sem qualquer prejuízo para o consumo da população, duas ou três vezes mais do que a quantidade atual.

SAUDAÇÃO DE PRESTES AOS COMUNISTAS DE CUBA

Em nome dos comunistas brasileiros, Luiz Carlos Prestes enviou ao Partido Socialista Popular de Cuba, que realizou sua assembleia nacional, a seguinte saudação:

«Queridas camaradas: Os comunistas brasileiros saúdam calorosamente os delegados à Assembleia Nacional do Partido Socialista Popular e por seu intermédio a todos os comunistas cubanos.

Realizais a vossa Assembleia Nacional num momento em que se voltam para Cuba e seu heróico povo os olhares e a admiração dos povos do mundo inteiro. A vitória da revolução popular em Cuba e a instituição do governo revolucionário de Fidel Castro repercutiram em todo o mundo como a mais alta expressão da luta dos povos latino-americanos contra a exploração e a opressão dos monopólios norte-americanos, pela completa emancipação nacional e pelo progresso social.

O heroísmo do povo cubano desperta a imaginação da juventude latino-americana e comove as mais amplas massas populares de todos os países da América Latina, ansiosas de justiça social, de paz e liberdade. As medidas postas em prática pelo governo revolucionário de Fidel Castro em defesa da soberania nacional e do bem-estar das massas, em especial a reforma agrária e a desapropriação dos monopólios norte-americanos, correspondem aos interesses, não apenas do povo cubano, mas de todos os povos latino-americanos e constituem exemplo e estímulo para todos nós.

Orgulhamo-nos da valentia com que o povo cubano enfrenta as provocações imperialistas e a decisão com que avança pelo caminho revolucionário. Os comunistas brasileiros consideram um dever de honra participar ativamente de vossa luta e não pouparão esforços para mobilizar a classe operária e todo o povo brasileiro em defesa da revolução cubana em que vemos a nossa própria revolução, a realização pela primeira vez em nosso Continente dos objetivos por que lutamos.

A bravura e decisão com que o governo de Fidel Castro respondeu à agressão insólita do governo de Washington muito contribuíram para revelar aos povos latino-americanos até onde vai a decadência do imperialismo e o quanto são poderosas as forças que no mundo inteiro se levantam em apoio

aos povos que lutam pela emancipação nacional, contra a brutalidade colonialista. Temos ao nosso lado os povos dos países socialistas, temos a grande China Popular, e, em especial, a gloriosa União Soviética, cujo imenso poderio econômico e militar, ao mesmo tempo que constitui baluarte em defesa da paz no mundo inteiro, está do nosso lado, firme, desinteressada e vigilante em defesa de todos os povos que lutam pela independência e pelo progresso. A advertência do governo soviético de que usaria contra os Estados Unidos seus foguetes-atômicos em caso de intervenção militar do governo de Washington em Cuba é um gesto de solidariedade extrema que pode evitar o sacrifício de centenas de milhares de cubanos, que não vacilariam em lutar até a morte em defesa da liberdade e da independência, de milhares e milhares de cidadãos de outros países da América Latina, que igualmente não vacilariam em derramar seu sangue junto com o povo cubano. Chega, assim, ao seu fim o pan-americanismo reacionário e opressor, baseado em tratados injustos e contrários aos interesses dos povos da América Latina, impostos pela força, e em organizações como a Organização dos Estados Americanos (OEA), instrumento do colonialismo dos Estados Unidos em nosso Continente.

O Partido Socialista Popular, que sempre esteve na vanguarda dos combatentes contra a tirania e contra o imperialismo em Cuba, que sempre lutou

Programa de Sérgio:

Comícios nacionalistas em toda a cidade

O candidato nacionalista nas eleições da Guanabara, deputado Sérgio Magalhães, tem programado uma série de comícios populares para sua campanha. O programa é o seguinte:

- Em agosto: dia 27, em Vigário Geral.
- Em setembro: dia 3, no Conjunto Marítimo Saúde; dia 4 em Bangu; dia 7, na Praça General Osório; dia 10, na praça Saenz Peña; dia 11, na praça das Nações; dia 17, em Madureira; dia 18, em Padre Miguel; dia 24, em Rio Comprido; e dia 25, em Santos Dumont.

Instituto de Aposentadoria e Pensões
Dos Empregados em Transportes e Cargas
EDITAL DE CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 18/60
Chama-se a atenção dos interessados para o Edital de Concorrência Pública nº 18/60 para: a) aquisição e instalação de um tubo de Raio-X DYNAMAX 40 (ANODO GIRATÓRIO); b) montagem, instalação, concerto e colocação de peças no Aparelho de Raio-X — WESTINGHOUSE — Publicado no Diário Oficial do Estado da Guanabara — Parte I — Seção I — dos dias 11, 12 e 13 do corrente.

pelas reivindicações das grandes massas populares, constitui cada vez mais a principal força organizada e consciente, armada com a invencível doutrina marxista-leninista, e capaz por isto de servir de esteio ao governo revolucionário de Fidel Castro e de ajudá-lo a organizar e dirigir a ação revolucionária das grandes massas populares de Cuba na marcha gloriosa que faz empreendida à frente de todos os povos da América Latina.

Desajando à vossa Assembleia Nacional um fecundo trabalho e novos êxitos em vossa luta pela completa independência, pela democracia e pelo socialismo, reafirmamos a nossa solidariedade e a segurança de que todo o povo brasileiro manter-se-á vigilante em defesa da revolução cubana.»

O Estado e o Socialismo

Em que consiste a função econômica do Estado nos países socialistas? Qual o papel que cabe ao Estado socialista na transformação das relações de produção? Em que se distingue a função econômica do Estado socialista e do Estado capitalista? Estas e outras perguntas são amplamente discutidas no debate realizado recentemente no Instituto de Economia da Academia de Ciências da República da Tchecoslováquia com a participação de destacados teóricos marxistas, entre os quais Ostrovianov, Bogomolov, K. Polak, F. Stransky, Rachmuth, além de outros.

O número 7 (julho) da revista PROBLEMAS DA PAZ e DO SOCIALISMO, que já se acha à venda nas bancas e livrarias, publica as opiniões manifestadas pelos sociólogos e economistas que participaram nesse debate, esclarecendo vários aspectos do problema relativo à função econômica do Estado no socialismo.

Outros importantes trabalhos são publicados neste número da vitoriosa revista marxista, tais como o de N. Inozemtsev («Tendências e perspectivas da política exterior dos Estados Unidos»), F. Furburg («A nacionalização na sociedade burguesa»), Vladimir Rumi («A ideologia e a ciência»), etc. Destaca-se neste número de PROBLEMAS DA PAZ e DO SOCIALISMO um estudo de Maurice Thorez acerca do 25º aniversário do VII Congresso da Internacional Comunista.

Para seu esclarecimento em torno das mais importantes questões de nossa época, leia

Problemas da Paz e do Socialismo
Redação e Administração: rua da Assembleia, 34, salas 204 e 304. Rio. Preço do exemplar Cr\$ 30,00. Assinaturas: 1 ano Cr\$ 360,00 e seis meses Cr\$ 180,00.

Carta do Sertão

Marchá Texeira Lote, meu ilustre candidato! O dinheiro do zaré faz as despesas do «gato».

Eles arranjam o dinheiro vô li dizê coma é: nas garrafas arguem bota, meia-duza dessa nota: Marques de Tamandaré.

O Brasi tá parlando a fazenda dos Bandêra. Tudo quanto percavam mandavam vé no Limêra, u'a agência dessa «SAMBRA» — companhia istrangêra.

Compravam brouqué pra nôrv. llaças pru casamento, farinha, arroz, carne-seca, vinha todo mantimento! A companhia mandava, o Zê Bandêra assinava a nota de pagamento.

Quando Bandêra morreu fiô sem nada a família, pôs as terra foro póca pra pagá a companhia.

Se Janho Quado venô o Brasi tá disgraçado! Vamo pagô para os gringo cum juro dizmazlado!

No Istado da Guanabara o «lião», a «bola» e o «gato» tão jogados na campanha... o «lião» rugê, o «gato» arraa a «bola» diz qué izato.

Doutô Serjo Magalhães ispricô prus carieca! Qué êsses três candidato são dessa mesma maloca. Farinha do mesmo saço... dessa farçá mandloca.

No dia três de outubro, daqui à vinte e seis dia. Nosso Brasi vai mostrá a nossa grande valia indingendo o Marchá, Prsidente Nacioná pra nossa soberania!

Vai té Gúvêrno de fibra nessa terra brasiléira. Pru Brasi dexá de se a fazenda dos Bandêra.

O Poeta Vaqueiro

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Frangom Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1719 — Tel: 42-7544
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua José Bonifácio, 29 — 10º andar — S/ 103
Tel: 37-32 64
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral > 130,00
Trimestral > 70,00

Área anual, mais Cr\$ 100,00; semestral, Cr\$ 50,00; trimestral, Cr\$ 30,00.
Número avulso Cr\$ 5,00
Número atrasado > 8,00

CINEMA BRASILEIRO: UMA REFORMA (I)

PAULO PERDIGÃO

Os últimos dois ou três anos, no âmbito comodista e pantanoso às entidades como vem a ser o cinema que se pratica no Brasil, têm fornecido certas perspectivas que tornam lícitas as esperanças dos observadores de disporem de uma afirmação de cultura ou simplesmente de autoria cinematográfica, quando são bem óbvias a procura e a racionalização dos métodos tradicionais por parte das gerações que se vêm acumulando sobre os velhos cineastas retrógrados em muitos países. É a renovação de valores, ou a reivindicação mesma do direito de fazer bom cinema (se a fôlha corrida não aconselha determinada escola à revisão), o que mais se verifica hoje, tanto na França, com a «nouvelle vague» — que ninguém pode saber bem o que seja, se escola ou movimento, mas de onde têm provindo exemplares satisfatórios —, nos Estados Unidos, apesar (ou por causa) da crise da indústria, até uma ou outra revelação para esses cinemas feitos nos mercados menos acessíveis a nós, como o russo Katalozoff de *Quando Voam as Cego-*

nhas ou o grego Cacoyanniis de *Stella*. Sendo a subchanchada, carnavalesca ou não, com a grosseria e a irresponsabilidade moral dos que a praticam, a Bíblia obrigatória para que não morra de fome o profissional no Brasil, e transformando-se essa regra (depoimento decisivo contra a cultura do nosso povo) em consequente lugar-comum, passo dado para escrever a «história» do cinema nacional em muitos anos, chegou a um limite, segundo parece, a luta contra a falta de tradição, de legado e probidade artística em geral — meio com que os nossos críticos precavidos preferiam desprezar esta ou aquela voz mais alta, qualquer aventura melhor sucedida, um filme em suma, a ter de reconhecer a inexistência natural de uma tradição. Isso tudo é lógico, desde que se afirme, grosso modo, não haver cinema por aqui a não ser na pequena medida em que, sob uma capa de heroísmo autêntico face às exiguidades materiais (orçamento baixo, prazo para filmagem e montagem a toque-de-

caixa, insegurança total nas receitas dada ausência de mercado certo), o diretor bem intencionado tenta um tratamento cuidado e burilado com honestidade seu material — e nos dá um filme, pelo mínimo que se lhe possa esperar: desenvolvimento intelegível da narrativa, construção elaborada do roteiro, do jogo de câmera, sinceridade de interpretação, unidade fotográfica, etc. Já não se exige nível internacional das películas feitas à base do suor, do bolso vazio desses idealistas e (o pior) permeáveis à galhofa do público bestificado pelos chanchadistas e não habituado às coisas inteligentes.

Tudo o que dissemos — tudo amargo, mas verdadeiro —, o que se passou durante décadas nos nossos meios cinematográficos, tornando pioneiros a *dhemar Gonzaga*, *Paulo Wanderley* e *Humberto Mauro* no front pela dignidade do cinema brasileiro, hoje assume novos aspectos; o terreno, mesmo ainda minado, já não é tão árido assim: os *oasis* (um filme em cada duas temporadas para dezenas de abacaxis por ano) vão se alastrando. De 1950 para cá, pode-se contar nos dedos as lutas vitoriosas, a partir da incursão (fracassada) de Cavalcanti por São Paulo e da edificação da Vera Cruz como tentativa de industrializar nosso filme, e passando por *Lima Barreto (O Cangaceiro)*, até hoje o (climax), *Oswaldo Sampaio (A Estrada)*, *Jorge Iliel* e *Paulo Wanderley (Amel um Bicheiro)* — uns cinco ou seis, no total —, até concluirmos que, acima de tudo, a produção brasileira foi injusta para esses lutadores: inativos, premiados pelas injunções mais repudiadas vindas dos donos do comércio, raros conseguiram bisar a «irreverência». Mas chegamos noutro epílogo desse triste cadastro, que tanto pode ser um *happy ending* como um início, um ponto de partida. Falamos da «nouvelle vague» francesa. Por aqui, alguns realizadores também ensaiam uma renovação, não tão explosiva e enfeitada como aquela, porque tonta e inconsciente, porém determinada na negativa de preservar o que passou, sendo sujo no mais das vezes tudo o que ficou para trás, como se sabe. Desde 1958, mais ou menos, já se delineia um esquema sólido de realização, jogado sobre o plano profissional e o amador ou experimental, nível mais raso da *avant-garde*.

Assim, não será justo (ou será apenas infrutífero) o destaque de *Walter Hugo Khouri*, *Robert Santos*, *Galileu Garcia*, *Nelson Pereira dos Santos*, *Rubem Bialfora*, *Roberto Farias* e *Trigueirinho Neto* sem notarmos, lá em baixo, a agitação perene de uns tantos jovens que manejam a câmera de 16 mm. (ou mais raramente, de 35 mm.), sem equipe especializada, nos curta-metragens, documentários ou de ficção: *Joaquim Pedro de Andrade*, *Paulo Saraceni*, *Glauber Rocha*, *Marcos Faria*, etc.



Um bom momento em nosso cinema

«O Grande Momento» foi um dos poucos filmes apresentados pela cinematografia brasileira até hoje que conseguiram escapar ao fracasso generalizado. Seu diretor, Roberto Santos, lançando mão de recursos muito empregados pelos neo-realistas italianos, conseguiu proporcionar, com um tema simples, instantes de bom cinema às platéias brasileiras.

mil barreiras por fora) do que, optando pela outra linha, negar a si o espectador e o estudioso de cinema com a finalidade da *invenção*. *Khouri*, não importando sua fidelidade ao temperamento expressionista que o move, é o mais detratado pela crítica conservadora. Com quatro filmes mais ou menos realizados — *O Gigante de Pedra* (1951-1954), *Estranho Encontro* (1956), *Fronteira do Inferno* (1958) e *Na Garganta do Diabo* (1960) —, mostrou-se um psicólogo ainda aturdido pelo maquinismo da revelação, um introvertido estonteado pelas influências recebidas, pelo *Bergman* sueco (do qual é admirador incondicional) e por outros mestres. *Na Garganta do Diabo*, provavelmente nosso melhor filme desde *O Cangaceiro* — e que, como aquele, projetou o nome do cinema brasileiro no exterior (conquistando um prêmio do Festival de Sta. Margarida Ligure, e outro em Punta del Este, o filme ganhou contratos para exibição na Europa, nos Estados Unidos e na Argentina) —, traz, a par de inúmeros momentos em que é lícido apontar-se o grande conhecimento de *montage* do diretor, várias seqüências de depuramento formal e que congregam em comunhão o homem e a natureza palpitante do Iguaçú, a exemplo do naturalismo

de *Sjöberg*, *Bergman* e *Sjostrom*. Como afirma *Ely Azeredo*, «criticando pela acessibilidade às influências seria atacar uma qualidade cuja ausência é continuamente lamentada no cinema brasileiro; e, por extensão, seria ir contra uma tendência que se faz dia a dia mais volumosa em outros países, produzindo o cinema exigente, audacioso e introspectivo do espanhol *Bardem* (*Morte de um Cielista*), do americano *Krubrick* (*A Morte Passou por Pertto*) e do sueco *Bergman* (*Noites de Circo*)». Com menos chance do que *Khouri*, *Rubem Bialfora*, veterano crítico, conseguiu, ajudado financeiramente pelo colega *Flávio Tambellini*, fazer *Ravina*, obra séria e meditada, mesmo que jogada às feras da crítica. Numa história misturada por conflitos psicológicos, num velho casarão colonial, e agitada entre três personagens, uma mulher e dois homens, houve quem apontasse a influência de *Witcher* de *Rebecca*, também a do *Hitchcock* de *Bebececa*, a de muitos autores expressionistas germânicos. O perigo da *salada de estilos* (*Bialfora* contou-o em geral) não impediu que o filme escalasse, como os de *Khouri*, a distância que separa o artesanato passivo da fixação, nêle, de certo espírito, de um tom específico

o e oriundo do estilo do autor — distância enorme, por sinal, se é um profissional, trabalhando no Rio ou em São Paulo, quem o tenta. Por outro lado, face a *O Grande Momento*, de *Roberto Santos*, produção de *Nelson Pereira dos Santos*, muito mais precioso se torna a cotação de influência. Santos retém apreciações demoradas do neo-realismo italiano — não porque a narrativa se desenvolva num ambiente materialmente pobre (o bairro paulista do Brás), mas é que gira em torno dos preparativos, com as naturais aflições, de um casamento pequeno-burguês e da lua-de-mel; num estilo fluente de crônica, crônica esta sincera e bem simples. A modéstia de RS, evidentemente, superou o «mestre» *Nelson*, cujas tentativas de fazer sociologia neo-realista carioca (*Rio, 40 graus, Rio Zona Norte*), fracassavam na demagogia de fraseado inexpressivo e retórico, na base do *parti-pris*. Com a lição do discípulo, que mostrou o valor da impulsividade do coração e a importância da modéstia, NPS largou recentemente a dispersão primitiva: «espera-se bons momentos de expressão poética de seu *Mandacaru Vermelho*, que ele trouxe do nordeste quando era *Vidas Secas* que pretendia filmar (as enchentes estragaram o material já recolhido).

Arquitetos Soviéticos Opina sobre Brasília

A arquitetura e a maquinaria de construção dos países da América Latina atraem, há tempos, a atenção dos especialistas soviéticos. A constituição de uma comissão de arquitetura e construção na Associação Soviética de Amizade e Colaboração Cultural com os países da América Latina foi uma consequência desse profundo interesse. A última sessão dessa comissão foi dedicada à construção no Brasil. A abertura da discussão sobre a construção e a arquitetura da nova Capital do Brasil esteve a cargo de *Elena Tomilóvskaia*, do Instituto de Arquitetura de Moscou, que fez uma alta apreciação do projeto realizado pelo destacado arquiteto brasileiro *Lúcio Costa* e seus colegas, e se deteve circunstanciadamente na fundamentação geográfica, agrológico-climática e econômica desse grandioso projeto. O candidato a doutor em ciências técnicas *Trofimenco*, diretor do instituto de projeção *Fundament-proyekt*, que em 1958 assistiu ao Congresso Nacional de Mecânica de Solos no Brasil, falou dos diferentes critérios sobre a construção existente entre os especialistas brasileiros. O acadêmico *Popov* tratou das interessantes soluções de engenharia encontradas pelos arquitetos brasileiros. Não há nenhuma dúvida, disse, de que Brasília é uma grande manifestação arquitetônica de nosso tempo e devemos estudar e analisar atentamente o positivo e o negativo que há nela para extrair a preciosa essência de uma grande e importante experiência. Para expor juízos definitivos requer-se o estudo de um material mais abundante que aquele de que dispomos. Mas é indiscutível, disse *Popov*, que essa cidade exercerá sensível influência sobre a arquitetura mundial. A comissão de arquitetura e construção decidiu incrementar suas atividades com a finalidade de divulgar entre os soviéticos a arquitetura e a maquinaria da construção nos países latino-americanos. O plano de trabalho da comissão discutido na sessão, prevê a realização de conferências sobre arquitetura e urbanismo brasileiros, mexicanos e de outros países latino-americanos em diversas organizações soviéticas de arquitetura e projetos, conferências estudantis sobre esse tema no Instituto de arquitetura de Moscou e a organização de uma grande exposição fotográfica sobre a Arquitetura da América Latina. A comissão objetiva ampliar consideravelmente os contactos existentes entre os colegas latino-americanos e organizar um intercâmbio mutuamente proveitoso de programas didáticos, projetos estudantis e outros materiais especiais com os centros de ensino da América Latina. — Queremos reforçar nossas relações profissionais com os arquitetos e engenheiros dos países da América Latina — afirmou o professor *Gueraskin* — *Somos construtores, e os homens que criam devem dedicar-se amizade.*

Astrojildo voltará na próxima

Semana que vem, nosso companheiro *Astrojildo Pereira*, já restabelecido da enfermidade que por tanto tempo o obrigou ao mais absoluto repouso, estará novamente em suas duas colunas da página cinco, assinando *NOTAS SOBRE LIVROS*.

Os de cima

A nova onda profissional faz a junção de duas tendências específicas: a regionalista, nem sempre total, e a de importação, mais corriqueira desde que é preferível adaptar as lições alienígenas da bagagem de cultura de cinemateca que o ensaísta carrega à visualização de uma história não exatamente nacional (isso, afinal, como a linguagem do cinema é universal e nada pode feri-la, é solução de facilidade para esses cineastas que já enfrentam

MARILIA: 1.º Festival de Cinema

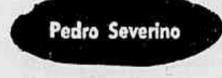
Marília prepara-se para receber (festivamente) os maiores nomes do cinema nacional que, durante os dias 9, 10 e 11 de setembro, participarão do 1.º Festival de Cinema de Marília, quando serão exibidos três filmes inéditos de nossa produção. O Festival está sendo cuidadosamente planejado e terá início com um desfile dos artistas participantes, em carros abertos, que percorrerão as principais ruas da cidade recebendo as homenagens da população local. O cortejo terá seu final na avenida Sampaio Vidal onde o prefeito, sr. Otávio Barretto Prado, fará a entrega da chave (simbólica) da cidade aos artistas *Grande Otelo* e *Ruth de Souza*. O Clube de Cinema de Marília, que festeja este ano o seu oitavo aniversário, espera poder apresentar: *Bahia de Todos os Santos*, de *Trigueirinho Neto*; *A Primeira Missa*, de *Lima Barreto*; e *Conceição*, de *Hélio Souto*. Também a entidade convidou os artistas: *Anselmo Duarte*, *Grande Otelo*, *Aurora Duarte*, *Alberto Ruschel*, *Oscarito*, *Odetê Lara*, *Sonia Mamede*, *Ruth*

Nossos Irmãos

Os lixeiros andam reclamando do governo várias coisas e fazem muito bem, pois se há profissão digna como a delas, nenhuma é mais — falemos a palavra justa — suja. Estão eles pleiteando, na 3ª Vara da Fazenda Pública, adicionais de quarenta por cento que o governo lhes nega por entender que, na profissão de lixeiro, não há risco de saúde. Não há risco? A reportagem publicada pelo «Jornal do Brasil» não diz quantos lixeiros há nesta formosa cidade, mas fala em números muito significativos: «2.500 lixeiros adocem por mês, enquanto 80 ou 90 pedem diariamente guias de licença para exame médico». Creio que só este trechinho bastaria para que se visse que ser lixeiro é coisa dura de roer. Duríssima. Por lei — diz o mencionado jornal — os lixeiros deviam receber, duas vezes por ano um boné, um gorro protetor para péso, um par de botinas, um par de luvas de raspa, blusa e calça de brim. A entrega, no entanto, é anual e atrasa frequentemente. Eu os vejo muito e sempre: descalços, em cima de um caminhão que tresanda mau cheiro, um azêdo e forte cheiro que faz com que qualquer pessoa leve as mãos ao nariz enquanto eles vão carregando na cabeça caçambas velhas e furadas com todos os detritos que as famílias despejam nas latas de suas casas e apartamentos. E esses homens são aqueles que vêm no fim do ano, com versinhos de lhosos — que já têm servido de assunto a muito cronista apreciável — pedir as festas de Natal. Ainda podem, no meio da pobreza em que vivem e da sujeira com a qual labutam, ainda podem pensar em versinhos amáveis. São fabulosos, sem dúvida. Fabulosos porque — estou me baseando na mencionada reportagem — «no alfabeto da Prefeitura os lixeiros não asem das primeiras letras. A carreira, segundo a lei, (há lei para os lixeiros, vocês sabem?) inclui as categorias C, D, E e F. Estão na letra C com Cr\$ 6.760 mensais 2.116 lixeiros; as promoções são raras e 655 vagas da letra F, permanecem abertas, ao lado de 126 vagas na letra D. Não conheço o célebre depósito do Caju para onde vai o lixo da Cidade, mas sei de muito o uivar falar que o trabalho ali é qualquer coisa de matar. Imagino só. E como imagino, desculpem se faço agora dos lixeiros que vi nos países socialistas. Vi, por exemplo, na URSS, mulheres coletando lixo em carrinhos: apanhavam papéis porque aquela é uma das cidades mais limpas do mundo. Usavam um enorme avental de borracha, luvas idem, pesados ambos, no nariz uma máscara desas que os médicos usam para operar; cabeça amarrada, botas pesadas também de borracha. Não quero fazer comparações porque afinal lá houve uma revolução do proletariado que conta hoje com quarenta e dois anos de vida, e nós aqui não estamos nas mesmas condições, mas isso não impede que nossos lixeiros tenham um salário digno (o que poderão fazer com seis mil cruzeiros?) e condições para trabalhar sem que sua saúde sofra. Estou solidário com vocês, pobres irmãos de vida tão dura, de profissão tão ruim. Afinal é como disse o poeta: ... A vida é luta renhida. Viver é lutar».

Tópicos Típicos

O ilustre senador *Afonso Arinos* (também chamado «Fon-Fon» na intimidade da família) disse que votará em *Milton Campos* para vice-presidente e justificou sua escolha dizendo: — Porque eu sou eu e ele é ele. A frase foi muito louvada nos ignoratíssimos arrais granfinos da U.D.N. Acontece, porém, que ela é um vergonhoso plágio de *Montaigne*, que disse o mesmo, há alguns séculos, explicando sua ealima por *La Boétie*. ... E o inelito *Tristão de Alaiado* chega à conclusão, no «Jornal do Brasil», de que fora do otimismo de encomenda do teatro comunista o que existe é o «Teatro das Trevas». Mas o notável é que o douto mestre católico chama de nihilista teatrólogos tão diferentes como *Sartre*, *Brecht*, *Tennessee Williams*, *Ionesco* e *Nelson Rodrigues*. Pelo que se vê, o que está em trevas é a cabeça do articulista. ... Quem anda muito engraçado, no próprio «Jornal do Brasil», é um discípulo do *Tristão*, o *Antônio Carlos Villaça*. Ele o que ele escreveu, domingo passado, a respeito de *Santo Inácio* e mendigos: «Penso nos mendigos que caminham, nesta hora, pelo mundo. Os mendigos que não suspelam nada, que não imaginam que mendigar é uma vocação, a maior das vocações... (...) Mais tarde, sairia *Santo Inácio* pelas ruas de Roma a querer salvar as prostitutas, tocado pelo entusiasmo quase imprudente. Inácio é um dos santos mais simpáticos, creio que por causa da sua experiência de mendigo e da sua intimidade absurda com as prostitutas de Roma... Santo Inácio, hem... Quem diria...» ... No «Correio da Manhã» de domingo, um certo professor *Joost Meerloo*, da Universidade de Colúmbia (E.U.A.) desenvolve um interessante estudo sobre as experiências de *Pavlov* e suas relações com a moderna técnica de «lavagem cerebral» empregada pelos soviéticos. O que o professor não diz é que há casos (como o dele, por exemplo) em que a técnica exige a intervenção do desodorantes e o trabalho com máscaras. São os casos chamados críticos. ... No «O Globo», o *Jaume Miravittles*, sábado último, escreveu um artigo em que chamava a revolução cubana de «a mais vazia da história» e proclamava: «Os marxistas são os inventores de uma teoria histórica segundo a qual a humanidade é dominada por uma série de fatores automáticos, caracterizados pela ausência da vontade humana». A propósito, recordamos *Aníbal Machado* em «Cadernos de João»: «Há burlescos que, de tão humildes, chegam a ser pureza e têm algo de franciscano. Outras há, porém, tão vigorosas e entusiasmadas, que conseguem imobilizar por completo o nosso espírito para a contemplação do espetáculo». ... Agradecemos ao leitor A... pela amável carta que nos remeteu. ... Recebemos do nosso correspondente em Belo Horizonte notícias do movimento estudantil «bossa nova», que lá se realiza, pela destituição do diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da U.M.G. Dentro do amplo movimento de reforma universitária promovido pela nova diretoria da U.N.E., os estudantes mineiros têm despertado o interesse da população pelo seu problema, através de desfiles com carroças, trens mirins, bailes nas ruas, rituais fúnebres, etc. Que se cuidem os macróbios da arcaica estrutura universitária brasileira: o castelo começa a ruir.



Nacionalistas Cariocas (1ª. Convenção) Apóiam Sérgio

Instalada solenemente na noite de sábado último, no Automóvel Clube do Brasil, sob a presidência da jornalista Adalgisa Nery, a 1ª. Convenção do Movimento Nacionalista na Guanabara constituiu-se num acontecimento político de grande projeção.

Na sessão plenária que se realizou domingo à tarde foram debatidas e aprovadas diversas teses e moções, bem como eleitos os órgãos diretores do Movimento, em cuja presidência ficou a jornalista Adalgisa Nery. Na mesma sessão foram também eleitos os delegados cariocas à Convenção Nacional que se instalará dentro em breve, figurando entre os mesmos, além do jornalista Adalgisa Nery, os srs. Roland Corbisier, José Frejal, Antonio José Bahoury, Gabriel Capistrano Júnior, Paulo Ribeiro, Antonio Érico Finjirado, João Miguel de Farias, Fernando Schiavo, Salomão Alves, Joaquim Oriente de Arruda Genu, Auciève Canduvo, Hágib Thami Chaloub, Bayard Demaria Boiteux, Benedito Cerqueira, Virílio da Silva e Isaac Scheunver.

Declaração de princípios

Debatidos os assuntos da ordem do dia, foi aprovada pelos convenционаis a seguinte Declaração de Princípios:

- 1 — Luta permanente por uma política nacionalista;
- 2 — Solução democrática para os problemas políticos e administrativos do Estado da Guanabara;

3 — Solidariedade a os países subdesenvolvidos e contra a intervenção em Cuba;

4 — Defesa das liberdades democráticas, contra qualquer modificação no atual panorama eleitoral;

5 — Eleição de Lott, João Goulart e Sérgio Magalhães.

Anistia ampla e irrestrita

Apresentada por dezenas de convenционаis, foi aprovada por unanimidade pelos delegados dos 312 comitês nacionalistas da Guanabara uma moção de apoio ao projeto 39 60, de autoria do deputado Sérgio Magalhães, que concede anistia ampla e irrestrita para todos os crimes políticos até esta data. A moção propõe, também, a organização do movimento em prol da anistia, com a ativa participação dos nacionalistas, até a aprovação final do projeto pelo Congresso.

Cuba

Um dos pontos altos da votação dos assuntos debatidos na tarde de domingo foi a aprovação da solidariedade a todos os povos subdesenvolvidos e contra qualquer intervenção em Cuba. De pé, os convenционаis aplaudiram a revolução cubana.

Encerramento

Os trabalhos da convenção foram solenemente encerrados à noite de se-

gunda-feira, com os salões do Automóvel Clube do Brasil literalmente ocupados. Falando em nome dos convenционаis, o dr. Sidney Pessoa destacou a importância das resoluções adotadas pela convenção, assinalando também o êxito completo que havia coroado os seus trabalhos. Seguiram-se vários oradores, falando finalmente o presidente do Movimento Nacionalista da Guanabara, jornalista Adalgisa Nery, a sr. Edna Lott e o sr. Sérgio Magalhães.

Contra o colonialismo

Em seu discurso, Adalgisa Nery falou sobre a situação dos povos coloniais e a luta dos brasileiros pela emancipação nacional. Depois de repassar vários aspectos da espoliação a que são submetidos esses povos pelo imperialismo, recordando inclusive a frase de Dullis — «Não estamos interessados em amizade com outros povos, mas sim em proveito e interesses americanos» — a dirigente nacionalista fundamentou o apoio às candidaturas de Lott, João Goulart e Sérgio Magalhães.

Apos seu discurso, Adalgisa Nery leu a Carta Testamento de Vargas, e a assistência guardou um minuto de silêncio em homenagem à sua memória.

Sérgio é o candidato dos nacionalistas

A sr. Edna Lott iniciou sua oração afirmando que a esta altura dos acontecimentos trata-se principalmente de escolher uma de duas posições, contra ou a favor do Brasil. E nós, nacionalistas, escolhemos a posição a favor do Brasil — aduziu — para destacar que o Movimento Nacionalista não é um movimento qualquer, mas expressa uma definição diante dos rumos que deve seguir a nossa pátria.

Dando o seu apoio à candidatura Sérgio Magalhães, disse a sr. Edna Lott: «Nacionalista também há de ser o candidato que foi escolhido pelo nosso Movimento para disputar as eleições ao Governo do Estado da Guanabara. Esse candidato é o sr. Sérgio Magalhães. O movimento empregou todos os seus esforços para assegurar a unidade das forças que apóiam as candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart neste Estado também. Mas foram balizados os nossos esforços. Agora, trata-se de lutar com integral denodo para a vitória de nosso candidato, a fim de que o primeiro Governador da Guanabara seja um nacionalista autêntico — o sr. Sérgio Magalhães».

Na mira de Sérgio os grupos estrangeiros

Falando no encerramento da sessão solene, o sr. Sérgio Magalhães referiu-se notadamente à sua plataforma eleitoral. «Meu programa — disse — é bem conhecido de todos os nacionalistas: é o programa de ideias e princípios em que se basearam também as candidaturas do marechal Lott e João Goulart. O povo já começou a compre-



Autêntica bossa-nova em reuniões políticas, as moças da foto deram a nota de beleza à 1ª. Convenção do Movimento Nacionalista da Guanabara. Recepcionistas, cercaram de mil atenções os convenционаis, ora indicando os lugares que deviam ser ocupados, ora distribuindo os materiais impressos, etc. Ou simplesmente alinhando o cenário. O que seria suficiente.

Beldades em bossa-nova

ender que minha candidatura é a única que de fato combate a alta do custo de vida, porque combate a espoliação dos trustes, que é a fonte principal dos nossos males. Se o pão, a carne, o leite, os transportes, a luz, o telefone e o gás estão nas mãos de grupos econômicos estrangeiros, perguntamos: como pode um candidato combater a carestia se não combate esses grupos econômicos? Esta é a diferença entre um candidato nacionalista e um candidato da reação».

Destacando mais uma vez o importância da luta nacionalista, afirmou ainda o sr. Sérgio Magalhães: «Antigamente, os povos eram dominados pelo poderio dos canhões; hoje, os povos são dominados pela política cambial. E, a distância que me separa do sr. Carlos Lacerda é que suas palavras coincidem com os interesses dos grupos entreguistas, enquanto toda a minha campanha está baseada no mais estrito sentido de conveniência nacionalista».

Sempre traçando a relação entre a opressão imperialista e as condições de vida que enfrenta o nosso povo, disse mais adiante o sr. Sérgio Magalhães: «que faz, diante disso, o candidato udenista? Diz que combate a corrupção, mas só se lembra da corrupção de agentes nacionais, silenciando por completo sobre a grande corrupção dos grupos estrangeiros, cujos representantes sugam o melhor fruto do trabalho dos brasileiros com a remessa de lu-

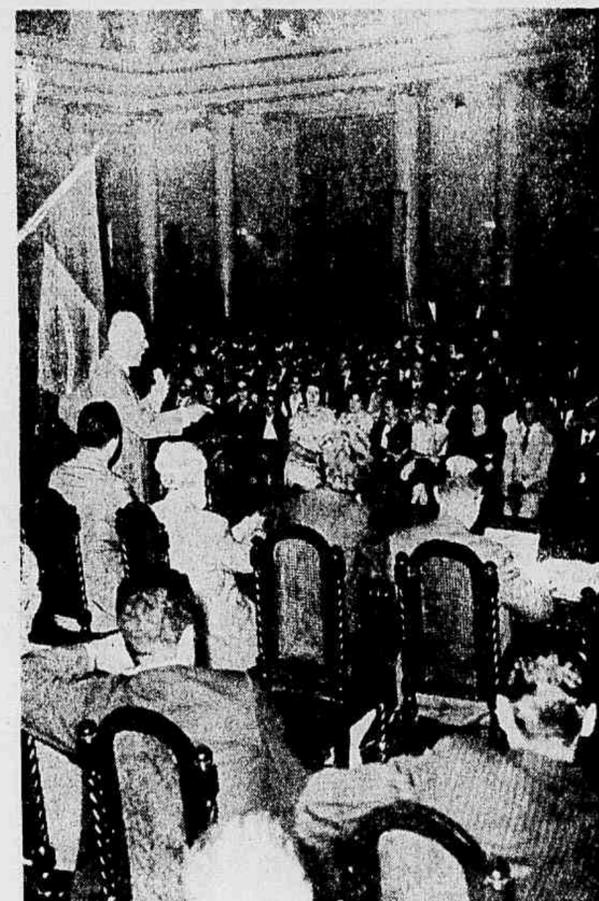
Beatriz BANDEIRA

Notícias Diversas

«CRISTO PROCLAMADO». Esta peça foi encenada pelo grupo Teatro dos Sete. Permaneceu apenas uma semana em cartaz. De lamentar-se. Do texto desordenado e desconexo Gianni Ratto conseguiu construir um espetáculo sério cujo personagem principal era a seca com todas as suas consequências: o êxodo das populações flageladas, a miséria explorada pelas diversas facções políticas, o homem desesperadamente iludido à procura, constantemente ludibriado e sempre pronto a renovar sua esperança. O retirante e sua família compoem o painel de fundo em quadros de intensa dramaticidade, enquanto no primeiro plano se desenrolava a intriga política, a melhor maneira nordestina, isto é, com os indispensáveis assassinatos de advogados. No primeiro domingo após a estreia, o diretor G. Ratto foi entrevistado em Cenaz e Bastidores, programa do Ministério de Educação. Gostamos de ouvir o tratar do problema das secas e das populações flageladas com uma emoção que o torna merecedor do título de cidadão brasileiro. O estrangeiro que vive entre nós, coopera conosco, sente nossos problemas, é um dos nossos. Seu erro foi superestimar a platéia do Teatro Copacabana. Ela não tem maturidade nem sensibilidade para aceitar qualquer coisa além de «Baby Doll». Não poderia compreender os esforços do autor: Francisco Pereira da Silva — do diretor e dos dirigentes do grupo dos «Sete» no sentido de criar um teatro ligado à realidade brasileira.

«A LIÇÃO» e «AS CADEIRAS» de Ionesco, outro espetáculo apresentado no Copacabana e já retirado do cartaz, encenado «mente» às segundas-feiras pela Cia. Luiz de Lima. Com Camilla Amado, Miriam Calmem e como nota sensacional, a estreia em teatro da pintora, caricaturista e criadora da Escolinha de Arte: Augusta Rodrigues. Não sou apreciador de Ionesco e seus propósitos confundidos, mas vale a pena apreciar o verdadeiro virtuosismo de que dá prova Luiz de Lima na criação de dois velhos — o velho professor e o velho aluno — «A LIÇÃO» — e Camilla Amado, criando personagens totalmente diferentes nas duas peças. Na primeira uma adolescente, na segunda uma velha velhíssima, doce, terna e maternal, às voltas com suas recordações, seus fantasmas, seus sonhos em torno de suas pobres vidas frustradas, dela e do marido. Durante 4 semanas não mais, a peça permaneceu em cartaz às segundas-feiras. Farão agora uma temporada na Europa. Luiz de Lima, português, é excelente intérprete número um do Ionesco.

«MAE COZINHA» a mais nova peça, criada — é — que tem sido mais apreciada, foi a na Estreia, como nos outros espetáculos — de palco dramático nacionalista. Penetral Penetral foi encenada no Teatro da Rua de Arcozelo, com atuação por momentos excelente de Penetral, que não é o mesmo Penetral de antes. A peça é muito boa, mas não é o melhor que se viu no teatro carioca.



Nacionalismo e eleições

Os oradores abordaram os principais problemas do Estado da Guanabara, examinando-os de um ponto-de-vista nacionalista e dentro dos problemas gerais do país. Tudo isso, face às eleições de 3 de Outubro.

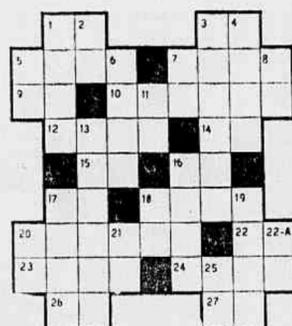
Palavras Cruzadas

F. Lemos

PROBLEMA Nº 24

HORIZONTAIS: 1 — Brisa. 3 — Andava. 5 — Peça de música para uma só voz. 7 — Substância que tingi de azul, e que se extrai de algumas plantas leguminosas. 9 — Sobrenome popular. 10 — Gargalhado. 12 — Conjunto de falhas de uma planta. 14 — Instrumento agrícola. 15 — Perversa. 16 — Atração pessoal. 17 — Contração da preposição A com o artigo O. 18 — Rio da União Soviética. 20 — Põe em ordem. 22 — Prefixo: em dentro. 23 — Ligar. 24 — Repetição do mesmo som no fim de dois ou muitos versos. 26 — Forma arcaica do artigo O. 27 — Contração da preposição DE e do artigo definido A. VERTICAIS: 1 — Lavar a terra. 2 — Achei graça. 3 — Mulher que não tem ânimo. 4 — Ópera de Verdi. 5 — Artigo feminino plural. 6 — Instrumento de aque ou de defesa. 7 — Artigo feminino plural. 8 — Sexta nota da escala musical. 11 — Andava. 13 — Sem a noção dos princípios da moral. 16 — Irritar. 17 — Habilidade, pericia. 18 —

Número indivisível. 19 — Fruto da liliácea. 20 — Rio de França. 21 — Pátria de Abraão. 22 — A. 25 — O substrato instintivo da psique.



RESPOSTAS DO PROBLEMA Nº 23

HORIZONTAIS: 1 — Nasal. 6 — Arado. 7 — Baba. 9 — A.G. 11 — Aromia. 13 — Ala. 14 — Ri. 15 — Ema. 17 — Ur. 18 — Cal. 19 — Orgia. 21 — A.S. 23 — Muro. 24 — Renal. 26 — Amora. VERTICAIS: 1 — Nabo. 2 — Arame. 3 — Sa. 4 — Ada. 5 — Lo. 7 — Barca. 8 — Arias. 9 — Aluir. 10 — Carão. 12 — Ame. 16 — Armar. 20 — Cula. 22 — Sem. 24 — Ra. 25 — No.



Força organizada

A Convenção serviu para revelar o nível a que já atingiu o movimento nacionalista carioca. Mais de trezentos comitês enviaram representantes, numa demonstração de que a luta patriótica já avança organizadamente, numa marinha de frente única que se amplia e fortalece cada vez mais, adquirindo, por si o mesmo, crescente influência política.

Imperialistas lanques Agridem América Latina há 130 Anos

Serviço Especial de PRENSA LATINA



Fidel Castro pronunciou (foto) o discurso final na solenidade de encerramento do Congresso Latino-americano da Juventude. E anunciou a expropriação de dezenas de empresas lanques.

Princípio do fim

LANÇADA E RECUPERADA A NAVE CÔSMICA DA URSS

Abertas ao Homem as Portas do Cosmo

Menos de três anos atrás, os cientistas e técnicos soviéticos surpreendiam o mundo com um feito notável: a colocação em órbita do primeiro satélite artificial da Terra. Agora, novamente a ciência e técnica soviéticas brindam o gênero humano com outra façanha magnífica: o lançamento e a recuperação de um navio cósmico, imensa massa de quase cinco mil quilos — precisamente 4.600 quilogramas.

Pela primeira vez, na história da humanidade, seres vivos — duas cadêlinhas, ratos, moscas, sementes e plantas — permanecem em órbita em torno da Terra, percorrendo nada menos de 700 mil quilômetros, durante 24 horas, regressando em seguida ao nosso planeta, sãos e salvos.

Três anos: do 1º sputnik às naves cósmicas

Damos, a seguir, alguns dados sobre os maiores feitos da URSS no domínio da investigação do espaço cósmico:

Primeiro satélite artificial (4 de outubro de 1957). Peso — 83,6 quilos.

Segundo satélite artificial (3 de novembro de 1957). Peso — 509,3 quilos.

Terceiro satélite artificial (15 de maio de 1958). Peso — 1.327 quilos.

Primeiro foguete cósmico (2 de janeiro de 1959). Peso — 1.472 quilos.

Segundo foguete cósmico (12 de setembro de 1959). Peso — 1.511 quilos.

Terceiro foguete cósmico (4 de outubro de 1959). Peso — 1.533 quilos.

Primeira nave-sputnik cósmica (15 de maio de 1960). Peso — 4.540 quilos.

Segunda nave-sputnik cósmica (19 de agosto de 1960). Peso — 4.600 quilos.

Comunicado oficial

Sábado pela manhã, quando compraram os jornais para intervir-se da marcha do processo do espílio norte-americano Francis Power, os leitores soviéticos depararam-se com um comunicado que os encheu de júbilo. Com efeito, sob o título «Comunicado da TASS», lia-se o seguinte: «De acordo com os planos de estudo do espaço cósmico, a 19 de agosto de 1960 foi realizado da União Soviética o lançamento da segunda nave cósmica, na órbita de um satélite da Terra. A tarefa fundamental do lançamento consiste na continuação da elaboração de um sistema que assegure a possibilidade de vida do homem, a segurança do seu voo e o retorno à Terra

Na cabine, dotada de tudo o que é necessário para o futuro voo do homem, encontram-se animais submetidos à experimentação, entre os quais duas cadêlinhas de nomes «Strélka» («Agulha») e «Blélka» («Esquilo»).

Com o voo da nave-sputnik, objetiva-se a realização de uma série de experiências médico-biológicas e de um programa de pesquisas científicas do espaço cósmico.

A segunda nave-sputnik soviética foi colocada numa órbita aproximadamente circular, numa altura de cerca de 320 quilômetros.

O período inicial de circulação da nave é de 90,6 minutos e sua inclinação relativamente ao plano do Equador é igual a 65 graus. O peso da nave-sputnik sem o último estágio do foguete-portador é de 4.600 quilogramas.

A bordo da nave-sputnik foram instalados um rádio-transmissor «Signal», trabalhando na frequência de 19.995 mega-Hertz, aparelho de rádio-telemetria para transmissão à Terra de dados sobre a situação dos animais submetidos à experimentação e sobre o funcionamento de todos os sistemas instalados a bordo do sputnik.

A fim de observar a conduta dos animais, foi instalado a bordo

O Governo dos Estados Unidos organizou a VII Conferência de Consulta da OEA, atualmente reunida em São José da Costa Rica, para tentar levar a revolução cubana ao banco dos réus sob a acusação de facilitar a «intervenção extracontinental nos assuntos do Continente». O sr. Herter e seus colaboradores procuram apresentar a disposição da União Soviética de sair em defesa de Cuba caso a ilha seja atacada como uma ameaça à «segurança continental».

Em matéria distribuída pela PRENSA LATINA, Daniel Hernandez aponta dois documentos importantes para se julgar de onde partem as agressões aos países latino-americanos. Em primeiro lugar, cita Hernandez um trecho do discurso do chanceler mexicano na Conferência de Caracas, em 1954, explicando porque seu país se negava a coonestar a agressão à Guatemala: «O México não poderá acompanhar com seu voto afirmativo a exposição feita pelos Estados Unidos porque a forma em que está redigida poderia dar lugar a que qualquer de nossos países pudesse ficar sujeito a intervenções... Já vimos isto acontecer no passado; não é uma mera hipótese. O México sofreu intervenções em seu território e essas intervenções foram feitas por países deste hemisfério. Sabemos do que estamos falando.» O outro documento é a seguinte lista, elaborada pelo professor costarricense Vicente Saenz, das agressões cometidas pelos Estados Unidos contra países latino-americanos.

1831 — Ataque dos marinheiros norte-americanos às Malvinas e destruição de Puerto Soledad.

1835 — 1836 — Participação na guerra de independência do território mexicano do Texas contra o governo do General Santana.

1845 — Anexação final, pelos Estados Unidos, do território mexicano do Texas.

1846 — 1848 — Guerra contra o México e mutilação da metade do seu território, retirando-lhe dois milhões de quilômetros quadrados.

1853 — Imposição do Tratado de La Mesilla, pelo qual o México perde outra faixa de seu território.

1855 — 1860 — Invasões de William Walker na América Central, sendo o mesmo reconhecido pelo governo dos Estados Unidos (1857) como presidente da Nicarágua.

1898 — Intervenção armada na guerra de independência de Cuba contra a Espanha.

1898 — Bombardeio de San Juan de Porto Rico por forças navais estadunidenses.

1898 — Aquisição de Porto Rico, Guam e Filipinas como despojos de guerra, pelos Estados Unidos, de acordo com o tratado de Paris.

1898 — 1902 — Governo militar dos Estados Unidos em Cuba, encabeçado pelo General Leonard Wood.

1900 — Imposição dos Tratados Hay-Calvo à Nicarágua e à Costa Rica, para adquirir a rota Interocênica.

1902 — 1934 — Imposição da emenda Platt que deu aos Estados Unidos o direito de intervenção em Cuba.

1903 — Imposição do Tratado Hay-Herán à Colômbia, para obter a rota Interocênica do Panamá.

1903 — Independência do Panamá, com apoio e intervenção armada norte-americana, para que a Colômbia não pudesse reivindicar seu território.

1903 — Imposição do Tratado Bunau-Varilla, pelo qual os Estados Unidos tomaram, sob sua soberania e perpetuamente, a rota interocênica através do istmo do Panamá.

1906 — 1909 — Segunda intervenção militar em Cuba pelos Estados Unidos, dirigida pelo General Charles E. Magoon.

1907 — Intervenção fiscal na República Dominicana, estabelecendo-se uma coletoria de impostos controlada neste país pelos Estados Unidos.

1907 — Imposição às repúblicas da América Central dos tratados chamados de «Paz e Amizade», elaborados em Washington.

1909 — Rompimento de relações com a Nicarágua e primeira intervenção armada nesta república por parte dos Estados Unidos.

1912 — Terceira intervenção militar dos Estados Unidos em Cuba «para proteger vidas e interesses norte-americanos», usando como pretexto alguns distúrbios políticos e raciais.

1912 — Reforço da intervenção na República Dominicana, com marinheiros e soldados de infantaria «para evitar revoluções».

1912 — 1925 — Reforço da intervenção armada na Nicarágua, com mais navios de guerra, marinheiros e soldados de infantaria.

1913 — Intervenção do ministro dos Estados Unidos, Henry Lane Wilson, na política interna do México, com responsabilidade direta pelo triunfo do levante da Cidadela durante a Decena Trágica e pelo assassinato do presidente Madero e do vice-presidente Pino Suárez.

1914 — Imposição do Tratado Bryan-Chamorro, pelo qual os Estados Unidos obtiveram a perpetuidade da rota interocênica da Nicarágua a fim de construir um novo canal.

1914 — Bombardeio e desembarque de tropas norte-americanas em Veracruz.

1915 — 1934 — Ataque armado, invasão e ocupação do Haiti durante dezenove anos.

1916 — Ratificação pelo senado dos Estados Unidos do Tratado Bryan-Chamorro com a Nicarágua, apesar da sentença contrária da corte de justiça centro-americana.

1916 — Invasão do México pela «expedição punitiva» do General Pershing.

1916 — 1924 — Intervenção armada total na República Dominicana e estabelecimento de um «governo dominicano» constituído por oficiais navais norte-americanos.

1917 — 1919 — Quarta intervenção militar dos Estados Unidos em Cuba, para impor a reeleição de presidente conservador Mario G. Menocal (2000 marinheiros permaneceram na grande Antilha até fins de janeiro de 1919 com o pretexto de treinar para a guerra europeia).

1921 — Intervenção «diplomática» do secretário de estado, Charles Evans Hughes, contra a unidade da América Central, até conseguir o fracasso da Federação, imediatamente depois que o Estado da Guatemala rechaçou um ultimatum de Washington para que se outorgassem concessões onerosas em favor dos interesses monopolistas dos Estados Unidos. A República Federal, por outro lado, havia-se negado a aceitar como legítimo o Tratado de Canais Brian-Chamorro.

1923 — Imposição às repúblicas da América Central de novos tratados concluídos em Washington e chamados também de «Paz e Amizade».

1923 — 1933 — Pressão e propaganda contra os governos revolucionários do México, chamados de comunistas, durante os períodos de Coolidge e de Hoover no governo dos Estados Unidos.

1926 — 1933 — Terceira intervenção armada na Nicarágua e ocupação militar do país por parte dos Estados Unidos. Bombardeios aéreos de populações e cidades nicaraguenses. Como epílogo, assassinato do chefe da luta nacionalista de resistência à ocupação, o general Augusto Cesar Sandino (21 de fevereiro de 1934).

1930 — Imposição, na República Dominicana, de Rafael Leonidas Trujillo, cujo poder subsiste até o presente mediante despotismo.

1931 — Intervenção do ministro dos Estados Unidos na Guatemala, Whitehouse, para impor como presidente a Jorge Ubico, como se fazia na Nicarágua com outros candidatos da United Fruit Company.

1948 (Abril) — Reconhecimento automático e ajuda norte-americana a todos os regimes de força no continente, a partir da IX Conferência Interamericana realizada em Bogotá.

1948 (Outubro) — No Peru: Reconhecimento imediato pelos Estados Unidos do levante de Odría.

1948 (Novembro) — Na Venezuela: Cooperação dos trustes do petróleo e pleno apoio «diplomático» aos autores do golpe castrense contra o governo constitucional de Don Romulo Gallegos.

1949 (Janeiro) — No Paraguai: relações oficiais imediatas com o general Raimundo Rolón, ministro da guerra que derrubou o governo constitucional.

1950 — 1953 — Na Colômbia: Apoio ao regime ultramontano, neofascista e sanguinário de Laureano Gomez, por haver enviado um batalhão à guerra da Coreia.

1951 — Na Bolívia: Reconhecimento imediato do general Hugo Ballivian e dos demais militares que desconhecera a eleição de Paz Estenssoro à presidência da república.

1952 (Março) — Em Cuba: Apoio a Fulgencio Batista, reconhecendo-o sem demora depois que derrubou o seu governo constitucional.

1952 — 1954 — Operação Guatemala. Propaganda e conspiração dos grandes monopólios norte-americanos e do departamento de estado contra a Guatemala. Intervenção final desse departamento, do Pentágono e do serviço secreto do governo dos Estados Unidos, com apoio de todas as ditaduras das Caraíbas chamadas de anticomunistas, numa agressão armada até ser deposto o legítimo governo guatemalteco.

O professor Vicente Saenz acentua principalmente o apoio permanente à dinastia de Trujillo em São Domingos e de Somoza na Nicarágua, como cruzados dos princípios democráticos no hemisfério ocidental. (Impostos — Trujillo e Somoza — há um quarto de século pelos exercícios norte-americanos de ocupação).

Fornecimento irrestrito de armamentos a todos os regimes antidemocráticos da América por parte dos Estados Unidos, baseados naquilo que os seus negociadores chamam de «pactos militares de ajuda mútua».

Nota Internacional Lafer boneco dos FUA

A segunda parte da conferência de chanceleres da Costa Rica começou com os Estados Unidos procurando recuperar da derrota sofrida durante a primeira parte, em que suas manobras para conservar a ditadura dominicana e abrir um precedente para intervir em Cuba foram esmagadoramente derrotadas. Ao fim da VI Conferência, os EUA só contavam com o apoio do Brasil e da Argentina, além, é claro, das ditaduras que mantêm na República Dominicana, Nicarágua e Paraguai. Pela primeira vez na história das Américas, os Estados Unidos vêm destruídos seus planos por uma oposição firme e vigorosa dos países latino-americanos. A importância dessa derrota, como primeiro passo para a emancipação completa de toda a América Latina do ditado lanque aumenta ainda mais a responsabilidade do governo brasileiro, cujo ministro das relações exteriores tem se prestado ao papel de cúmplice do Departamento de Estado na conferência de chanceleres.

O plano dos Estados Unidos consistia em impedir que os países americanos adotassem sanções políticas e econômicas contra Trujillo e fosse formada uma «Comissão de Fiscalização da Organização dos Estados Americanos para acompanhar a «democratização» da República Dominicana. Em outras palavras, o povo dominicano, que há 30 anos é esmagado pela ditadura de Trujillo, imposta pelo Departamento de Estado lanque, seria agora esbulhado e confiado em suas aspirações de modificar realmente o panorama político e econômico da ilha. A função da referida comissão seria exatamente a de manter o controle norte-americano sobre São Domingos, mudando apenas o rótulo da ditadura. Os próprios membros da delegação chefiada pelo sr. Christian Herter esclareceram que o verdadeiro objetivo da proposta lanque era evitar a repelção na República Dominicana de uma revolução libertadora como a de Fidel Castro. Mais ainda, com a aceitação da proposta de Herter e Lafer, estaria abolido o princípio de não-intervenção nos assuntos internos e se abriria o caminho para a intervenção em Cuba.

O melhor aliado do sr. Herter nessa manobra foi exatamente o sr. Horácio Lafer. Desde sua partida de Portugal para os Estados Unidos o sr. Lafer não tem feito outra coisa senão obedecer às ordens do Departamento de Estado norte-americano, num desmentido flagrante à política declarada pelo governo brasileiro de respeito à autodeterminação de todos os países. Durante toda a VI Conferência, convocada para discutir as acusações venezuelanas a Trujillo, o sr. Lafer defendeu obstinadamente a posição do governo norte-americano, mesmo quando a maioria dos países latino-americanos se colocou ao lado da Venezuela. Presidindo a conferência, o sr. Lafer, depois de um bilhete enviado por Herter, adimou o fim de uma das sessões para que o secretário de Estado lanque falasse, negando em seguida a palavra ao ministro das relações exteriores de Cuba, Raúl Roa, numa demonstração inequívoca de subserviência. Em seu discurso na VII Conferência, o sr. Lafer chegou ao cúmulo de aconselhar ao governo cubano que ele deveria se limitar a defender-se da acusação lanque, evitando qualquer ataque aos Estados Unidos. Isto é, para o representante do governo brasileiro, Cuba não tem sequer o direito de denunciar as agressões cometidas pelos Estados Unidos.

A subserviência do sr. Lafer é de tal modo escandalosa que jornais como «O Jornal do Brasil» e «O Estado de São Paulo» não puderam deixar de atacá-la. De fato, é impossível evitar a comparação entre as posições do sr. Lafer e as dos demais delegados latino-americanos. Os chanceleres do México, Venezuela, Panamá e Bolívia afirmaram claramente sua disposição de defender os princípios de não-intervenção e autodeterminação contra qualquer ataque extra ou (e principalmente) intracontinental. Os próprios representantes do Peru, que convocou a VII Conferência, e da Colômbia, que vinham disputando ao sr. Lafer o papel de melhor servidor dos Estados Unidos, tiveram de dar a não à palmatória e declarar-se favoráveis à não-intervenção.

A resolução da VI Conferência condenando o ditador Trujillo aponta como um de seus crimes o fato de que aviões com base na República Dominicana jogaram panfletos sobre a cidade venezuelana de Aruba, o que seria impossível sem a conivência do governo dominicano. Como pode então o sr. Lafer afirmar que o governo revolucionário cubano não deve acusar os Estados Unidos se os aviões que bombardearam cidades e canaviais e jogaram panfletos sobre cidades de Cuba partiram de Miami, pilotados por norte-americanos? Conhecidos partidários do ex-ditador Batista e outros elementos contra-revolucionários cubanos são recebidos, protegidos e ajudados pelos Estados Unidos tanto em território norte-americano como na base militar de Guanahama, em Cuba. Os esforços do sr. Lafer para ocultar o sol com uma pequena nuvem de palavras, comprometendo ainda mais o governo brasileiro com a política do Departamento de Estado e desmoralizando-o diante dos povos latino-americanos e do tróico novo brasileiro.

Fausto Cupertino

CONFISSÃO DE UM UDENISTA:

"Lacerda Cavalga a UDN Para Servir à Light"

Quando o carioca depositar na urna o seu voto para governador do Estado da Guanabara, em 3 de outubro, ele não estará apenas escolhendo o chefe do governo do mais novo Estado da União. Estará também ditando a sorte — o sucesso ou o fracasso — de uma numerosa equipe de técnicos norte-americanos em publicidade, que conduz a campanha de Lacerda. Estes técnicos estão apostando o seu êxito profissional em uma «doutrina», que já fez carreira nos Estados Unidos, mas que no Brasil ainda é novidade: a de que um candidato, como qualquer sabonete, pode ser impingido ao consumidor, ou eleito, por métodos publicitários, e o mais importante para a «venda» é a embalagem, e não o conteúdo.

Tal como em seu país são feitos «testes psicológicos» para saber se o público comprará mais sabonete em papel amarelo ou em azul, esses técnicos acharam uma «embalagem ideal» para Lacerda, que abandonará sua oratória truculenta. Deixará de imitar Hitler, para imitar Zarur, aparecendo como bom moço para impressionar o eleitor médio.

Confiante — como em tudo o mais — na palavra dos lanques, e dispondo dos vastos recursos do CONCLAP (Leão da Light, da Esso e do Ponto IV) para sua campanha, Lacerda está cumprindo à risca as recomendações dos técnicos. Proibiu terminantemente os responsáveis pela sua campanha de rua de mandarem pintar, e muito menos puxar, o seu nome nos muros ou nas árvores; este meio de propaganda «populacheira» e «terrorista» não combina com o personagem disciplinado e bem arranjado que ele procura representar. Em compensação, a cidade foi inundada com as faixas e cartazes que ele mandou imprimir — todos em policromia — nas oficinas mais caras e mais modernas; e, paralelamente, «O Globo» lançou uma ruidosa campanha contra os candidatos que «suam a cidade», porque deixam que se escrevam seus nomes nos muros e nas árvores... Nas emissoras de televisão, que ele literalmente ocupou, comprando os melhores horários (cada minuto custa Cr\$ 25 mil), Lacerda passa o tempo conversando, com jeito bonachão, com donas-de-casa e casais de namorados. Raramente diz mal de alguém, entende-se com tudo e com todos; e derrama a mais desenfreada demagogia de que o carioca já foi vítima. Não há problema para o qual não tenha uma solução pronta e, sobretudo, fácil. Sorri e brincando ele põe água nos canos, dá escola pra meninada, acaba com a miséria dos trabalhadores e põe a alegria nas ruas. Se lhe perguntam «como», se esquivava, diz que «é muito complicado, depois eu conto», e vai levando. Em cinismo e deboche ninguém o derrota.



O palácio do «Corvo»

Capitalista: Faça Bom Negócio "Doando" Uma Escola a Lacerda

Um exemplo expressivo desse cinismo sem peias de Lacerda é o seu «plano» para a construção de escolas na cidade. Sentindo-se desmoralizado pela campanha popular que o desmascarou como candidato a covão da escola pública e agente dos comerciantes do ensino, Lacerda tem feito da questão do ensino o centro da sua demagogia. Até há pouco, limitava-se a insistir num sofisma grosseiro, humilhante para a inteligência do povo carioca: não era inimigo da escola pública, dizia, pois a escola particular também era pública — «ninguém está proibido de entrar nela, desde que tenha dinheiro...» Compreendendo que este «argumento» não convencia ninguém e, antes, irritava o público, o candidato das eduardinas resolveu «abolir um plano» de construção de escolas públicas. Mas, mesmo com objetivos puramente demagógicos, ele não conseguiu tirar sua fidelidade aos grandes capitalistas e aos especuladores da rua Acre: seu «plano» nada mais é do que um artifício para facilitar a sonegação do imposto de renda e o desvio de recursos públicos para os grandes homens-de-negócios.

O «plano» é muito simples. O Banco do Estado da Guanabara, antigo Banco da Prefeitura, dá a um capitalista um empréstimo de Cr\$ 8 milhões, a juros e prazos favorecidos; o capitalista retira Cr\$ 4 milhões e «doa» os outros Cr\$ 4 milhões ao Estado, para a construção de uma escola. Dos Cr\$ 4 milhões «doados», entretanto, o capitalista poderá recuperar cerca de Cr\$ 3 milhões, ou mesmo tudo, quando for pagar o imposto de renda, pois a «doação» será deduzida de sua renda tributável. Assim, numa época em que os bancos particulares cobram até 24% ao ano de juros para empréstimos, o capitalista terá de presente uma soma

de Cr\$ 4 milhões para investir em sua empresa, o que compensará largamente o pequeno prejuízo que ele porventura tiver na diferença entre a «doação» e a dedução no imposto de renda.

Com tal «plano», Lacerda pretenderia construir, se fosse eleito, 50 escolas. Melhor seria dizer que ele estaria entregando graciosamente Cr\$ 200 milhões do Banco do Estado aos homens-de-negócio seus amigos. Eis uma oportunidade que nenhum capitalista recusaria. O próprio Lacerda, em seu jornal, reconheceu hipocritamente que «meu plano é também um bom negócio» e lançou o lema: «Faça um bom negócio doando uma escola a Lacerda».

De qualquer forma, ainda se poderia dizer que, embora com dinheiro do Estado, as escolas seriam construídas. Mas, nem isso é verdade. Esta «picaretagem» batizada de plano tem outro aspecto gritante de demagogia: com Cr\$ 4 milhões não se constroem escolas, mas, no máximo, barracões. Na maioria dos bairros cariocas não se compra sequer um terreno adequado para uma escola, com esse dinheiro. Um plano sério de construção de escolas para as 150 mil crianças que delas carecem, na Guanabara, exige como base o cumprimento do dispositivo constitucional, que manda aplicar 20% do orçamento de cada Estado na manutenção e construção de escolas (Na Guanabara, seriam Cr\$ 4 bilhões por ano); exige a rigorosa cobrança dos impostos sobre a renda dos capitalistas, e não o estímulo à fraude e à sonegação; exige, por exemplo, que se obrigue os exportadores de café a pagarem os Cr\$ 2 bilhões de impostos atrasados que deviam à Prefeitura do Distrito Federal, e agora devem ao Estado. Mas isto, é claro, não é coisa de que Lacerda possa cogitar.

É nesse prédio, praça do Flamengo n.º 224, que mora o sinistro candidato a covão da Escola Pública. O financiamento do apartamento, verdadeiro palácio, foi feito por seus chefes e patrões da Esso, Light e Ponto IV. E aí que são engendradas as perigosas ideias do «corvo» (que o pássaro verdadeiro desmante), ideias que se puderem ser livremente, oficialmente aplicadas à frente de um poder executivo, trarão para o povo consequências as mais nefastas.

Golpismo Fêz de Lacerda um Homem-de-Negócios

Além do cinismo de seus «planos» para resolver os problemas da cidade, muita coisa conspira contra a vontade de Lacerda de aparecer como «fascista arrependido», embriulado numa aparência de bom moço. E uma das coisas que mais conspiram contra ele é a sua própria figura de grande homem-de-negócios.

Por isso mesmo, na semana passada, ele foi alvo do ridículo de toda a cidade. O deputado Sérgio Magalhães, como prova de seu caráter independente e da lisura de sua longa vida pública — onde ocupou uma série de postos importantes na ex-Prefeitura carioca, que já têm servido para a acumulação de grandes fortunas, quando nas mãos de aproveitadores e desonestos — fez ao povo carioca a declaração de seus bens: um modesto apartamento e um automóvel de modelo antigo, ambos ainda por pagar. Lacerda ficou então na obrigação de fazer o mesmo.

Durante vários dias o seu drama foi visível. Prometeu e adiou várias vezes a sua ida ao cartório, para mostrar o que tem. Os jornais gozaram as suas tramas complicadas para «descarregar» no nome de amigos e parentes, rapidamente, pelo menos uma parte de suas propriedades. Mesmo assim, quando ele finalmente fez a declaração de bens, ainda mostrou uma fortuna considerável.

Eis a lista de bens mostrado por Lacerda:

— Uma casa luxuosa e um terreno em Petrópolis, de valor não declarado, mas avaliado em mais de Cr\$ 5 milhões.

— Um apartamento na Praia do Flamengo, n.º 224, «duplex», senhorial, avaliado em mais de Cr\$ 10 milhões.

— Uma «Rural Willis» (um luxuoso «Oldsmobile» 57, que dias atrás ainda era dado como dele, não apareceu na lista).

— «Pequenos depósitos», de valor não declarado, no Banco Nacional de Minas Gerais e no Banco Lowndes.

— Uma chácara em Vassouras, no Estado do Rio.

— As ações da «Tribuna de Imprensa», com direito a uma porcentagem sobre a receita do jornal, o que o livra dos déficits da empresa.

Tudo isso, segundo os conhecedores, não fica por menos de Cr\$ 60 milhões. Para um jornalista, que ainda há poucos anos vivia de seu magro salário no «Correio da Manhã», é uma fortuna inexplicável. Tanto mais que o próprio Lacerda vive se queixando, nos editoriais da «Tribuna da Imprensa», que esse jornal — o de menor vendagem no Rio — como era de se esperar, é deficitário.

Eis a pergunta que fica na mente do público da TV, quando assiste ao comediante Lacerda desempenhar o seu papel de bom moço. Como Lacerda acumulou essa fortuna, que não diminui e, antes, parece aumentar com as suas freqüentes e prolongadas viagens «estrangeiras»? A resposta vem fácil, pois a vida de Lacerda é um espelho: são os frutos de sua carreira de delator e de agente descartado da Light, da Esso, dos especuladores da rua do Acre e de toda a corja mais reacionária e entreguista que milita na política do país.

Agente da Light e da Esso Campeão da Delação

Outra contradição que embarça os planos dos técnicos norte-americanos de publicidade na campanha de Lacerda é a que existe entre o espírito fanático do lanternista, à base do qual o «Cervo do Lavradio» construiu a sua carreira política, e o caráter demagógico dado à «embalagem» do candidato. Não é sem desapontamento e, mesmo, irritação que as «eduardinas» de Copacabana e Ipanema, que sempre constituíram o grosso do eleitorado lacerdista, e que passaram a admirar Lacerda pelas suas campanhas «contra a demagogia e a corrupção» e pelo «governo das elites», agora vêem o seu ídolo cair na mais desenfreada bajulação eleitoral, comprometendo-se com tudo e com todos, e pedindo votos como quem estende pires para pedir esmola — sem alhar a cara de quem dá.

Um sério sintoma dessa irritação que grassa no campo lanternista é a «carta-bomba» do suplente de vereador pela UDN, e um dos fundadores desse partido, Wilson Leite Passos, ao diretório regional udenista da Guanabara, comunicando a sua auto-exclusão deste organismo partidário. O líder da «ala-moça» udenista fez em sua carta um verdadeiro libelo contra Lacerda, apontando nele um agente da Light e da Esso, e um campeão da corrupção e da delação.

«No dia de chegar ao poder a qualquer preço, Lacerda lança mão de todos os processos, modifica conceitos, submete-se a tudo, alia-se a todos os que se dispõem a servi-lo, já não mais levando em conta os requisitos de ordem moral, tão apregoados em campanhas anteriores», disse Leite Passos, em sua carta, lembrando as campanhas de Lacerda contra Eduardo Gomes, em 1950, e contra Alberto Torres, por estes aceitarem apoio dos integralistas e dos trabalhistas.

Hoje, diz Leite Passos, Lacerda se alia a «falcateiros, negociantes, assaltantes da tesouraria do Partido, honrando-se do apoio que lhe é concedido pelos Many ChroKalt de Sá (o dos caminhões-feira), tudo em nome da moralização dos costumes e pela salvação da Pátria. E a decepção é tão grande que ele confessa o que já sabia a muito tempo, mas só agora escreve:

«Os grupos dominantes nesta Seção (a UDN carioca) estão iniludivelmente ligados a interesses estrangeiros. Uns à Light, outros a companhias petrolíferas internacionais». Acusa a vereadora Sandra Cavalcanti (parceira de

Lacerda) e o deputado Adauto Lúcio Cardoso de serem advogados da Light, e responsáveis pela campanha de hostilidade que sofrem dentro do Partido os vereadores Paulo Areal e Ligia Lessa Bastos, pelas atitudes que tomam contra o Trustes da Light.

Também a covardia e a vocação de alcaçúete de Lacerda são objeto da ira de Leite Passos. «O caso de Aragarças mais uma vez me fez conhecer quão desprezível e hedionda é a tática do Sr. Carlos Lacerda de aproveitar-se de nossos militares das forças armadas. Não satisfeito — dolorosa vergonha para nossos militares — em fazer de muitos deles seus meros guarda-costas, ou, como tem sucedido, até lavadores de cachorrinho em sua residência, é capaz de lódas as traições, (...) é quem, na verdade, condenou à morte o Major Rubens Florentino Vaz, em ato de covardia documentado por um tiro no calcanhar, quando, depois de explorar a fé patriótica deste eminente militar, abandonou-o às mãos de um sicário». Leite Passos lembra o telefonema de Lacerda a Bento Gonçalves, na madrugada em que devia eclodir a rebelião na Aeronáutica que acabou em Aragarças, delatando a ação dos oficiais rebeldes e pedindo ao presidente da Frente Parlamentar Nacionalista que comunicasse o fato ao ministro da Guerra, Marshal Lott. «Pouco lhe importaria a morte dos oficiais de Aragarças, desde que ele permanecesse vivo e lampeiro para novas tiradas demagógicas», afirma Leite Passos, que se gaba de ser o responsável pelo lançamento, em 1950, da candidatura Eduardo Gomes, apesar da resistência, entre outros, do próprio Lacerda.

Traído em sua demagogia por sua própria fidelidade aos interesses da reação e do entreguismo, desmascarado e desmoralizado por seus próprios coreleionários, Lacerda não ajuda muito seus assessores publicitários lanques a ganharem a aposta que fizeram — que, afinal, não é senão uma aposta contra a inteligência e a capacidade de discernimento do povo carioca. Muito mais, entretanto, do que essa «falta de jeito» de Lacerda para o papel de bom moço, concorrerá para a derrota desses «peritos na arte de passar gato por lebre» o fato de que, se há alguém que não pode iludir o povo carioca, esse é Carlos Lacerda.

A queima da barraca de Lacerda e o quase linchamento desse boneco da Light, dias atrás, na Central do Brasil, provaram que o povo carioca não esqueceu Lacerda, o assassino de Getúlio,

NOVOS RUMOS

As Carpideiras

Como choram! E por que choram!

Choram por esse moço Power, muito bem pago, raramente pago, para fazer espionagem, lá do espaço, como se fosse estrela. Mas a estrela se apaga, antes que o dia chegue...

Choram pelos dólares que os americanos não arrancam mais da miséria do povo cubano. Choram pelos canaviais, pelas rubetas. Pelas companhias de petróleo. Pelos latifundiários. Choram por Fulgêncio Batista.

Choram pelos brancos. Coidadinhos! Há séculos arrancando as riquezas dos negros. O coração dos negros. A alegria dos negros. A liberdade dos negros. A vida dos negros. Desde os tempos do Infante Senhor Don Henrique, por quem andam, comovidamente, chorando as glórias. Entre outras, merecidas, a infame glória de ter criado o comércio de negros. E agora...

Choram pelos belgas do Congo e pelos franceses da Argélia. Choram por um pequeno grupo de brancos, que exploram milhões de negros. Esses negros que, hoje, começam a colocar portas em suas casas. E o canto de «Os Luziadas» é, apenas, um canto, porque a verdade vai se perdendo no tempo: «Olha as casas dos negros, como estão».

Sem portas, contidos em seus ninhos.

Choram pelas coisas novas e belas, que não são capazes de entender. Choram com medo de um futuro que não saberão amar.

Choram, mas as lágrimas, como os olhos de onde correm, passam por sobre as aflições da cidade. São lágrimas choradas nos arranha-céus, dentro dos escritórios, e nunca poderão cair sobre as faces das crianças humildes e das mães ansiosas. É que as crianças da praia Marcellio Dias, lá na Penha, não têm uma escola. E as mães choram porque seus filhos não aprendem a ler. A Cruzada São Sebastião, que não perde muito tempo chorando pelos favelados, pegou a chave do barraco, feito com o dinheiro maldito daquela gente, batou no bôlso, e lá se foi chorar por gente mais importante. Quem se move? Quem chora? Ou uma lágrima, uma só, curta e rápida, tem que ser comprada? Quanto custa uma lágrima por crianças que não têm escola, como essas da praia Marcellio Dias? O ordenado de Power, para espionar? Presumo que custará muito mais. Talvez um monte de fichas lançadas nas mesas dos cassinos de Fulgêncio Batista. Talvez os diamantes, talvez o urânio, talvez os diamantes e o urânio do Congo. Talvez a publicidade das empresas americanas. Talvez tudo isso e mais a coragem, a alegria, a liberdade, a vida dos negros. Pois não choram, agora, pelas crianças que não têm escola. Não choram, agora, pelas crianças de Marcellio Dias. Diz o Evangelho que num certo lugar, onde serão lançados os maus, choverá choro e ranger de dentes. E não se esqueçam: chorarão e rangerão os dentes sem receber um único centavo. De graça. Completamente de graça.

Ant. Montenegro

A História de um Golpe Que Ainda Não Terminou

6 de agosto: «Darei o resto de minha vida para que o espírito de Vargas, a infâmia de Vargas, o crime que se chama Vargas desapareçam da face desta nação».

9 de agosto: «É preciso substituir o poder ilegítimo pelo poder autêntico».

11 de agosto: «Façamos a revolução pela paz. A nação está sem governo e exige um governo constitucional».

12 de agosto: «Se conspiramos é a céu aberto».

18 de agosto: «Vargas é coiteiro e protetor dos mais abjetos criminosos».

26 de agosto: «Vargas morreu vilima dos seus amigos».

Estas frases, retiradas dos editoriais assinados por Carlos Lacerda na «Tribuna da Imprensa», em agosto de 1954, contam um pouco do que foi a preparação do golpe que assassinou Getúlio Vargas, cuja lembrança é agora evocada pelo país, no 6º aniversário de sua morte. E contam mesmo o que foi a grande reação popular ao golpe de 24 de agosto, que levou Lacerda a fugir e esconder-se do povo que o queria linchar — do povo que o foi buscar e não o encontrou na «Tribuna da Imprensa» — e a mudar de tom e de voz, e escrever, do fundo de seu esconderijo, esta perla de cinismo e de covardia: «Vargas morreu vilima dos seus amigos».

Conspiração a céu aberto

Foram dias dramáticos e intensos, aqueles. Difícilmente um governo já foi tão pressionado e tão acuado por forças tão poderosas quanto o foi o governo de Vargas naquele mês de agosto. «Conspiramos a céu aberto», disse Lacerda, e, desta vez, falava a verdade. Como ele, havia muita gente empenhada em fazer com que Vargas e seu governo «desapareçam da face desta nação». Os interesses reacionários e entreguistas internos se conjuraram a pressão diplomática do imperialismo norte-americano, que vivia um momento de euforia, poucas semanas depois da intervenção militar na Guatemala; agora, era a vez de implantar no Brasil um governo de títeres, completamente submisso.

O apoio ianque ao golpe entreguista nem sequer era destacado. O «New York Times», órgão oficial do Departamento de Estado, não tinha escrupulos de publicar um longo artigo tomando o partido aberto de Lacerda, contra Vargas, e elogiando o Corvo da Lavradio, detentor do «Prêmio Maria Moors Cabot», «por grandes serviços prestados à amizade interamericana». Também o «Time» entrou no coro; no dia 17 de agosto, apareceu com a sua contribuição ao elogio do Clube da Lanterna, e atacando Getúlio porque este «tem posto à frente grupos e indivíduos que buscam apenas os seus objetivos políticos pessoais».

As reuniões da corja de politiqueros reacionários no Clube da Lanterna e de militares no Ministério da Aeronáutica se sucediam, lançando manifestos e ultimatos a Vargas, para que renunciasse. Sob pretexto do inquérito contra a guarda de Gregório, pelo

estúpido assassinio do major Rubens Vaz — cometido à revelia de Getúlio, segundo a história tem demonstrado — toda a imensa máquina de propaganda controlada pelo imperialismo norte-americano pôs-se em movimento para acuar e depor o governo, apoiada em seu velho «tripé»: o «Correio da Manhã», «O Globo» e «O Estado de São Paulo». Lacerda era o general da banda, que parecia conduzir a orquestra, mas tinha a partitura pronta, escrita na embaixada ianque.

«Só morto sairei do Catete!»

Até à véspera tentaram fazer com que Vargas renunciasse, cedendo a pressão. O «Correio da Manhã», em sucessivos editoriais, insistiu na «imperialista da renúncia», apontando ao Presidente o caminho da «renúncia espontânea». Com ele, toda a imprensa de aluguel exercia uma coação sem disfarce sobre Vargas. Mas Vargas não cedeu. «Só morto sairei do Catete!», respondeu.

Passaram então à articulação aberta para o golpe de força. No dia 23, «O Globo» deixou para a história, em editorial, o selo da sua obediência a Washington. «Se amanhã — disse o presidente da República vier a perder o poder, por um ato de sua livre vontade ou sob a coação das circunstâncias, o Brasil continuará sendo um Estado legitimamente constituído». Estava armado o golpe militar contra Vargas. Para o homem forte que era Vargas, o golpe era também o seu assassinio.

Vargas cumpriu a sua promessa: os vendilhões do povo e da pátria não o tiraram vivo do Catete. Nem sequer conseguiram abafar a publicação de sua carta-testamento, que sacudiria toda a Nação, denunciando a ação opressora e espoliadora do imperialismo ianque, transformando o que iria ser o grande baile de posse do entreguismo numa revolta de todo o povo contra os usurpadores do poder.

Na cabeça de milhões e milhões de brasileiros as frases de Vargas ficaram soando, como apelo à consciência nacional. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a revisão do salário-mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização de nossas riquezas atra-

vés da Petrobrás, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruiu os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender o seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder. E Vargas concluiu certo de que nosso povo «não mais será escravo de ninguém».

O golpe continua

A morte de Vargas, emocionando amplos setores populares, continuou parando que a Nação se salvasse da ditadura entreguista. Os golpistas subiram ao poder, mas já não podiam fazer o que pretendiam. Veio a gente do café e dos bancos paulistas, que sustentavam Jânio Quadros para o Ministério da Fazenda, onde colocaram o funcionário da Bond and Share, Eugênio Gudin, com o único objetivo de fazer a reforma cambial, tão desejada pelos imperialistas norte-americanos; mas não conseguiram fazer a reforma. Juarez, Eduardo Gomes, Lacerda e o Clube da Lanterna foram para o Catete, para impedir as eleições fixadas para 40 dias depois, a 3 de outubro, e instalar a ditadura militar, mas não conseguiram nem uma coisa nem outra. Chegaram a aceitar com o enviado do Departamento de Estado, Mr. Henry Holland, a entrega da Petrobrás à Esso, mas tiveram de desistir. Tudo fizeram para impedir as eleições presidenciais, e, depois, para impedir a posse de Juscelino, armaram outro golpe, mas tiveram de apagar do poder, e entregá-lo às forças nacionalistas do 11 de novembro de 1955. Um ano já fora tempo suficiente para que a grande maioria de nacionalistas e patriotas do Exército se reorganizasse e, sob o comando de um novo líder, o General Lott, alijasse do poder a minoria de traidores que dele se apossara.

O golpismo entreguista, entretanto, não foi liquidado em 11 de novembro, longe disso. Perdeu uma batalha, mas não se considerou vencido. E já agora vem-lhe surgir, rearticulado, com novas formas e nova tática, mas com as mesmas forças, os mesmos objetivos e os mesmos homens. Desistiram, por ora, de assumir o poder pela força, e aceitam o caminho eleitoral. Mas querem ganhar a eleição a todo preço, mesmo porque o dinheiro sai fácil e farto dos cofres dos trustes

que dele se apossara.



A Carta-testamento de Vargas, denunciando a opressão imperialista e os grupos econômicos inimigos do povo que articularam o golpe contra o seu governo, sacudiu o povo brasileiro. Durante vários dias, no Rio (foto), em São Paulo e em todo o país o povo ficou nas ruas, demonstrando a sua revolta contra o golpe entreguista e revelando que havia compreendido as razões reais e os verdadeiros autores do golpe.

O povo atendeu ao apelo de Vargas

ianques. Daí o «rio de dinheiro» que está correndo nesta campanha eleitoral, denunciado outro dia corajosamente pelo Marechal Lott.

A dificuldade, contudo, para este novo golpe do imperialismo ianque e seus sustentáculos internos, «golpe legal» desta vez, está em que as suas forças são as mesmas de antes. A renovação de quadros do imperialismo é precária, o que facilita a tarefa do povo de reconhecer seus inimigos.

A frente da malta vem Jânio, que

escorou Lacerda em 24 de agosto e se dispôs a receber em São Paulo a «República do Tamandaré», em 11 de novembro, só não o fez porque disso foi impedido pela guarnição do Exército na capital paulista. Sustentando o candidato de Rockefeller, estão os Lacerda, Juarez, Eduardo Gomes, Pádua Boto, coronel Mamede, Gudin, «et cetera», e estão os mesmos jornais — «Estado de São Paulo», «O Globo», «Correio da Manhã», «Tribuna da Imprensa», que fizeram o 24 de agosto

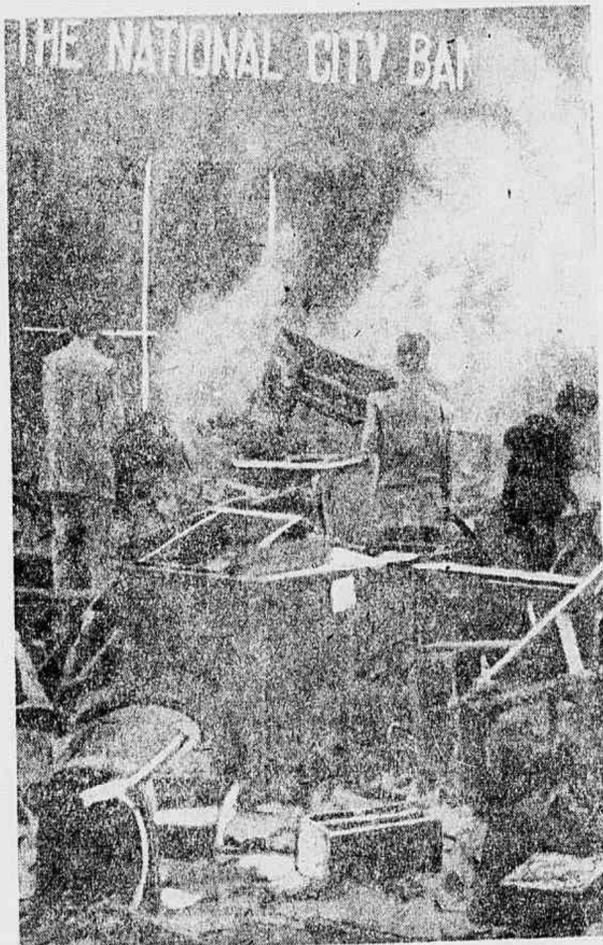
e foram escorraçados no 11 de novembro. É o mesmo e surrado exército do imperialismo ianque e do latifúndio, da reação e do obscurantismo, a mesma quadrilha que assassinou Vargas. Agora, acreditando-se impune, o córvo Lacerda chega, num extremo de cinismo, a afirmar no seu jornal, em manchete de escândalo, que «se Getúlio fosse vivo, votaria em Lacerda». Mas o povo brasileiro não esqueceu. E saberá derrotar essa quadrilha em 3 de outubro.

NOVOS RUMOS

ANO II

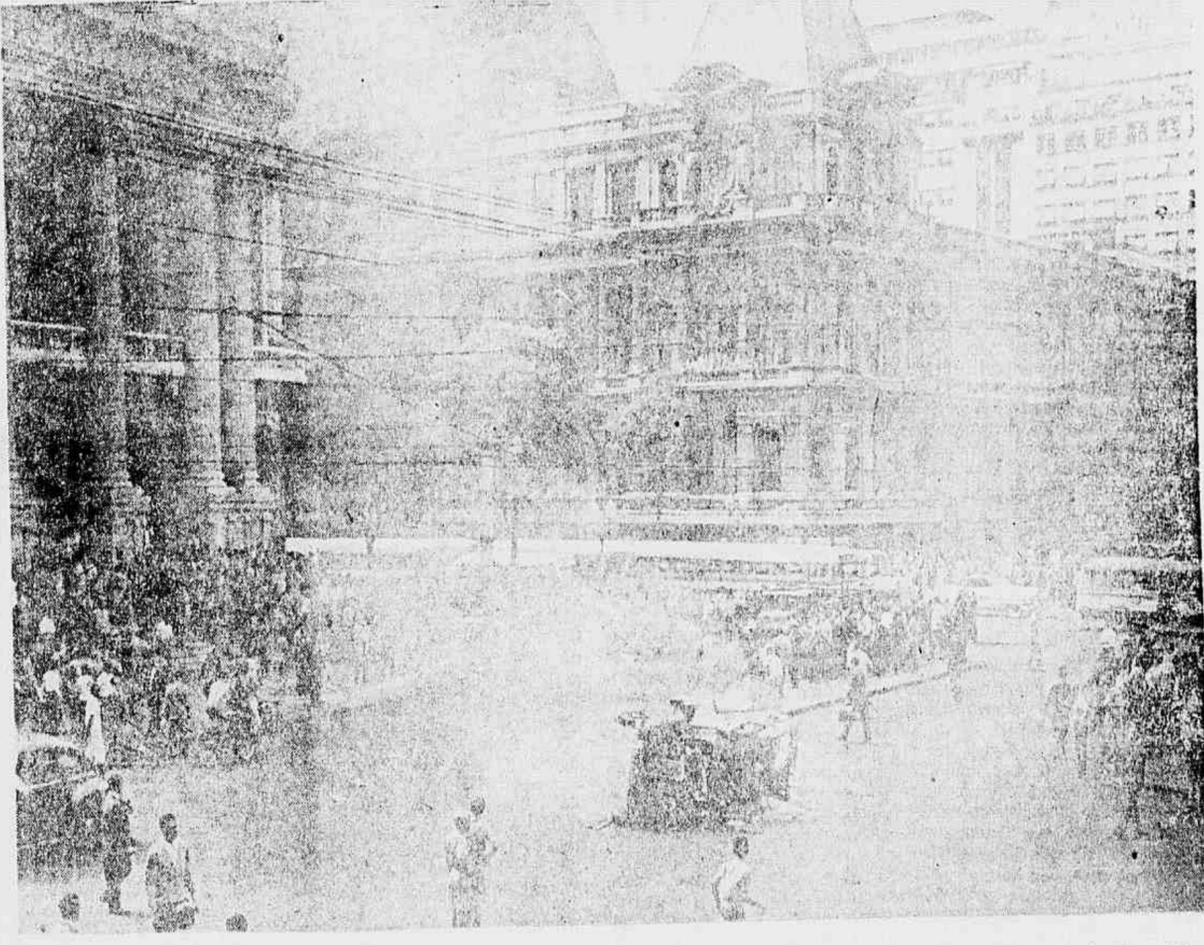
Rio de Janeiro, semana de 26 de agosto a 1º de setembro de 1960

Nº 78



A explosão popular acertou no inimigo

A agência do National City Bank em Porto Alegre (foto) foi incendiada e destruída pela massa. Em todo o país, o povo em revolta voltou-se para as agências do imperialismo ianque no país,



Lacerda ganhou mas não levou

Poucas horas depois do anúncio da morte de Getúlio, as ruas do Rio já estavam ocupadas por uma extraordinária multidão revoltada, que passou a destruir carros de propaganda eleitoral udenista, a assaltar a embaixada ianque, a caçar os golpistas. Na «Tribuna da Imprensa», a massa não encontrou Lacerda, que tinha fugido e ficou escondido durante várias semanas até que «os ânimos se acalmarem». O Corvo, hoje, escreve em seu jornal que «Getúlio, se fosse vivo, votaria em Lacerda». O povo carioca, em 3 de outubro, dirá o que pensa dele.

IMPÓSTO DE RENDA NO BRASIL

Quem Tem Renda Não Paga

Quem quer que fique durante meia hora numa rua central do Rio ou de S. Paulo, poderá contar seguramente algumas centenas de automóveis americanos tipo rabo-de-peixe, cada um dos quais não custaria menos de dois milhões de cruzeiros. E isto é apenas um exemplo. No entanto, segundo o último relatório publicado da Divisão do Imposto de Renda, em todo o Brasil há apenas 353 (trezentas e cinquenta e três) pessoas com renda líquida anual superior a 3 milhões de cruzeiros (250 mil cruzeiros por mês). Renda líquida anual, para o imposto de renda, é a receita bruta anual menos pequenos descontos, correspondentes a esposa, filhos, e pequenos serviços. Que mostram estes fatos? Que em nosso país há uma sonogação em vasta escala do pagamento do imposto de renda, o que faz com que esse tributo venha tendo sua participação diminuída,

em termos percentuais, relativamente a toda a receita tributária. O resultado, brutal mas verdadeiro, é que no Brasil só paga imposto de renda quem não tem renda.

Quem mais paga:

Sabe-se que, pela lei em vigor, qualquer cidadão cuja renda anual seja superior a 90 mil cruzeiros, está sujeito ao pagamento do imposto de renda. Um operário que perceba 8 mil cruzeiros mensais, embora isto dê apenas para uma modesta alimentação, e não tenha encargos de família, está sujeito ao pagamento do imposto e é descontado em folha. O mesmo acontece com os pequenos funcionários, empregados, etc.

Vejamos este quadro, extraído do mencionado relatório da DIR:

Classes de rendas	Nº de contribuintes	Imposto
De 151 a 200 mil cruzeiros	51.032	Cr\$ 625 milhões
De 201 a 300 mil cruzeiros	41.570	Cr\$ 939,1 milhões
De 301 a 400 mil cruzeiros	17.522	Cr\$ 715 milhões
De 1 milhão e 1 a 2 milhões de cruzeiros	3.794	Cr\$ 1.501 milhões
De 2 milhões e 1 a 3 milhões de cruzeiros	616	Cr\$ 534 milhões
De mais de 3 milhões de cruzeiros	353	Cr\$ 654 milhões

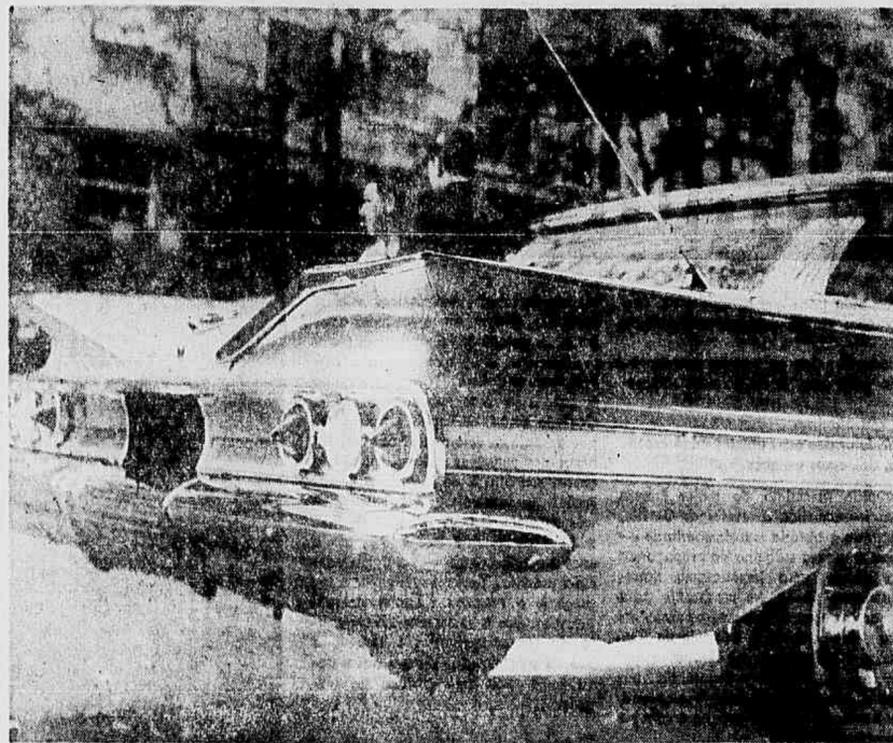
Como se vê pelo quadro acima, os contribuintes com uma renda líquida de 201 mil a 300 mil cruzeiros pagam mais à União do que aqueles que têm uma renda líquida de 2 a 3 milhões de cruzeiros ou do que os que a têm de mais de 3 milhões. Esses números, somente eles, mostram o caráter profundamente injusto da cobrança do imposto de renda, pois que significa uma renda líquida anual de 200 a 300 mil cruzeiros? Significa uma renda líquida mensal entre 17 e 25 mil cruzeiros. Com o elevado custo de vida, que representam já não dizem 17 ou 25, mas até 30 e 40 mil cruzeiros por mês. E nem se venha com o sofisma de que os rendimentos de mais de 3 milhões dão uma contribuição total menor porque são em menor número. Pois se o imposto de renda neste país fosse cobrado ao menos com alguma justiça,

tais contribuintes se contariam por muitos milhares e não por centenas.

Finalidade do imposto de renda

Segundo os técnicos em política fiscal, o imposto de renda tem como finalidade distribuir de maneira mais equitativa a carga tributária que o Estado descarrega sobre os cidadãos. Por isso, o imposto de renda é um imposto direto, uma dedução direta dos rendimentos, em favor do erário público. É, portanto, um imposto que grava eminentemente as pessoas físicas, os indivíduos. Além dos impostos diretos, há também os indiretos, como o imposto de consumo, por exemplo, que os cidadãos pagam ao adquirir determinada mercadoria e que são adicionados ao seu preço.

Por isto, nos países de economia capitalista o imposto de renda pago pelas pessoas físicas é maior do que



Milhões sonogados

o que grava os lucros das diversas empresas (pessoas jurídicas) ou é descontado na fonte. No Brasil, o que se dá é o inverso. A maior parcela do imposto de renda provém das pessoas jurídicas, em segundo lugar das cobranças na fonte e, por último, das pessoas físicas.

De direito em indireto

O fato de que o imposto sobre pessoas jurídicas (firmas industriais, comerciais, etc.) suplante o imposto sobre pessoas físicas muda completamente o sentido do imposto de renda. Em vez de imposto direto, passa a ser adicionado ao preço das mercadorias e pago pelo consumidor. Isto se dá porque os lucros tributados são lucros «das firmas» e não dos «seus diretores», embora sejam estes os que na realidade auferem tais lucros e freqüentemente os esbanjam. Como isto é possível? Através de mil e um processos de sonogação, o mais escandaloso dos quais é a existência das chamadas ações ao portador. A ação ao portador, como se sabe, pertence àquele em cujas mãos se encontra, isto é, é vendida e comprada sem qualquer controle, passa de uma mão para outra sem que o fisco tome conhecimento. A Light, por exemplo, acaba de emitir 1 bilhão de cruzeiros em ações ao portador, em S. Paulo. A quem pertencem tais ações? Aqueles em cujas mãos se

encontram... se o seu lucro for superior a determinada importância (e as ações ao portador receberão sua parte nesse lucro), a Light pagará certa importância (o máximo estabelecido em lei é de 28 por cento sobre os lucros tributados) como imposto de renda. E a contribuição da Light como pessoa jurídica. E o lucro correspondente a essas ações será gravado, no máximo, com aqueles 28 por cento. Ora, mas essas ações pertencem de fato a determinadas pessoas físicas. Que sucede? Não pagam mais impostos, além daqueles 28 por cento, embora a lei estabeleça que as pessoas físicas com rendimentos líquidos superiores a 3 milhões de cruzeiros devem pagar como imposto de renda a metade dessa importância. Assim, se o cidadão A possui certa quantidade de ações ao portador da Light e a essas ações corresponde um lucro de, digamos, 20 milhões de cruzeiros, ele só pagará de imposto de renda 5 milhões e 600 mil cruzeiros (28% sobre 20 milhões), em vez dos 10 milhões que deveria pagar como pessoa física, segundo a tabela.

Essa é a principal razão por que há tanto rabo-de-peixe, tanta ostentação e tanto luxo, mas apenas 353 pessoas aparecem com rendimentos líquidos superiores a 3 milhões de cruzeiros por ano.

Agricultura: não paga. Sonogação maciça do imposto de renda e feita também pelas fazendas e grandes agricultores. Com efeito, devido ao fato de não existir a obrigação de que os estabelecimentos agrícolas escriturem seus negócios, a cobrança do imposto de renda é praticamente impossível e a arrecadação ridícula. O critério de cobrança do imposto de renda na agricultura é o seguinte: o lucro tributável é estimado em 5 por cento do valor da propriedade. Então, acontecem coisas assim: uma destacada personalidade da República possui uma fazenda em Minas, e tão vasta que dentro dela existem uma grande represa e uma central hidrelétrica. Pois bem. Até poucos anos atrás, essa fazenda tinha o seu valor declarado em 50 mil cruzeiros. Para efeito da tributação do imposto de renda, o lucro dessa fazenda era de 2.500 cruzeiros (5% sobre 50.000 cruzeiros) e, de tal maneira, estava isenta do pagamento do imposto.

Esta situação perdura e é uma das provas mais expressivas do tremendo lastro negativo, reacionário antiprogressista, que ainda constitui entre nós a grande propriedade territorial. Em 1958, por exemplo, enquanto os estabelecimentos industriais contribuíam com 7 bilhões de cruzeiros para o imposto de renda e os comerciais com 4,7 bilhões, os estabelecimentos agrícolas entravam apenas com 70 milhões de cruzeiros. No entanto, na formação da renda nacional a produção agrícola participa com cerca de 40 por cento.

Estes são apenas alguns aspectos que mostram o caráter monstruosamente injusto da política fiscal no Brasil, que consiste em esconder os cidadãos de poucas rendas para tornar cada vez mais ricos os magnatas e tubarões.

EUA: às Vésperas de Nova Recessão?

«A recessão já é uma triste realidade» — afirma em carta que enviou recentemente a cada um dos membros do Senado e da Câmara dos Representantes, o líder sindical norte-americano David MacDonald, presidente da União dos Operários do Aço da América. No mesmo documento afirma MacDonald que 480 mil, dentro um milhão 250 mil membros da União, acabam-se totalmente desempregados, ou então trabalham uma semana incompleta. Ao expor a triste situação dos operários norte-americanos do aço, MacDonald sugere aos congressistas a aprovação de um programa de oito pontos, entre os quais a ajuda às áreas cronicamente atrasadas, a ajuda federal para a construção de escolas e a instituição de um salário mínimo de um dólar e 25 cents por hora.

Entretanto, as perspectivas são ainda piores para os operários siderúrgicos e de elaboração do aço, para os ferroviários, que estão sendo despedidos em grande número, e para os mineiros, que também estão sofrendo dispensas em massa.

O presidente do Sindicato da Indústria Automotivista, Walter Reuther, chama a atenção para o fato de que a atenção do presidente Eisenhower e em carta que lhe enviou afirma que «estamos colocados à borda de uma outra recessão econômica», reclamando por isso uma conferência nacional sobre a economia para estudar um programa de acordo com a Lei de Pleno Emprego, em 1946. A carta de Reuther fornece um sumário das indicações econômicas que revelam um descenso por toda a parte.

Fim de 1960, princípio de 1961
O início de uma nova recessão

econômica nos Estados Unidos é prevista para fins do ano em curso ou início do próximo pelo economista Frank E. Morris, diretor de pesquisas da Associação dos Bancários Investidores da América. Sua previsão foi anunciada num simpósio econômico de que participaram economistas especializados em problemas financeiros.

Disse ele: «Eu penso que é mais do que certo que nós estaremos numa fase de queda no ciclo dos negócios, dentro de um ano a partir de agora, havendo mais de uma possibilidade de que o ponto de início da queda do ciclo possa achar-se na parte final deste ano».

Explicou Morris que tirou essa conclusão depois de estudar dez indicadores econômicos, e do seu comportamento desde janeiro. Um deles é a percentagem de encomendas de bens duráveis, que está abaixo da taxa atual de produção.

Outro economista, Miles L. Colean, de Washington, consultor da indústria de construção, assinala que os gastos este ano e o acham-se dois por cento abaixo do ano passado, na primeira redução de ano-ano, desde o fim da última guerra, neste campo de atividade. Em termos físicos, o declínio é ainda maior, em face dos preços inflacionados.

Dados de maio, porém, mostram que Colean vê as coisas de modo otimista. Com efeito, foi iniciada em maio deste ano a construção de 125 mil casas, ao passo que em maio de 1959 esse número era de 152 mil. A construção, em geral, caiu em 6 por cento, no mesmo período.

Encomenda de máquinas-ferramentas

Também as encomendas de máquinas-ferramentas, usualmente um importante indicador econômico, sofreram sensível redução. Os dados de David MacDonald, baseados num inquérito realizado pela União dos Operários do Aço, revelam que já existe situação pior do que a que se chegou no ponto mais baixo da recessão de 1953, quando a União também realizou um inquérito entre as suas 3.060 sedes.

A revelação da União coincide com o momento em que a produção da indústria siderúrgica reduziu-se a 48 por cento de sua capacidade, ou seja, um por cento menos do que o ponto mais baixo a que chegou durante a recessão de 1958.

Ferrovias

A redução da produção siderúrgica, notadamente a partir de fins de junho, coincidindo com as festas do 4 de Julho (Independência dos Estados Unidos) repercutiu diretamente não só sobre a indústria carbonífera, como sobre o movimento ferroviário de cargas. As primeiras minas atingidas foram, naturalmente, as minas cativas, de propriedade das empresas siderúrgicas. A consequência direta é que os fretes ferroviários proporcionalmente, na primeira metade de 1960, uma receita inferior em 3,5 por cento à de indúlcio período do ano anterior.

A «Pennsylvania Railroad» anunciou que 2.200 dos seus operários foram afetadas do serviço por tempo indeterminado. Outros 700 ferroviários foram demitidos da linha New York, New Haven e Hartford.

Nota Econômica

Acaba de ser divulgado pela Superintendência da Moeda e do Crédito o Relatório do Exercício de 1959. O capítulo IV trata do balanço de pagamentos. Como já foi divulgado, o balanço de pagamentos do país apresentou no ano-passado um déficit de 156 milhões de dólares.

O comportamento dos diversos itens do balanço foi o seguinte: mercadorias (balança comercial), superavit de 72 milhões de dólares; serviços e donativos, déficit de 576 milhões de dólares; movimento de capitais, superavit de 218 milhões de dólares e, finalmente, déficit de 70 milhões no item erros e omissões.

Dentre as exportações brasileiras, que totalizaram 1 bilhão e 282 milhões de dólares, o café contribuiu com 735 milhões de dólares, ou 57 por cento, vindo em seguida o cacau e derivados (81 milhões de dólares), os minérios de ferro e manganês (71 milhões), o açúcar (43 milhões), o pó do serrão (38 milhões), o algodão (35 milhões), o petróleo (29 milhões) e sucessivamente a cera de carnaúba, o mate, o fumo em folha, o óleo de mamona e outros produtos com participação inferior a 10 milhões de dólares.

A comparação das exportações feitas em 1959 com as do ano anterior revela, no total, um acréscimo de 39 milhões de dólares, pelo qual responde, antes de tudo, o incremento das vendas de café. As vendas de cacau entraram sensivelmente (menos 27 milhões de dólares), o mesmo ocorrendo com o açúcar (menos 11 milhões de dólares), o plúbio (redução idêntica), enquanto que os minérios de ferro e manganês apresentaram um aumento de 3 milhões, o algodão alcançou alguma recuperação proporcionando mais 10 milhões de dólares do que em 1958 e o petróleo registrou um aumento de 3 milhões de dólares relativamente ao ano precedente.

Quanto às importações, o maior item ainda é constituído pelo petróleo e derivados. Em 1959, foram importadas 250,7 milhões de dólares de petróleo e derivados, contra 233,3 milhões em 1958. Se não existisse a Petrobrás, essas importações teriam ascendido em 1959 a 304,2 milhões de dólares, uma vez que a liberação de divisas proporcionada pela empresa estatal foi de 143,5 milhões. Tal liberação foi obtida através de: a) produção nacional de petróleo; b) redução do preço do petróleo importado; e c) despesa parcial de gastos com fretes em empresas estrangeiras de transporte, graças à Frota Nacional de Petróleo. Segundo o relatório da SUMOC, dentre os derivados de petróleo, aqueles que mais pesaram nas importações, por serem os mais caros, foram o querosene e o óleo Diesel, sendo de esperar, portanto, certa redução em suas aplicações das refinarias de Mataje e Cubatão.

A segunda maior despesa nas importações foi feita com o trigo, do qual entraram no país, em 1959, cerca de 1 mi-

Dicionário

Leis Gerais e Específicas

Numa sociedade de classes a utilização das leis econômicas possui sempre um caráter de classe: a classe avançada de cada formação social utiliza as leis econômicas de acordo com os interesses do desenvolvimento progressista da sociedade, ao mesmo tempo em que as classes em desaparecimento opõem-se a isto.

A cada modo de produção é inerente a sua lei econômica fundamental. A lei econômica fundamental representa a essência de um determinado modo de produção, é a lei do seu movimento e determina a linha principal de desenvolvimento da sociedade. A lei econômica fundamental acha-se em interação com as outras leis econômicas do modo de produção e desempenha em relação a elas um papel dirigente. No modo de produção capitalista, por exemplo, a lei econômica fundamental é a lei da mais-valia, ou do lucro, que é a forma transformada da mais-valia. Significa que todos os fenômenos econômicos do modo de produção capitalista estão subordinados à produção, à repartição e à apropriação da mais-valia. E que todas as demais leis do modo de produção capitalista acham-se subordinadas à lei da mais-valia.

Segundo Engels, somente depois de investigar as leis particulares de cada estágio isolado do desenvolvimento da produção e da troca, a Economia Política pode estabelecer as poucas leis gerais válidas para a produção e a troca em geral. Portanto, o desenvolvimento das diferentes formações sociais é determinado tanto pelas leis econômicas específicas, como também por aquelas leis econômicas que são comuns a todas as formações. Entre tais leis incluem-se: a lei da correspondência entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas, a lei da elevação da produtividade do trabalho e algumas outras. Torna-se claro, pois, que os modos de produção não apenas distinguem-se entre si por leis econômicas específicas, como também estão mutuamente ligados pelas leis comuns a todas as formações.

A Economia Política estuda os seguintes tipos fundamentais de relações de produção conhecidas pela história: o regime comunitário primitivo, o regime escravista, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo. O regime comunitário primitivo precede a divisão da sociedade em classes (como sucede, por exemplo, entre os nossos índios); quanto ao escravismo, o feudalismo e o capitalismo, são regimes baseados na propriedade privada e na exploração de umas classes por outras. O socialismo, ao suprimir a propriedade privada sobre os meios de produção, as classes e a exploração do homem pelo homem, restabelece, num outro plano histórico, mais elevado, uma situação na qual o homem viveu durante quase toda sua existência, desde que apareceu sobre a Terra. Efetivamente, dos 800 mil ou 1 milhão de anos — que é em quanto se estima a idade do homem sobre a Terra — somente durante uns poucos milhares de anos existe a sociedade de classes. Donde se vê, como é insustentável a afirmação de que a democracia capitalista (com a exploração capitalista do homem pelo homem) é o regime que melhor corresponde à natureza humana...

Vendemos Mais Barato e Compramos Mais Caro

1 milhão 950 mil toneladas, no valor de 131,4 milhões de dólares. Em 1958, esses números foram, respectivamente, de 1 milhão e 500 mil toneladas e 111,8 milhões de dólares. O aumento verificado em 1959 decorreu da redução da safra nacional de trigo, inferior em 81 milhões de toneladas à anterior.

Exclusivo trigo e petróleo, as importações subiram a 992 milhões de dólares, sendo 411 milhões sob a forma de investimentos e financiamentos (mais 44 milhões de dólares do que em 1958) e 581 milhões de dólares sob a forma de importações com cobertura imediata de câmbio. Nestas, relativamente a 1958, houve uma redução de 81 milhões de dólares, em consequência das restrições dadas pelo governo, decorrentes das dificuldades cambiais.

Diz o relatório da SUMOC a propósito do comportamento das relações de troca em 1959: «De 1958 para 1959, a exemplo do que já vinha ocorrendo desde 1955, a relação dos preços-índices de exportação e importação, tomando-se como base o ano de 1948, demonstrou perda do nosso potencial aquisitivo. Na verdade, nos dias precedentes em conjunto, os índices de relações de troca expressaram-se, respectivamente, pelos seguintes números: 161 e 138; em 1954, 1955, 1956 e 1957 referido indicador evoluiu da maneira que se segue: 235, 182, 171, 166».

Como se vê, de 285 em 1948, o índice das relações de troca foi caindo até chegar a 138 no ano passado. Em outras palavras, a tesoura de preços continua cortando fundo em nossa carne: os preços-índices dos nossos produtos vão caindo, enquanto o oposto verifica-se em relação aos preços-índices daquilo que importamos. Isto é particularmente evidente no que se refere ao café. O preço médio da saca de café exportada pelo Brasil caiu de 59,05 dólares em 1957 para 53,37 dólares em 1958 e 42,04 dólares em 1959. O cacau, entre 1958 e 1959, teve sua cotação reduzida de 43,34 cents por libra-peso para 35,36 cents por libra-peso. Os minérios de ferro foram vendidos em 1959 por um preço médio de 11,2 dólares por tonelada, quando em 1958 haviam sido exportados a 13,9 dólares por tonelada. Também sofreram baixa o algodão, o açúcar, a cera de carnaúba, o mate, o óleo de mamona e até a banana...

A deterioração das relações de troca — que impõe ao nosso povo uma sobrecarga de trabalho para manter um mesmo nível das importações — está intimamente relacionada com o virtual monopólio dos principais produtos brasileiros de exportação pelos trusts norte-americanos. A diversificação e ampliação dos nossos mercados compradores e vendedores, medida que o governo vem entendendo com grande fluidez e às vezes com retrocessos, é um imperativo do interesse nacional. Persistir na atual política nada de bom pode augurar no futuro ao comércio exterior do Brasil.

JULIAO LEVA AO PARANA A EXPERIENCIA DE PERNAMBUCO

«União de Cimento e Aço Pela Reforma Agrária»

Já assinalamos em reportagens anteriores a participação do deputado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas de Pernambuco, no I Congresso dos Trabalhadores Rurais do Paraná. Julião foi a Londrina com uma delegação de 19 membros, entre os quais quatro advogados, um engenheiro, dois violeiros e inúmeros líderes camponeses. Todos eles inteiramente integrados na luta em defesa dos lavradores espoliados pelos grileiros e latifundiários do Nordeste.

Essa equipe de lutadores pela reforma agrária desempenhou um papel saliente no conclave de Londrina e contribuiu, como afirmou Francisco Julião, para a união de aço e cimento entre os lavradores do nordeste e do sul do País, na luta pela reforma agrária, que vai se elevando de nível em todo o território nacional.

Logo após o encerramento do conclave ouvimos o advogado Costa Pereira, da equipe de Julião, que declarou: «Volto para Pernambuco convencido de que o movimento em favor da reforma agrária vai em franco progresso, abrindo caminho para a breve emancipação do homem do campo. O I Congresso dos Trabalhadores Rurais do Paraná deu-nos um testemunho eloquente da nova situação existente na

lavoura, onde os homens que trabalham a terra, à medida que adquirem consciência de sua capacidade de luta e de organização, começa a movimentar a sua própria força para modificar o atual sistema de exploração da terra.»

A liga de pesqueira

O advogado Costa Pereira é um dos inúmeros intelectuais que pelo interior do País passaram a se dedicar a causa dos homens do campo. Advogado no município de Pesqueira, situado a cerca de 240 quilômetros de Recife, o casuído teve a sua atenção despertada para as injustiças que se cometem contra os lavradores e suas famílias, naquela vasta região onde se cultiva o algodão, mamona, milho, feijão e outros produtos agrícolas. É o próprio advogado Costa Pereira quem conta a história da fundação da «liga», que hoje reúne cerca de 1.200 sócios:

«Junto com cinco pioneiros agricultores do município de Pesqueira organizamos uma associação de classe para defender os lavradores daquele município. A princípio tivemos de enfrentar a oposição obstinada dos latifundiários, e até mesmo da Igreja. Travamos uma luta danada durante mais de dois anos. Hoje, entretanto, a

situação é outra. A própria Igreja que nos atacava violentamente silenciou as suas baterias e agora, se não nos faz bem, mal também não faz. Preferiríamos, é certo, que a Igreja estivesse ao nosso lado, defendendo conosco aqueles ideais de solidariedade humana pregada pelo revolucionário da Galiléia.»

prosseguiu:

«A nossa entidade conta hoje com 1.200 associados, sem incluir mulheres e crianças. A Associação tem estatutos próprios, devidamente registrados. Ela é, portanto, uma «liga» autônoma, formada para a defesa dos lavradores e de suas famílias. E é justamente por isso que colaboramos com o movimento de Francisco Julião em favor da reforma agrária, e com todos os empreendimentos que visem o mesmo objetivo. A nossa presença no Congresso dos Lavradores do Paraná — concluiu — foi exatamente para prestar a nossa irrestrita solidariedade ao conclave.»

A liga da Galiléia

Inúmeras ligas camponesas continuam sendo organizadas no interior de Pernambuco, congregando os lavradores para a luta em defesa dos seus direitos e pela conquista de melhores dias. Dentre elas destacam-se a da Galiléia,

liderada pelo velho lavrador José Francisco de Souza, o famoso Zezé da Galiléia, e a da Jabaatão, que tem na presidência o camponês Joaquim Canilo Santana.

A Liga da Galiléia tem mais de 800 associados. A sua atuação em favor dos lavradores tornou-se famosa em todo o Brasil, com a vitória alcançada no Engenho Galiléia, cujas terras foram desapropriadas pelo Estado, com a promessa de que os seus 616 hectares seriam distribuídos entre as 184 famílias que as cultivam.

Mas a luta na Galiléia continua. Zezé, assessorado pelos advogados Francisco Julião e Djacy Magalhães, comanda a nova resistência contra o golpe que o governador Cid Sampaio está tentando contra os lavradores.

Zezé da Galiléia, com seus 60 anos de idade, é um homem provado pelos duros embates da vida. Embora confiante na união dos trabalhadores do campo, o velho líder camponês vive sempre atento à conduta das autoridades. Agora mesmo, o agrônomo enviado pelo governador Cid Sampaio para fazer a demarcação das terras decidiu dividir a propriedade em áreas de 10 hectares. A prevalecer essa divisão apenas 61 das 184 famílias do Engenho seriam contempladas. Contra essa manobra, que visa a divisão dos lavradores, a Liga Camponesa levantou-se, exigindo que cada lavrador permanecesse na área de terra que já ocupa e cultiva. O agrônomo prometeu que as 123 famílias restantes, que não recebessem terras do Engenho, seriam transferidas para outras áreas a serem desapropriadas pelo Estado. Ocorre, entretanto, e isso quem conta é Zezé da Galiléia, que os lavradores do Engenho Pindoba, situado no município de Pau D'Alho, solicitaram do governador Cid Sampaio a desapropriação daquelas terras, e o governador respondera-lhes que não dispunha de dinheiro para isso. Sabedores desse fato os camponeses da Galiléia repudiaram a promessa do agrônomo, e continuam a lutar pela permanência de todos no Engenho Galiléia, até que outras terras sejam realmente desapropriadas e legalmente entregues aos lavradores.



Salviato aprendeu com os pernambucanos

Salviato Dias dos Santos, possuidor no município de Cascavel, é um homem que vive sob constantes ameaças dos grileiros. No Congresso de Londrina ele falou de suas lutas e aprendeu com as experiências dos seus companheiros pernambucanos.



Candangos em Londrina

Os candangos construtores de Brasília enviaram uma delegação fraternal ao I Congresso dos Trabalhadores Rurais de Londrina. Na foto, o presidente do Sindicato da Construção de Brasília quando cumprimentava a equipe de Francisco Julião, que também fora a Londrina levar a solidariedade dos camponeses pernambucanos aos seus irmãos paranaenses.



A Light na berlinda

Os trabalhadores em carris urbanos de todo o País, reunidos em sua I Convenção Nacional, discutiram em sua 1ª sessão, entre as quais a que solicita do Governo o tombamento físico e contábil dos bens da Light.

TRABALHADORES EM CARRIS URBANOS DECIDEM

Defender os Sindicatos Contra a Lei 1890

Reportagem de ACMANDO FRUCTUOSO

Trabalhadores nas empresas de carris urbanos de todo o País, reunidos em sua I Convenção Nacional, decidiram iniciar uma campanha de âmbito nacional visando a revogação da lei 1890, e a aprovação do projeto 619/59, que lhes confere os direitos assegurados na Consolidação das leis do Trabalho.

Essa posição dos trabalhadores se deve a nova situação que vem sendo criada em várias cidades, onde os serviços de carris urbanos passaram de mãos de particulares para as da municipalidade, do Estado ou de empresas de economia mista. Com essas transformações, a exemplo do que ocorreu em Santos, onde os serviços de bondes passaram da Light para a Prefeitura, os trabalhadores foram enquadrados na lei 1890 de 13-6-53, que transfere à Justiça do Trabalho para a Justiça Comum os dissídios individuais e coletivos entre empregados e empregadores. Essa alteração jurídica tem causado os mais sérios prejuízos aos trabalhadores, que perdem os direitos conferidos pela Consolidação das Leis do Trabalho. Esse fato tem causado a demissão de operários com mais de 10 anos de casa, e que pela CLT tinham alcançado a estabilidade. Os trabalhadores em carris urbanos de todo o País reivindicam, em virtude disso, o seu enquadramento na CLT e o respectivo direito de sindicalização, a exemplo do que ocorre com os marítimos, os quais, embora servidores autônomos, continuam regidos pela CLT e com pleno direito a sindicalização.

Defesa dos sindicatos

A outra tese que mereceu atenção especial dos convenionais diz respeito à luta pela sobrevivência dos atuais sindicatos dos trabalhadores em carris urbanos. O desaparecimento dos bondes como meio de transporte e sua substituição pelos trolley-bus (ônibus elétricos), estava ocasionando o desaparecimento dos sindicatos dos trabalhadores em carris urbanos, como já ocorreu em várias cidades do norte e nordeste do País. A fim de evitar o desaparecimento desses sindicatos, que possuem gloriosas tradições na história do movimento sindical brasileiro, foi reivindicado que os trabalhadores em trolley-bus e dos futuros «metrô» fossem enquadrados nos atuais sindicatos de carris.

A Comissão de Enquadramento Sindical, por unanimidade, considerou justa esta pretensão, tendo o seu parecer sido referendado pelo então ministro do Trabalho, sr. Parsifal Barroso, endossado por parecer favorável do Departamento de Bondes e Ônibus de Belo Horizonte, e ainda por decisão favorável sobre o assunto dos mais altos Tribunais de Justiça do País. No entanto, agora o sr. Batista Ramos, atual ministro do Trabalho, assinou a Portaria n. 102 de 30 de janeiro de 1960, enquadrando os trolley-bus nos sindicatos rodoviários.

Justamente indignados, os convenionais consideraram a Portaria 102 como um ato visando a liquidação dos atuais sindicatos de carris, tendo ficado resolvido que será levada também a efeito uma campanha de âmbito na-

cional visando a revogação daquela portaria por ser ilegal e antidemocrática.

Os bens da Light

Entre as moções aprovadas, destaca-se a que pleiteia das autoridades a promoção imediata do tombamento físico e contábil das empresas Rio-Light e associadas.

Como já noticiamos, aproveitando o fato de terminar em dezembro próximo o contrato do Ferro Carril Jardim Botânico (serviço de bondes da zona sul), a Light entrou com uma ação na Justiça visando a rescisão de todos os seus contratos de exploração dos serviços de bondes no Estado da Guanabara, exigindo ainda uma indenização de um bilhão e oitocentos milhões de cruzeiros, alegando prejuízos. Os trabalhadores em carris, partindo do princípio, «que não se pode considerar isoladamente o «defeito» no serviço de transporte, posto que sendo a Cia. Ferro Carril do Jardim Botânico e a Rio-Light elas de um mesmo grupo econômico, de um mesmo «holding» ou rede de empresas nas quais a «Brazilian Traction» detém sempre a maioria de suas ações, se tem sentido considerável os lucros ou prejuízos do «holding» em seu conjunto», resolveram recomendar aos governos federal e dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro, ao Congresso Nacional que, no tocante às empresas Rio-Light e associadas, determinem um Tombamento Físico e Contábil a ser realizado por uma comissão integrada entre outros técnicos pelas partes que realizaram o tombamento da Empresa de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul e de um indicado

pelos sindicatos de trabalhadores das empresas Rio-Light e associadas».

Apoio a Cuba

Outra moção que mereceu destaque foi a que pleiteia pela delegação de São Paulo, foi a de solidariedade aos bravos trabalhadores cubanos que lutam pela independência de sua pátria. Os convenionais se pronunciaram em defesa do direito de autodeterminação dos povos e contra qualquer intervenção dos imperialistas norte-americanos nos assuntos internos de Cuba.

A sessão solene do encerramento foi presidida pelo sr. Odílio Nassimant de Sá, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, e a ela compareceram dirigentes sindicais do Estado da Guanabara e do Rio Grande do Sul, o representante do Diálogo D.N.T., o presidente do C.N.T.T.T. e o presidente da Cooperativa dos Trabalhadores da Light do Rio de Janeiro.

A Convenção, que se realizou de 9 a 10 do corrente, reuniu os representantes dos trabalhadores em carris urbanos de Belo Horizonte, Pôrto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Recife, Juiz de Fora, Niterói e Santos, que discutiram e adotaram resoluções sobre os assuntos relacionados com salário profissional e quadro de carreira, sucessão trabalhista nas encanicações e desapropriações das amônias concessionárias, horário de trabalho de seis horas, competência da Justiça do Trabalho e a lei 1890, representação sindical dos trabalhadores em trolley-bus, os trabalhadores em carris e o Congresso Sindical Nacional.

Chou En-Lai, o primeiro-ministro da República Popular da China, respondeu, por cinco horas e vinte minutos, perguntas dos jornalistas brasileiros. A entrevista culminava uma visita de um mês e três dias realizada por dirigentes sindicais dos profissionais de imprensa de nosso país, a convite da Associação Nacional dos Jornalistas da China.

Inicialmente, foi o primeiro-ministro chinês quem fez as perguntas, mostrando-se interessado pelo Brasil, pelo progresso de nosso povo. Mas logo os jornalistas brasileiros tomaram a ofensiva, apresentando longo questionário, e Chou En-Lai, calmo, repetindo enfaticamente suas afirmações, falou cinco horas seguidas.

O Problema da Paz e da Guerra

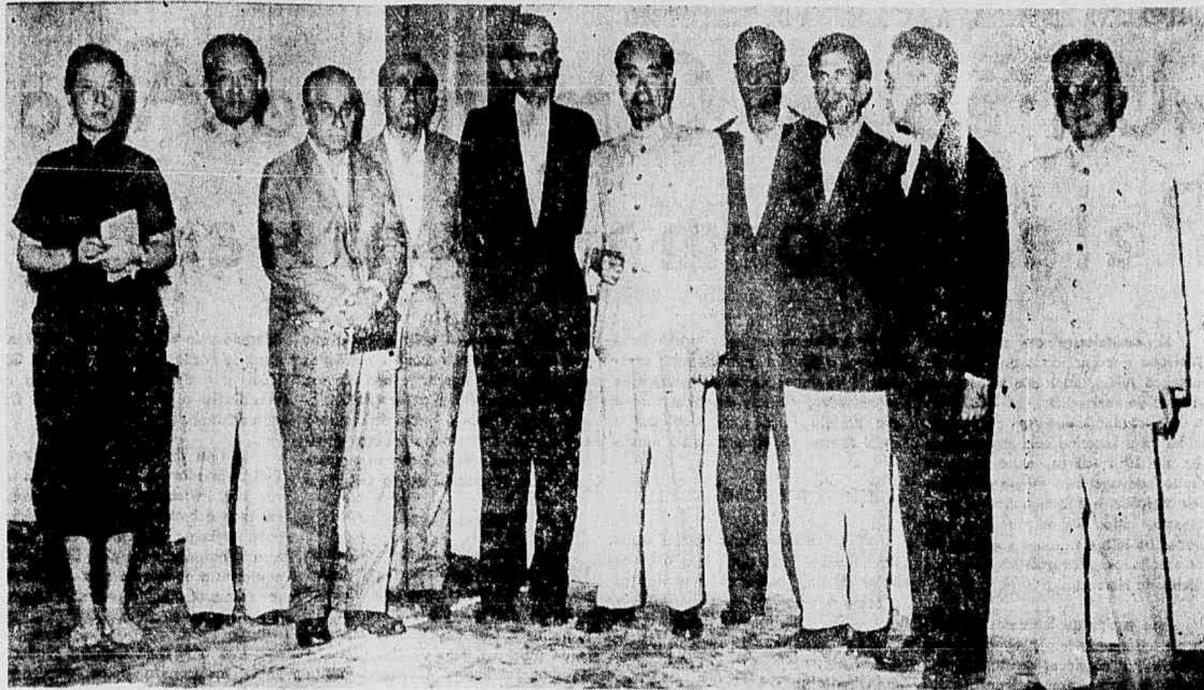
As primeiras perguntas foram sobre a situação internacional. Haverá paz? Haverá guerra? Como se desenvolverá a situação internacional? A que nos conduzirá a «guerra fria»? Quais as possibilidades da coexistência pacífica? Como pode o governo chinês contribuir para o relaxamento da tensão internacional?

De modo caracteristicamente chinês, Chou En-Lai sorriu e afirmou que tinha a fazer, inicialmente, algumas considerações gerais, talvez um pouco longas, mas indispensáveis para a compreensão de seu pensamento.

E começou, através seu intérprete, que falava espanhol:

— «Depois da segunda guerra, instalou-se no mundo uma situação geral de paz. Todos os povos estavam contra a guerra desencadeada pelos nazistas e queriam ardentemente a paz. E, passados 15 anos, uma nova guerra não se desencadeou. Mas isso ocorreu porque houve um esforço para impedir nova catástrofe. O fortalecimento das forças da paz vem impedindo o imperialismo de desencadear o conflito. E, como dizemos, o vento do Oeste prevalece sobre o vento do Oeste, as forças da paz prevalecem sobre as forças da guerra».

Chou En-Lai explica, com detalhes, o que entende por «forças da paz». São elas: 1 — o fortalecimento dos países socialistas, que, devido ao seu regime, se opõem à agressão, não têm interesse no desencadeamento de uma guerra e querem a coexistência pacífica. E exatamente a União Soviética, que dispõe de toda sorte de foguetes e armas, que propõe o desarmamento geral, a supressão das bases no estrangeiro, a destruição das armas atômicas e de hidrogênio; 2 — as forças dos países da Ásia, África e América Latina, em luta pela sua independência nacional, que impedem sejam os países dessas regiões reserva do imperialismo no caso de uma aventura guerreira. Desde o Japão até a Turquia, da Coreia do Sul até a Vietnam, na América Latina e na África, surgiu um auge de luta pela independência nacional, de luta antiimperialista. «Nós admiramos e respeitamos essas lutas» — afirmou Chou En-Lai; 3 — a luta revolucionária nos países imperialistas, o movimento de democratização desses países, na Europa ocidental e na América do Norte; 4 — o movimento pela paz mundial, abrangendo amplas esferas, dos países socialistas e capitalistas, todas as camadas da sociedade. «Não importa de que ângulo, queram a paz, o fato é que estão contra a guerra».



Chou En-Lai e os brasileiros

os perigos de guerra. É preciso mobilizar as forças da paz para conjurar esse perigo. Temos que esclarecer os

Chineses Querem Paz e Coexistência

Paz e guerra — o tema é extenso. Define a encruzilhada em que se encontra a humanidade. Todos os problemas podem ser vistos através desse prisma. E o primeiro-ministro da China não tinha pressa. Expunha seus pensamentos sistematicamente, a meia voz, muitas vezes sorrindo, e algumas poucas vezes emprestando à suas afirmações um tom enérgico e decidido.

— «O povo chinês quer a paz e a política exterior da China é de paz. E a mesma política exterior de paz da União Soviética e dos demais países socialistas. Desejamos que seja mantida a paz mundial, somos pela coexistência pacífica entre os países de sistemas sociais diferentes, somos contra as guerras parciais do imperialismo. Estamos contra a «guerra fria» e somos pela diminuição da tensão internacional. Trabalhamos para esse fim. Porém, se o imperialismo nos ameaça com a «guerra fria», devemos dar-lhe uma resposta enérgica, como o fez a União Soviética ao derrubar o avião de espionagem U2, ao desmascarar Ike na Conferência de Paris, ao suspender as negociações em Genebra para fazê-lo ante a ONU. Dêse modo, pode-se fa-

Após a entrevista, Chou En-Lai posou ao lado da delegação brasileira, aparecendo com Benedito Ribeiro, presidente do Sindicato dos Jornalistas de S. Paulo, José Frederico Sobrinho, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, Lucílio Teixeira de Castro, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, Aimeré de Paula e Souza, tesoureiro do Sindicato dos Jornalistas do Ceará, Pimentel Gomes, da ABI, e Carlos Alberto Costa Pinto, procurador da Federação Nacional dos Jornalistas. Também aparece na foto o sr. Fu Min Chin, presidente da Associação dos Jornalistas Chineses.

povos. De outro modo poderiam ficar adormecidos. É um primeiro aspecto da questão que desejava esclarecer.»

zer fracassar a guerra fria. Estamos pelas negociações com os imperialistas para resolver todos os problemas pendentes. E não são apenas palavras. Durante a guerra da Coreia, sustentamos negociações de dois meses para poder chegar a um armistício. Agora, nosso embaixador em Varsóvia está realizando negociações com o embaixador norte-americano. Estas negociações duram já há quatro anos, com 98 reuniões, e isso abre um novo recorde na história diplomática. E vamos continuar... Apoiamos a URSS na convocação de uma nova conferência das quatro potências, apesar da primeira ter sido sabotada pelos imperialistas. Mas as conferências internacionais devem ter o apoio dos povos para obrigar os imperialistas a entabularem negociações sérias. O campo socialista, encabezado pela União Soviética, tem liderado reiterados esforços para estabelecer a coexistência pacífica no mundo. A China, juntamente com a Índia e a Birmânia, em documento memorável, formularam os princípios que permitiriam essa convivência pacífica: respeito mútuo à soberania nacional e à integridade territorial dos países, exclusão radical e definitiva da agressão, não interferência nos assuntos internos, convivência e respeito recíproco e relações na base da igualdade e proveito mútuo. Na Ásia temos levado adiante a coexistência pacífica. A China, a Índia, o Ceilão, a Indonésia e o Camboje fizeram declarações nesse sentido. E concluímos acordos de paz e amizade com a Birmânia e o Nepal. Na Europa, a União Soviética convive pacificamente com a Finlândia, a Suécia e a Austrália. Isso significa que as zonas de paz se expandem dia a dia, criando novos obstáculos ao desencadeamento de uma guerra. Nossa posição é, portanto, de paz. Foi assim no passado e será no futuro. Mas sabemos que teremos que lutar por isso, unindo todas as forças da paz e realizando negociações que nos conduzam à conquista de uma paz duradoura e verdadeira.»

Reações Com Índia, Indonésia e Japão

Chou En-Lai mostrava-se disposto a responder todas as perguntas, apesar do adiantado da hora. Por vezes, enquanto o intérprete traduzia suas palavras, levantava-se, ia até a porta do salão, olhava o grande jardim, e retornava ao lugar. Indagamos sobre as relações com a Índia e a Indonésia, se haviam surgido dificuldades, e sobre como via a evolução dos acontecimentos no Japão:

— «A longo prazo, os povos de nossos países não têm conflitos de interesses fundamentais. Há amplas condições de amizade e sincera coexistência entre eles. Surgiram, entretanto, alguns problemas momentâneos, como o de fronteira entre a Índia e a China. A respeito desse problema, o Departamento de Informações do Ministério das Relações Exteriores tem emitido numerosos comunicados esclarecedores. Quando fui à Índia fiz muitas propostas práticas e positivas. Porém a Índia não as aceitou e somente chegamos a um acordo sobre dois pontos de procedimento. Será bom que o problema chegue a uma solução razoável, no final. Quanto ao caso dos chineses residentes na Indonésia, causou igualmente dificuldades, também momentâneas. Entretanto, com a amizade existente entre os dois povos será possível resolvê-las satisfatoriamente. É uma

lástima que em torno desses problemas se tenha criado um movimento antichinês na Índia e na Indonésia, atitude pouco amistosa que nos obriga a dar certas respostas. Apesar disso, acreditamos firmemente que a amizade entre os povos chinês, indonésio e japonês poderá desenvolver-se amplamente.»

As forças militares nipônicas que invadiram e ocuparam longamente o território chinês deixaram sérios ressentimentos, evidentemente generalizados, entre o povo daquele país. Assim, são significativas as palavras de Chou En-Lai sobre a questão que levantamos:

— «Apoiamos a luta do povo japonês por sua independência nacional, pela democracia, pela liberdade e pela paz. Consideramos que um Japão independente, de paz e de neutralidade entre os Estados Unidos, a União Soviética e a China, trará benefícios à paz no Extremo Oriente e no mundo. Temos proposto que se concerte um tratado de paz entre os quatro países, ou um pacto abrangendo todos os países asiáticos cujas costas são banhadas por este oceano, para estabelecer uma «zona desatomizada». Isso reflete um desejo dos povos e devemos lutar para realizá-lo. Com essa proposta visamos concretizar a coexistência pacífica.»

O Imperialismo Prepara a Guerra

— «Quando afirmamos que as forças da paz prevalecem sobre as da guerra, queremos dizer que a guerra não é, decididamente, inevitável», continuou Chou En-Lai. «Há que impedir seu desencadeamento, há que se opor a ela. Não houve guerra mundial nos últimos 15 anos. Quer isto dizer que não existe o perigo de guerra, que os Estados Unidos não estão fazendo preparativos bélicos, que não realizaram uma expansão armamentista? Não. Ao contrário, estão preparando a guerra, estão realizando uma política de guerra e de expansão armamentista. E isto é admitido francamente pela gente do Pentágono e pelos dirigentes norte-americanos. Estão fortalecendo as alianças militares agressivas, como a NATO, o Pacto de Bagdad, a SEATO, etc., estabelecendo suas bases em toda parte. Obrigaram, apressadamente, o Japão a aceitar um tratado de aliança militar inteiramente ilegal, fizeram uma aliança militar com a Austrália e a Nova Ze-

lândia. A partir do Canal de Suez, passando pelo oceano Pacífico, o oceano Índico até a Islândia, formou-se um verdadeiro cinto militar contra os países socialistas, contra a URSS e a China. Hoje, o único país que pode desencadear uma guerra mundial são os Estados Unidos. A Inglaterra e a França já não podem encabeçar o desencadeamento de uma guerra. O militarismo da Alemanha e do Japão, embora resurgido não está ainda em posição de fazê-lo. Diante do mundo capitalista, os Estados Unidos ocupam uma posição de caudilho. E entre a «clique» imperialista há verdadeiros monarcas de guerra, que não encontram saída na coexistência pacífica e pensam encontrá-la em um conflito mundial. Por isso há o perigo de guerra e existirá enquanto existir o imperialismo. Mas há também a possibilidade de impedir a agressão tramada pelos imperialistas norte-americanos, com o fortalecimento das forças da paz que, desse modo, limitam

China, América Latina e Comércio

Neste capítulo das relações internacionais da China, não poderíamos deixar de focalizar a América Latina, inclusive as possibilidades de relações diplomáticas. A resposta hábil e simpática veio nos seguintes termos:

— «Ainda não temos relações diplomáticas com os países da América Latina que, integradas na ONU, continuam a ter relações dessa ordem com Chiang Kai-Chek. Compreendemos essa situação. Porém, as relações entre os povos de nossos países se desenvolvem cada vez mais. Acreditamos que também as relações diplomáticas, comerciais e culturais estão em vias de desenvolvimento. Esperamos sinceramente que, como cidadãos de um grande país da América Latina e como jornalistas, vocês fomentarão as relações entre os nossos povos, entre seus jornalistas e homens de ciência. O desejo do povo é fator decisivo nas relações entre os países e, se houver tal desejo, ele se realizará seguramente um dia. Podemos deixar as relações diplomáticas para o futuro. A falta delas não impedirá as relações entre os povos. Quiserá aproveitar esse momento para apresentar, por intermédio dos jornalistas brasileiros, as melhores vozes de progresso e as saudações amigas do povo chinês ao povo do Brasil.»

Abordamos, então, o problema do comércio internacional, cuja ampliação poderia servir de base a uma aproximação e um melhor conhecimento mútuo entre os povos. Chou En-Lai fixou os pontos-de-vista do governo chinês sobre o assunto, do mesmo modo que já havíamos ouvido em entrevista com o presidente do Banco da China:

Contra o Imperialismo e Pela Paz

Continuamos conversando ainda por longo tempo, trocando idéias e esclarecendo dúvidas sobre o que haviam visto da construção do socialismo na China. Sobre a «política das duas pernas». «É inconveniente andar com uma perna só», diz Chou En-Lai... Depois de ressaltar a inquebrantável unidade do mundo socialista liderada pela União Soviética falou-nos de problemas ideológicos:

— «Somos tanto contra o revisionismo direitista, como contra o dogmatismo esquerdista. Contra o dogma-

«Como sabem, a China se encontra em situação de bloqueio. Porém isso não nos faz mal e, ao contrário, nos proporcionou vantagens. Somos obrigados a depender de nossos próprios esforços, para suprir nossas necessidades. O bloqueio foi uma fonte de energia com a qual realizamos o «grande salto adiante». Somos pelo comércio e pela cooperação econômica mas isso tem que ser feito em bases de igualdade e de proveito mútuo, sem comprometer a independência econômica, especialmente dos países subdesenvolvidos. A violação desse princípio é colonialismo. A ajuda econômica dos países ricos não deve sujeitar-se a qualquer condição de privilégio. E o imperialismo requer condições políticas para prestar qualquer ajuda, fazendo outros países tornarem-se seus apêndices econômicos, ou mercados de «dumping», ou lugares de exploração. A ajuda deve visar tornar independente as economias dos países ajudados, e isso não tem ocorrido com os países da Ásia, África, América Latina e mesmo da Europa que receberam ajuda dos Estados Unidos. Somos pelo comércio exterior amplo, que permita aos diversos países completar o que lhes falta trocando com o que falta a outros países. Mas o comércio e a cooperação econômica devem ser feitas na base da igualdade e proveito mútuo e deve-se ter sempre em conta, como principal, a necessidade da manutenção da independência nacional. A ajuda que o nosso país presta a outros países da Ásia é ainda pequena, mas é feita estritamente dentro desse princípio.»

O VENTO DO LESTE PREVALECE SOBRE O VENTO DO OESTE

Chou En-Lai Fala (5 Horas) Sobre a Paz e a Guerra a Jornalistas Brasileiros

Reportagem de G.A. COSTA PINTO

Guerras Parciais e a Guerra Fria

Apesar de ter caído a noite, o ambiente continuava muito quente. Todos suávamos, inclusive Chou En-Lai, vestido com o «dolman» cinzento de casemira, alpercatas muito bem enguachadas. Utilizávamos largamente as toalhas molhadas e levemente perfumadas que os chineses sempre oferecem aos seus hóspedes, conjuntamente com o tradicional chá verde sem açúcar.

— «Não houve uma guerra mundial nos últimos 15 anos, mas as guerras parciais nunca cessaram. A princípio houve, no sul da China, a guerra colonial realizada pela França, depois houve a agressão contra a Coreia, partindo de 16 nações encabezadas pelos Estados Unidos. Depois, os Estados Unidos enviam suas forças armadas aos estreitos da China, entre a nossa ilha de Taiwan e o território continental. A Inglaterra e a França desencadearam, depois, uma guerra pela posse do Canal de Suez, e desembarcaram suas forças no Nepal e na Jordânia. Veio em seguida a guerra de Cuba. Na Argélia uma longa luta sangrenta prossegue. São todas guerras parciais que vêm ocorrendo, e não desapareceram as possibilidades do surgimento de outras. As causas dessas guerras estão no sistema do imperialismo, que gera a guerra mundial, ou a guerra colonial, ou a que é feita pelos ditadores para oprimir seus próprios povos. Assim, não houve guerra mundial,

mas não foi alcançada a coexistência pacífica. O imperialismo teme a paz, que pode acarretar a decomposição de suas alianças militares, causar a perda de suas bases, diminuir seu mercado internacional, limitar sua exploração sobre os países coloniais e dependentes. Mas temem desencadear um conflito armado contra as forças potentes do campo socialista, porque, sem dúvida, isso também causaria dificuldades... Então realizam a guerra fria, criam a tensão internacional, desenvolvem a «política à beira da guerra». Existem numerosos exemplos disso, inclusive a Conferência de Cúpula das quatro potências, que fizeram fracassar, as altitudes adotadas na Conferência de Genebra. O marechal Montgomery me contou que um quarto dos bombardeiros pesados dos Estados Unidos estacionados na Europa estão carregados com bombas de hidrogênio. Em tais condições, como poderia haver uma coexistência pacífica? Um descuido, pequeno embora, poderá acarretar um grande conflito. E, ainda agora, a viagem de Ike ao Extremo Oriente teve o propósito de aumentar a tensão internacional e de intimidar os povos desta parte do mundo, mas recebeu uma boa resposta e a própria classe dominante americana reconhece o fracasso dessa política de ameaças, «à beira da guerra», articulada por Dulles. Esse é outro aspecto do problema que desobriga a paz».

«A Nossa Ilha de Taiwan»

Abordamos um assunto de grande susceptibilidade para os chineses. A China pretende retomar a ilha de Taiwan pela força das armas? Isso poderia agravar a tensão internacional? A resposta de Chou En-Lai corresponde exatamente ao estado de espírito generalizado que encontramos a respeito em todos os chineses, a mesma firme decisão:

— «Taiwan é parte do território chinês. E a guerra entre Chiang Kai-Chek e nós é a continuação da guerra civil que libertou nossa pátria. Se Chiang abandona suas proclamações e provocações bélicas e entabula negociações com o governo central, poderemos empregar métodos pacíficos para libertar Taiwan. Se realiza provocações militares, temos o direito de libertar Taiwan recorrendo às armas. Não importa de que forma. A libertação de Taiwan é assunto interno da China. Nenhum país estrangeiro tem o direito de imiscuir-se nos assuntos internos de nosso país. A respeito da ocupação de Taiwan por forças armadas norte-americanas, estamos entabulando negociações em Varsóvia com os Estados Unidos, na esperança de resolver esse problema. Quer dizer, mediante negociações pacíficas, queremos que o exército norte-americano se retire de Taiwan e reconheça a soberania da China, facilmente a libertação da ilha. Os Estados

Unidos não querem aceitar isso. Podemos esperar. E continuaremos as negociações e um dia resolveremos este problema.»

Outra pergunta foi feita imediatamente: que perspectivas há para a entrada da China na ONU, a favor da qual a opinião pública mundial já se manifestou favoravelmente?

— «Chegará o dia, mas não será muito em breve» — respondeu Chou En-Lai sorrindo. E acrescentou, já de fisionomia fechada:

— «Na ONU há um representante de Chiang Kai-Chek, que se declara representante da China. Não podemos tolerar, de modo algum, que haja nas Nações Unidas duas Chinas. Preferimos que, ou continue a situação atual, ou que nosso representante na ONU exclua o de Chiang Kai-Chek. E não somente na ONU, senão em todas as organizações internacionais. Se, em uma organização internacional, surgirem duas Chinas, então nós nos retiraremos. A política dos Estados Unidos tende a criar duas Chinas e alguns países os seguem nos bastidores. Nós nos opomos a esta política.»

CONSELHO DA UNE EM BRASÍLIA

Reforma Para Moralizar Universidade Brasileira

Instalou-se em Brasília, quinta-feira, o Conselho Extraordinário da União Nacional dos Estudantes, reunindo as diretorias de todas as Unões Estaduais de Estudantes do país, em número de vinte e uma.

A agenda do encontro dos líderes estudantis consta de dois itens: exigência de solução imediata para as crises que grassam nos meios universitários da Bahia, São Paulo (Universidade do Mackenzie), Rio Grande do Sul (Escola de Agronomia de Pelotas), Pará e Minas Gerais (Faculdade de Ciências Econômicas da UMG); e planejamento de uma campanha de grande envergadura pela reforma da universidade brasileira que, segundo os jovens, «está conduzida de um modo completamente alheio às nossas necessidades de ensino e sem atendimento algum à realidade nacional».

Saliente-se que no último congresso nacional da classe, realizado em Belo Horizonte em julho passado, o problema da reforma universitária foi o principal fator da grande demonstração unitária em que resultou o conclavio, tendo mesmo se constituído na recomendação primordial inserida no Programa Mínimo Administrativo a ser cumprido pela atual diretoria da UNE.

Advertência

No dia 11 de agosto (e durante os quatro dias seguintes) noventa por cento das escolas superiores do Brasil ficaram às moscas. E' que de acordo com o combinado na capital mineira, os universitários brasileiros se solidarizavam, por intermédio de uma greve, com as denúncias levadas ali pelas bancadas baiana, mineira, paulista e gaúcha, de fatos comprovadores de como a nossa universidade marcha para a total falência cultural, didática e administrativa. Em escolas e universidades daqueles Estados vinham ocorrendo desmandos de administração de tamanha monta, tal a precariedade curricular e de corpo docente, tão gritante a deficiência de instalações, que os alunos, após esgotarem os esforços no afã de remediar a situação de uma outra maneira, viram na greve a única possibilidade de forçar uma modificação de semelhante quadro.

A parede nacional do dia 11 teve um sentido de advertir as autoridades para que atendessem aos estudantes em greve, o que não ocorreu. Logo em seguida o Pará veio juntar-se aos Estados grevistas. Pelo mesmo motivo: protesto contra o descalabro reinante em

suas escolas superiores. Situação que, de resto, é a mesma em toda a nação.

Bahia é o ponto nelvrágico

Em Salvador existe uma residência para universitários. E' um imprecioso prédio no interior do qual 76 jovens se amontoam como podem. Não muito distante do local, no Largo da Vitória, 2-A, está situado moderno e amplo palacete adquirido pela Reitoria da Universidade da Bahia, a um parente do reitor Edgar Santos, por cinco milhões de cruzeiros. A réplica baiana de «River-Side» constitui a chamada Residência Internacional, e abriga oito estudantes americanos bolsistas na UB. Alguns universitários necessitados de moradia ocuparam os diversos aposentos vagos da casa, no que foram apoiados pelos diretores de suas entidades. Isto foi o suficiente para o reitor Edgar Santos suspender por quarenta dias toda a liderança universitária (Presidente da UEB, Presidente do DCE e presidentes dos Centros Acadêmicos da Universidade), sem levar em conta a proximidade de provas parciais. A arbitrariedade do reitor chocou a massa estudantil que, de imediato, entrou em greve solidária com seus líderes. O movimento propiciou aos jovens uma tomada de posição frente à realidade de sua universidade: eles denunciaram então a coação e cerceamento dos direitos estudantis de que vêm sendo vítimas há muito tempo, a má aplicação dos recursos por parte da Reitoria, a deficiência do ensino e ausência de pesquisa, a falta de publicidade de documentos, dos atos e contratos administrativos e a administração autocrática e clientelista.

O todo-poderoso

Edgar Santos ameaçou fechar a universidade por seis meses. E mais: acabaria com o restaurante universitário. A opinião pública, desde o início com os moços, revoltou-se contra tanta arrogância.

Os estudantes elaboraram um «dossier» e foram com ele às autoridades, exigindo solução para os seus problemas. Desde então os contatos entre líderes nacionais da classe e o Ministro da Educação têm sido constantes; o Presidente da República foi à Bahia — mas nada disso contribuiu para a solução desejada. E' que o reitor, após 14 anos de implacável «ditadura» na UB ganhou tal força, derivada de suas ligações políticas e de negócios, que qualquer solução que possa causar o mais leve arranhão no seu prestígio é posta de lado pelos responsáveis pela educação no país.

O que fará os estudantes voltarem às aulas

Para dar por terminada a parede, os estudantes pleiteiam: a) revogação das suspensões impostas à direção universitária; b) garantia de que farão provas parciais; c) instalação de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar as irregularidades por eles denunciadas na universidade. A greve na Bahia dura já 70 dias.

São Paulo na expectativa

Setenta dias, igualmente, foi quanto durou a greve na Universidade do Mackenzie, em São Paulo. A parede foi suspensa até que se pronuncie uma comissão que o Ministério da Educação enviou para São Paulo com o fim de estudar «in loco» as denúncias formuladas pelos alunos. O movimento ali se prende à melhoria do nível de ensino e à condenação da apropriação que o organismo (lanque) que controla a universidade faz das subvenções governamentais e das altas taxas que são cobradas aos alunos.

Do Pará ao Rio Grande

Em Belém, outro reitor além de, há três anos, não pagar os salários do corpo docente de duas faculdades, Filosofia e Ciências Econômicas, ainda quer fechá-las por «desnecessárias aos interesses da região». Os professores foram os primeiros a entrar em greve. Em seguida todo o estudantado paraense aderiu ao movimento.

Em Pelotas (R.G. do Sul), os alunos de sua Escola de Agronomia após árdua campanha conseguiram do Ministério da Agricultura (a quem a escola pertence) a construção de um novo prédio para substituir suas deficientes e anacrônicas instalações. Até hoje — e já estamos há alguns anos da construção do novo edifício — a escola continua a funcionar (?) nas velhas instalações em processo avançado de desmoronamento. Providências dos poderes públicos, apesar de instados várias vezes, nada. Agora com a parede os estudantes estão confiantes em que resolverão a questão.

Ivon caiu!

Com a exoneração do sr. Ivon Magalhães do cargo de diretor da Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais obtiveram os alunos daquele estabelecimento uma grande vitória inicial na luta que empreendem para a recuperação da escola. O sr. Ivon foi acusado pelos alunos de, entre outras

coisas, interferir na direção dos currículos, impossibilitando a livre manifestação de pensamento dos professores. A saída do sr. Ivon Magalhães, entretanto, não é a única exigência dos universitários. Eles insistem ainda em que: a) seja autorizada a abertura para concursos de cátedra e livre docência; b) seja pôsto um parêntese no manuseio irregular de verbas; c) seja dada orientação dielética para seu restaurante.

Republica. Para que os homens do governo sentissem uma maior pressão do movimento estudantil, caravanas que partiriam de ônibus para Brasília estavam sendo organizadas. Saindo do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Goiânia, centenas de jovens promoveriam, na Praça dos Três Poderes, um acampamento que somente seria levantado com o atendimento por parte de quem de direito das reivindicações estudantis.

A reforma universitária. Fatos tais como: «a falta de uma adequada participação dos alunos na fixação das diretrizes do ensino e na

definição das faculdades»; «a elaboração de currículos e programas completamente alienados da vida prática e do momento histórico que a nação atravessa»; «a existência de uma maioria de professores desinteressados, incapazes, encarando o magistério como mera ocupação complementar e transferindo para o ensino que ministram as próprias deficiências»; e «a total ausência de pesquisas sérias», trazem aos jovens a compreensão de que a nossa universidade está ultrapassada e de que é imperioso reformá-la.

E é de uma organização para esta luta que, a partir de hoje, em Brasília, os universitários também estarão tratando.



Ensinando a reforma do ensino

Republica. Para que os homens do governo sentissem uma maior pressão do movimento estudantil, caravanas que partiriam de ônibus para Brasília estavam sendo organizadas. Saindo do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Goiânia, centenas de jovens promoveriam, na Praça dos Três Poderes, um acampamento que somente seria levantado com o atendimento por parte de quem de direito das reivindicações estudantis.

REITOR DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Esconde os Milhões Que Recebe e Persegue Líderes Estudantis

Algumas das acusações feitas ao reitor Edgar Santos pelos universitários baianos:

- 1 — Proibição de rádio-transmissão dos discursos de formatura, por temor de críticas à administração da Reitoria.
- 2 — Imposição de censura aos discursos de formatura dos acadêmicos oficiais.
- 3 — As dotações para gastos com material de ensino para a UB, nos anos de 1958, 1959 e 1960 foram fixadas em Cr\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros), quantia inferior à dotação de aparelhos e utensílios de copa, que foi nos três anos de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros).
- 4 — A Reitoria dá maior importância à aplicação de recursos em imóveis do que em qualquer outra finalidade, como demonstram os balancetes dos anos de 1957 e 1959. As inversões em terreno, que eram de Cr\$ 27.016.873,90 em 1957, subiram em 1959, para Cr\$ 118.422.436,50, apesar de, no orçamento da UB, existir, para desapropriação e aquisição de imóveis, apenas a dotação de Cr\$ 9.562.000,00 em 1958 e Cr\$ 18.000.000,00 em 1959.
- 5 — As obras, quando se trata dos estabelecimentos do ensino, são intermináveis, como a Escola Politécnica e a Faculdade de Direito; enquanto isso, outras obras de interesse secundário são concluídas em tempo recorde, como foi o caso do Museu de Arte Sacra.
- 6 — A Faculdade de Farmácia não possui instalações adequadas, sendo significativas as declarações do seu Diretor de então, Professor Eliezer Coutinho. Urge, pois, que seja construído o quanto antes o prédio da Faculdade, para cuja edificação já foram entregues à Reitoria muitos milhões de cruzeiros, numa dezena de anos. Segundo dados já apurados, foram entregues as seguintes importâncias: quatro milhões em 1953, três milhões em 1954 e dois milhões em 1960. As dotações orçamentárias relativas aos exercícios anteriores a 1953, bem como as correspondentes aos anos compreendidos entre 1954 e 1959 não constam da contabilidade da Universidade. Entretanto, até o presente data nem a pedra fundamental foi lançada.
- 7 — A Escola de Nutricionistas não possui instalações próprias. Enquanto isso, a Reitoria providenciou crédito es-

pecial para construir o Instituto de Cultura Hispânica.

8 — Através de convênio firmado com o MEC, a UB, para construção do Instituto de Química, teve verbas no montante de setenta milhões de cruzeiros. Isto desde 1958. Até agora, não existe Instituto de Química na Bahia.

9 — Os orçamentos analíticos da Universidade nunca são publicados.

10 — As tabelas de lotação e distribuição do pessoal não são publicadas.

REINTEGRAÇÃO DE DIREITOS

Secundaristas Mineiros Realizam Congresso e Apóiam Nacionalismo

BELO HORIZONTE (Do Correspondente) — Os estudantes secundários desta capital realizaram, com êxito, seu IV Congresso Municipal. Por proposta unânime dos vinte bancadas presentes ao certame, foi apresentada à nova diretoria da entidade uma série de importantes reivindicações, prevendo a participação efetiva da UMES no movimento nacionalista e a realização de um conjunto de iniciativas do interesse dos estudantes.

Entre as reivindicações apresentadas destacamos as seguintes: prestigiar os grêmios e trabalhar pela união dos secundaristas; promover conferências e cursos de férias; publicar trimestralmente o órgão oficial da UMES e editar, anualmente, uma revista; promover concursos de oratória, conto, crônica e poesia, bem como concursos de monografias sobre problemas econômicos, culturais, artísticos, sociais e científicos; promover torneios esportivos entre os secundaristas da capital; lutar pela gratuidade do ensino de grau médio; centralizar a distribuição de carteiras de identidade estudantil num departamento especializado.

Secundaristas Mineiros Realizam Congresso e Apóiam Nacionalismo

BELO HORIZONTE (Do Correspondente) — Os estudantes secundários desta capital realizaram, com êxito, seu IV Congresso Municipal. Por proposta unânime dos vinte bancadas presentes ao certame, foi apresentada à nova diretoria da entidade uma série de importantes reivindicações, prevendo a participação efetiva da UMES no movimento nacionalista e a realização de um conjunto de iniciativas do interesse dos estudantes.

Entre as reivindicações apresentadas destacamos as seguintes: prestigiar os grêmios e trabalhar pela união dos secundaristas; promover conferências e cursos de férias; publicar trimestralmente o órgão oficial da UMES e editar, anualmente, uma revista; promover concursos de oratória, conto, crônica e poesia, bem como concursos de monografias sobre problemas econômicos, culturais, artísticos, sociais e científicos; promover torneios esportivos entre os secundaristas da capital; lutar pela gratuidade do ensino de grau médio; centralizar a distribuição de carteiras de identidade estudantil num departamento especializado.

11 — Os sistemas de concessão de bolsas a pós-graduados e a alunos para cursos no exterior, não atendem a qualquer critério de seleção, mas tão somente aos caprichos e simpatias do Reitor. Quando os estudantes procuram saber o critério adotado, nunca a Reitoria dá a mínima informação.

12 — Os sistemas de concessão de bolsas a pós-graduados e a alunos para cursos no exterior, não atendem a qualquer critério de seleção, mas tão somente aos caprichos e simpatias do Reitor. Quando os estudantes procuram saber o critério adotado, nunca a Reitoria dá a mínima informação.

13 — Uma das grandes dificuldades por que passa a Universidade é que altos dirigentes dela têm inúmeras atividades e afazeres outros que os impossibilitam dedicar-se com zelo e eficiência à solução dos problemas educacionais, como é o caso do Professor Orlando Gomes, vice-Reitor, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade, que também é presidente da Associação Comercial, presidente do Banco Mercantil Sergipense, advogado militante e incorporador de imóveis.

14 — Os sistemas de concessão de bolsas a pós-graduados e a alunos para cursos no exterior, não atendem a qualquer critério de seleção, mas tão somente aos caprichos e simpatias do Reitor. Quando os estudantes procuram saber o critério adotado, nunca a Reitoria dá a mínima informação.

REINTEGRAÇÃO DE DIREITOS

Secundaristas Mineiros Realizam Congresso e Apóiam Nacionalismo

BELO HORIZONTE (Do Correspondente) — Os estudantes secundários desta capital realizaram, com êxito, seu IV Congresso Municipal. Por proposta unânime dos vinte bancadas presentes ao certame, foi apresentada à nova diretoria da entidade uma série de importantes reivindicações, prevendo a participação efetiva da UMES no movimento nacionalista e a realização de um conjunto de iniciativas do interesse dos estudantes.

Entre as reivindicações apresentadas destacamos as seguintes: prestigiar os grêmios e trabalhar pela união dos secundaristas; promover conferências e cursos de férias; publicar trimestralmente o órgão oficial da UMES e editar, anualmente, uma revista; promover concursos de oratória, conto, crônica e poesia, bem como concursos de monografias sobre problemas econômicos, culturais, artísticos, sociais e científicos; promover torneios esportivos entre os secundaristas da capital; lutar pela gratuidade do ensino de grau médio; centralizar a distribuição de carteiras de identidade estudantil num departamento especializado.

Secundaristas Mineiros Realizam Congresso e Apóiam Nacionalismo

BELO HORIZONTE (Do Correspondente) — Os estudantes secundários desta capital realizaram, com êxito, seu IV Congresso Municipal. Por proposta unânime dos vinte bancadas presentes ao certame, foi apresentada à nova diretoria da entidade uma série de importantes reivindicações, prevendo a participação efetiva da UMES no movimento nacionalista e a realização de um conjunto de iniciativas do interesse dos estudantes.

Entre as reivindicações apresentadas destacamos as seguintes: prestigiar os grêmios e trabalhar pela união dos secundaristas; promover conferências e cursos de férias; publicar trimestralmente o órgão oficial da UMES e editar, anualmente, uma revista; promover concursos de oratória, conto, crônica e poesia, bem como concursos de monografias sobre problemas econômicos, culturais, artísticos, sociais e científicos; promover torneios esportivos entre os secundaristas da capital; lutar pela gratuidade do ensino de grau médio; centralizar a distribuição de carteiras de identidade estudantil num departamento especializado.

TAMBÉM EM JUIZ DE FORA

PARLAMENTARES CONTRA DIRETRIZES E BASES

Mais um pronunciamento contra a aprovação do projeto de Lei de Diretrizes e Bases do Ensino, que atualmente se encontra no Senado, acaba de ser feito, juntando-se a dezenas de outros, no mesmo sentido, desde que se iniciou a campanha nacional em defesa da escola pública, ameaçada de rude golpe pelos tubarões do ensino e seu portavoz, o deputado Carlos Lacerda.

Trata-se da indicação apresentada pelo vereador José Moreira Lanna, líder da bancada do Partido Trabalhista na Câmara Municipal de Juiz de Fora,

e cuja aprovação pela Casa reflete com fidelidade a opinião majoritária no seio de nosso povo, contrária àquele projeto de lei.

A indicação e vários considerandos destaca os aspectos negativos do projeto de Diretrizes e Bases, assinalando que o mesmo encerra gritante injustiça, pois o dinheiro público, proveniente dos impostos pagos por todos será canalizado para beneficiar escolas que são acessíveis apenas a uns poucos, rebatendo, além disso, o nível médio do ensino, pois é sabido que o ministrado pe-

las escolas públicas é superior ao das particulares, cujo objetivo principal consiste em corresponder aos interesses econômicos de seus proprietários.

A indicação aprovada pela Câmara Municipal de Juiz de Fora teve sua consequência prática numa série de apelos ao Presidente da República, aos presidentes das duas Casas do Congresso e a seus líderes de bancada no sentido de que o projeto seja modificado, aprovando-se emendas de cunho democrático que correspondam aos interesses do povo brasileiro.



Escola pública em toda a parte

O grito de alerta — «Querem acabar com a escola pública» — foi dado pelos estudantes. Nas salas de aula, primeiro; depois, na praça do povo. Agora todo o Brasil está de sobreaviso, e o direito de nossa população alfabetizar-se é defendido em toda a parte. Nas ruas e nas câmaras do legislativo. Como em Juiz de Fora

POWERS NÃO ESTAVA SÓZINHO:

Política de Provocações Dos EUA Julgada em Moscou



Família assiste

Os pais do piloto norte-americano Francis Powers, e sua esposa Bárbara receberam permissão do Governo soviético para se dirigir a Moscou, acompanhados de outros familiares e advogados, para acompanhar o processo. Tanto antes como depois do processo, os pais e a esposa do piloto puderam conversar com ele, levadas por seu advogado



Péssimo serviço

O piloto-espião norte-americano disse em seu depoimento que tinha prestado um péssimo serviço ao seu país, ao obedecer às ordens de seus comandantes militares. Afirmou ainda Powers que estava consciente de que cometera um ato hostil contra o povo soviético, apesar de não se considerar inimigo da URSS. Concluindo, Powers pediu clemência e foi atendido.



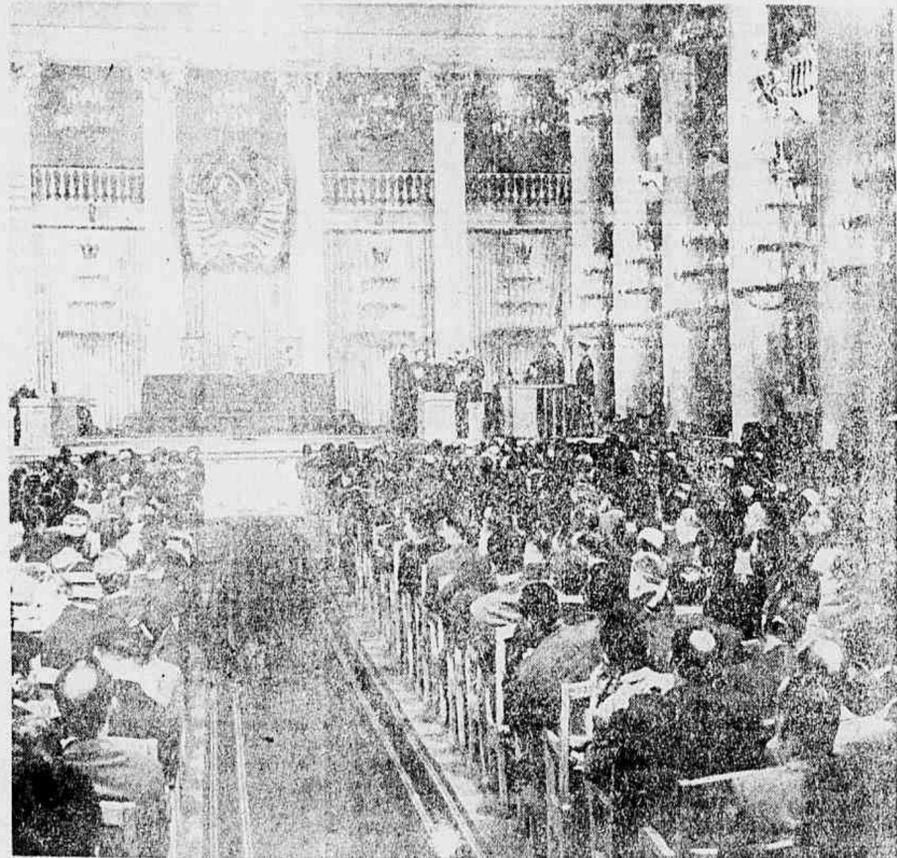
Confissão e arrependimento

Powers foi defendido pelo conhecido advogado soviético Griniov (em primeiro plano) que colaborou com Rudenko, o promotor, no processo de Nuremberg. O piloto confessou-se culpado e profundamente arrependido



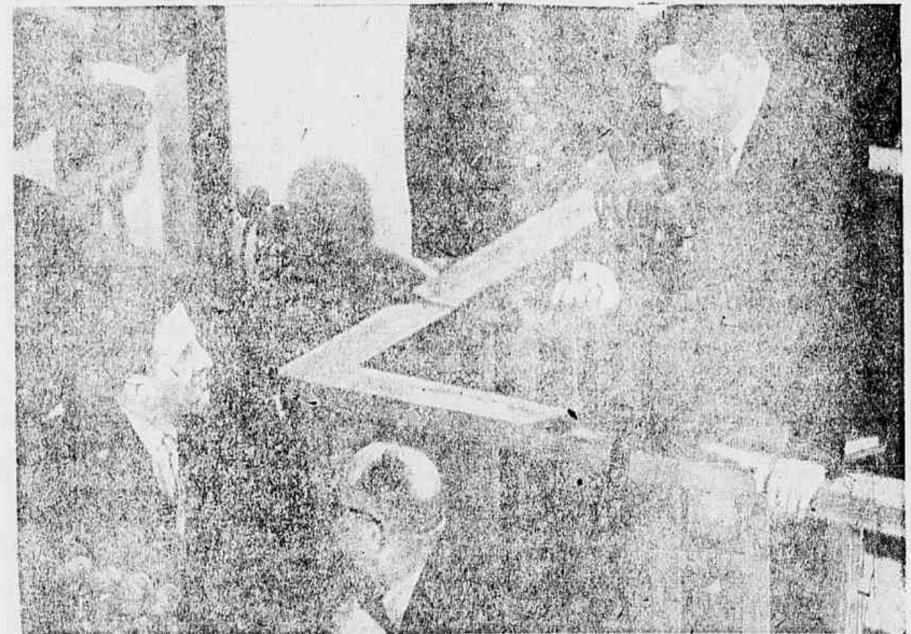
Todo mundo pôde ver

O julgamento, realizado na Casa dos Sindicatos, em Moscou, foi presenciado por grande número de trabalhadores e intelectuais soviéticos e por representantes diplomáticos estrangeiros. A sentença, hipocritamente considerada "pesada" por Eisenhower e companheiros, foi de dez anos, com apenas três de prisão celular, o restante da pena dependendo inclusive do comportamento do ex-piloto norte-americano. O advogado da defesa Griniov afirmou que a pena seria muito diversa se ao lado de Powers fossem julgados os verdadeiros responsáveis pelo voo provocativo



Pena foi leve

Em sua sentença final, o presidente do tribunal militar, tenente general V.V. Borisoglebski, disse ter levado em conta na determinação da penalidade a confissão do réu, seu arrependimento sincero e os princípios do humanitarismo socialista. A Constituição soviética prevê para o caso como pena mínima sete anos de prisão, e como máxima a morte



Acusado de bom humor

Powers gozou de ampla liberdade para interrogar as testemunhas e consultar seus advogados, chegando ao ponto de brincar com o assessor de Griniov. Quando lhe mostraram partes do avião e instrumentos e objetos encontrados em seu poder, o piloto os reconheceu, limitando-se a dizer que não utilizaria a pistola para matar ninguém, e sim para caçar

NOVOS RUMOS